

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

IVONE BARBOSA TARGA

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O ENSINO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: UM
ESTUDO ETNOGRÁFICO DA ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO- JACAREÍ, SP.

São Paulo
Março/2018

IVONE BARBOSA TARGA

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O ENSINO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: UM
ESTUDO ETNOGRÁFICO DA ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO- JACAREÍ, SP.

Linha de Pesquisa: Gestão e Avaliação

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Kanaane.

São Paulo
Março/2018

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS

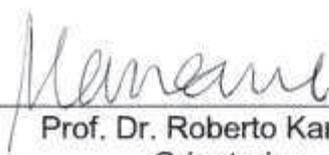
T185e Targa, Ivone Barbosa
Educação profissional e o ensino técnico em agropecuária: um estudo etnográfico da Etec Cônego José Bento – Jacaraí, SP / Ivone Barbosa Targa. – São Paulo : CPS, 2018.
163 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Kanaane
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2018.

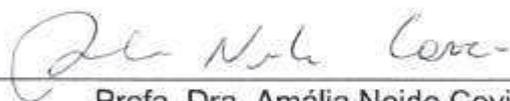
1. Etnografia. 2. Educação profissional. 3. Ensino técnico agrícola. I. Kanaane, Roberto. II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. III. Título.

IVONE BARBOSA TARGA

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O ENSINO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO, JACAREÍ, SP



Prof. Dr. Roberto Kanaane
Orientador



Profa. Dra. Amália Neide Covic
Membro



Profa. Dra. Senira Anie Ferraz Fernandez
Membro

São Paulo, 13 de março de 2018

Dedico este estudo ao meu pai pelo exemplo de ser humano ímpar que foi e pelos ensinamentos que me deixou como melhor herança que uma pessoa poderia ter.

(in memoriam)

*“O importante não é a magnitude de
nossas ações, mais sim a quantidade de
amor que é colocada nelas”.*

(Mãre Teresa de Calcutá)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof^o Dr^o Roberto Kanaane, pela dedicação, direcionamento nesse trabalho e oportunidade de crescimento intelectual.

As orientadoras da banca de qualificação e defesa, Prof^a Dr^a Amália Neide Covic e Prof^a Dr^a Senira Anie Ferraz Fernandez, pelos apontamentos pertinentes, contribuindo com seus conhecimentos e experiências.

Aos professores do Mestrado, dos quais eu tive a oportunidade de cursar as disciplinas e muito contribuíram na minha formação.

Aos colegas de trajetória do Mestrado, pelo apoio e auxílio nos momentos de tribulações.

A Prof^a M^a Júlia Naomi Kanazawa, pelo compartilhamento de materiais de pesquisa do Centro de Memória da Etec Cônego José Bento e pela atenção e disponibilidade a mim dispensadas.

A diretora Tânia Mara de Moraes da Etec Cônego José Bento, sempre solícita e que possibilitou a execução da pesquisa in loco.

A minha família por direta ou indiretamente permitir a conclusão deste trabalho.

Ao meu marido, Ednilson Celso Targa, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo auxílio com nossos filhos.

Aos meus pequenos, minhas inspirações, por despertarem o melhor de mim.

RESUMO

Targa, I.B. **Educação Profissional e o Ensino Técnico em Agropecuária: Um Estudo Etnográfico da Etec Cônego José Bento, Jacareí, SP.** 163f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, (CEETEPS), São Paulo, 2018.

Essa dissertação teve como objetivo principal identificar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau, no curso de agropecuária, sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba. Almejando esse escopo desenvolveu-se uma pesquisa com enfoque etnográfico, valorizando-se a cultura, as crenças e o espaço dos objetos de pesquisa. Para o registro dos participantes foram adotadas as técnicas de observação, análise documental, análise de conteúdo e fotografias, com aplicação de questionários aos discentes, docentes, egressos e funcionários e entrevistas semiestruturadas com a direção, coordenação pedagógica, coordenação do curso técnico em agropecuária (ETIM) e orientador vocacional. A amostra configurou-se a não probabilística, por conveniência da pesquisadora. Os sujeitos de pesquisa foram: 84 alunos, 10 professores, 15 ex-alunos, 4 funcionários e os quatro entrevistados mencionados. Verificou-se que embora os autores sinalizem para o fomento da economia agrícola no país e para a educação como ponto primordial para o desenvolvimento da agropecuária, os resultados mostraram que sob a óptica dos respondentes a principal trajetória apresentada corresponde à continuidade dos estudos em nível superior, principalmente na área agrícola. Isso é justificado pela pouca idade dos alunos, que almejam a universidade como plano de carreira. Portanto, este estudo aponta para a excelência na formação técnica agrícola, assim como a força cultural exercida pela Etec Cônego José Bento, no entanto, não se pode considerar o curso relevante para a realidade socioeconômica da região do Vale do Paraíba. Por tratar-se de uma pesquisa etnográfica, com características muito peculiares, sugere-se a extensão da abordagem estudada a outras realidades e contextos.

Palavras Chave: Etnografia. Educação Profissional. Ensino Técnico Agrícola

ABSTRACT

Targa, I.B. **Professional Education and Technical Education in Agropecuária: An Ethnographic Study of Etec Cônego José Bento, Jacareí, SP.** 163f. Dissertation. (Professional Master in Professional Education Management and Development). State Center for Technological Education Paula Souza, (CEETEPS), São Paulo, 2018.

This dissertation had as main objective to identify the relevance of the training in technical level of 2nd grade, in the course of agriculture and livestock, from the socioeconomic-cultural perspective for the Vale do Paraíba region. Targeting this scope was developed a research with ethnographic focus, valuing the culture, the beliefs and the space of the objects of research. Participants registered the techniques of observation, documentary analysis, content analysis and photographs, with application of questionnaires to students, teachers, graduates and employees and semi-structured interviews with management, pedagogical coordination, coordination of the technical course in agriculture (ETIM) and vocational counselor. The sample was set up as non-probabilistic, for the convenience of the researcher. The research subjects were: 84 students, 10 teachers, 15 former students, 4 employees and the four interviewees mentioned. It was verified that although the authors indicate the promotion of the agricultural economy in the country and for education as a primordial point for the development of agriculture and livestock, the results showed that from the perspective of the respondents the main trajectory presented corresponds to the continuity of the studies at a higher level , mainly in the agricultural area. This is justified by the young age of the students, who aspire to the university as a career plan. Therefore, this study points to the excellence in agricultural technical training, as well as the cultural strength exerted by Etec Cônego José Bento, however, can not be considered the relevant course for the socioeconomic reality of the Vale do Paraíba region. Because it is an ethnographic research, with very peculiar characteristics, it is suggested the extension of the topic addressed to other realities and contexts.

Keywords: Ethnography. Professional education. Agricultural Technical Education

LISTA DE FOTOS

Foto 1:	Escravos em terreiro de uma fazenda de café na região do Vale do Paraíba, década de 1882.....	21
Foto 2:	Igreja Matriz representando o período do café.....	25
Foto 3:	Igreja Matriz atual	25
Foto 4:	Solar Gomes Leitão-Grupo Escolar Coronel Carlos Porto, 1944	27
Foto 5:	Solar Gomes Leitão-Museu de Antropologia do Vale do Paraíba, 1980	27
Foto 6:	Estação Ferroviária de Jacareí na época dos Barões do café	28
Foto 7:	Pátio dos Trilhos e sede da Fundação Cultura de Jacareí	28
Foto 8:	Vista aérea da cidade de Jacareí – S.P.....	30
Foto 9:	Entrada principal da Escola Cônego José Bento	43
Foto 10:	Comemoração aos 80 anos da Escola Agrícola de Jacareí.....	43
Foto 11:	Alunos trabalhando com arado.....	45
Foto 12:	Horticultura (plantação de pepino e tomate)	45
Foto 13:	Aula de avicultura	45
Foto 14:	Aula de apicultura	45
Foto 15:	Aula de alvenaria.....	45
Foto 16:	Colheita do trigo.....	45
Foto 17:	Aula de desenho na década de 40.....	47
Foto 18:	Espaço de sala de aula atual	47
Foto 19:	Prédio administrativo na década de 30	48
Foto 20:	Atual Prédio Administrativo	48
Foto 21:	Setor de Suinocultura na década de 40.....	48
Foto 22:	Atual setor de Suinocultura	48
Foto 23:	Entrada do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.....	49
Foto 24:	Interior do Centro de Memória e a professora Júlia Naomi Kanazawa, responsável pelo acervo	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Municípios do Vale do Paraíba paulista em 2014	24
-----------	--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Evolução anual da balança comercial brasileira e do agronegócio no período 1989 a 2013 (em US\$ bilhões).....	56
Gráfico 2:	Perfil dos Alunos - Faixa Etária	72
Gráfico 3:	Perfil dos Alunos - Série Cursada	72
Gráfico 4:	Perfil dos Alunos - Inserção no Mercado de Trabalho.....	72
Gráfico 5:	Perfil dos Alunos - Tipo de Moradia e Cidade de residência.....	73
Gráfico 6:	Perfil dos Alunos - Posse de propriedade Rural.....	74
Gráfico 7:	Perfil dos Alunos - Obtenção da Renda Familiar.....	74
Gráfico 8:	Perfil dos Alunos - Fatores que influenciaram na opção pelo curso técnico ...	79
Gráfico 9:	Perfil dos Docentes - Faixa Etária.....	80
Gráfico10:	Perfil dos Docentes - Gênero.....	80
Gráfico11:	Perfil dos Docentes - Tempo de Magistério	81
Gráfico12:	Perfil dos Docentes - Tempo de Magistério na Etec Cônego José Bento	81
Gráfico13:	Perfil dos Docentes - Trabalho em outras escolas.....	81
Gráfico14:	Perfil dos Docentes - Trabalho em outras áreas de atuação	81
Gráfico15:	Perfil dos Docentes - Grau de importância dos conhecimentos/saberes aprendidos na formação profissional	82
Gráfico16:	Perfil dos Docentes - Opinião em relação ao ensino técnico integrado ao ensino médio	83
Gráfico17:	Perfil dos Docentes - Relação com a Etec Cônego José Bento.....	85
Gráfico18:	Perfil dos Egressos - Faixa Etária.....	89
Gráfico19:	Perfil dos Egressos - Gênero	89
Gráfico20:	Perfil dos Egressos - Ano de Conclusão	89
Gráfico21:	Perfil dos Egressos - Tipo de Moradia e cidade de residência.....	90
Gráfico22:	Perfil dos Egressos - Posse de propriedade Rural	90
Gráfico23:	Perfil dos Egressos - Obtenção da Renda Familiar	91
Gráfico24:	Perfil dos Egressos - Relação da ocupação atual com o curso técnico em Agropecuária	92
Gráfico25:	Perfil dos Egressos - Relação do Curso Superior concluído com o Curso Técnico em agropecuária	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Quadro síntese da fundamentação teórica	64
Quadro 2:	Resultados de pesquisa referentes questões da 11 a 18 - Alunos	75
Quadro 3:	Relação do Curso Técnico em Agropecuária com as necessidades do Vale do Paraíba (Questionário alunos).....	77
Quadro 4:	Relacionamento dos docentes com os diferentes agentes da unidade escolar .	85
Quadro 5:	Resultados de pesquisa referentes questões da 09 a 19 - Egressos	93
Quadro 6:	Relação do Curso Técnico em Agropecuária com as necessidades do Vale do Paraíba. (Questionário egressos).....	96
Quadro 7:	Perfil Geral dos funcionários analisados	100
Quadro 8:	Relacionamento dos funcionários com os diferentes agentes da unidade escolar.....	100

LISTA DE SIGLAS

AAPG	Associação Agropecuária e Sindicato Rural de Guaratinguetá
CCL	Cooperativa Central de Laticínios
CEETEPS	Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
CMN	Conselho Monetário Nacional
Coopavalpa	Cooperativa dos Produtores de Arroz do Vale do Paraíba
Ead Telecurso Tec	Programa de Formação Técnica e Qualificação Profissional à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ETAESG	Escola Técnica Agrícola Estadual de Segundo Grau
ETEC	Ensino Técnico de Nível Médio
ETIM	Ensino Técnico Integrado ao Médio
FAPIJA	Feira Agropecuária e Industrial de Jacareí
FATEC	Faculdade de Tecnologia
Fenata	Federação Nacional dos Técnicos Agrícolas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFs	Institutos federais de Educação, Ciências e Tecnologia
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MAV	Museu de Antropologia do Vale do Paraíba
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PIB	Produto Interno Bruto
PMJ	Prefeitura Municipal de Jacareí
PNE	Plano Nacional de Educação
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
Saeb	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEAD	Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social de Indústria

SRJ	Sindicato Rural de Jacareí
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TICS	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 O Vale do Paraíba e a Cidade de Jacareí: uma relação com a Agropecuária.....	20
1.2 A Educação Profissional no Brasil.....	31
1.3 O Ensino Técnico Agrícola e a Etec Cônego José Bento	39
1.4 Novo Cenário Rural: Perspectivas e Oportunidades.....	51
1.4.1 <i>Agronegócio.....</i>	54
1.4.2 <i>Agricultura Familiar.....</i>	57
1.4.3 <i>Tendências e Panoramas quanto ao Agronegócio e a Agricultura Familiar.....</i>	60
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA ETNOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO	65
2.1 Etnografia	65
2.2 Método Etnográfico.....	66
2.2.1 <i>Técnicas.....</i>	67
2.2.2 <i>Procedimentos</i>	67
2.2.3 <i>Amostra/Sujeito</i>	69
CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	71
3.1 Perfil das Amostras.....	71
3.1.1 <i>Pesquisa e Análise dos resultados - discentes</i>	71
3.1.2 <i>Pesquisa e Análise dos resultados - docentes</i>	80
3.1.3 <i>Pesquisa e Análise dos resultados – egressos.....</i>	88
3.1.4 <i>Pesquisa e Análise dos resultados - funcionários</i>	99
3.2 Análise e Interpretação dos dados de entrevista com Coordenador do Curso Técnico em Agropecuária (ETIM); Orientador Vocacional; Diretora e Coordenadora Pedagógica.....	102
CAPÍTULO 4 - CONCLUSÃO.....	108
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE A.....	121

APÊNDICE B	124
APÊNDICE C	129
APÊNDICE D	132
APÊNDICE E	136
APÊNDICE F	137
APÊNDICE G	138
APÊNDICE H	139
APÊNDICE I	140
ANEXOS A	144
ANEXOS B	150
ANEXOS C	153
ANEXOS D	156
ANEXOS E	161
ANEXOS F	162
ANEXOS F	163

INTRODUÇÃO

A ideia da relação entre os altos níveis de escolaridade com as melhores posições de emprego e profissão trazem uma concepção simplista diante de toda a complexidade que envolve trabalho, emprego, escola e profissionalização (MANFREDI, 2002).

Como sinaliza Frigotto (2007), precisamos entender tanto a dívida com a educação básica como as relações da educação profissional e tecnológica com o tipo de estrutura social em que está inserida. Saindo de um Brasil colônia e escravocrata durante séculos, partindo para a hegemonia da década de 90 e deparando-se com um período atual repleto de novos desafios.

As propostas para o Ensino Médio brasileiro foram marcadas historicamente pelo dualismo entre trabalho e educação. O Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio (ETIM) buscou contemplar a difícil missão de preparar para a continuidade dos estudos e ao mesmo tempo promover a inserção com o mundo do trabalho

A essência da educação é a ideia de desenvolvimento, a possibilidade de vencer o *status quo* e mudar a realidade que lhe foi dada. A educação voltada para o mundo do trabalho precisa estar inserida em um contexto muito mais complexo do que a simples instrumentalização de um capital humano. É preciso analisar seus conhecimentos tácitos e seu posicionamento diante da vida (SACRISTÁN, 2002).

O avanço tecnológico tem feito à área rural passar por profundas transformações. Uma grande quantidade de pessoas foi substituída por máquinas eficientes, porém a necessidade de mão-de-obra especializada tem se tornado cada vez mais significativa. Mesmo na agricultura, aponta Dellors (2012), existe a necessidade de rever as competências, a importância de saber e como saber fazer, não cabendo mais as qualificações por imitação ou repetição.

A escolha dessa linha de pesquisa deve-se ao fato da pesquisadora adotar como premissa ter cursado o ensino técnico em agropecuária na década de 90. Essa vivência possibilitou um novo olhar em relação ao curso e a necessidade de identificar esse perfil jovem que ingressa nos cursos técnicos, das necessidades e interesses de inserção no mercado de trabalho, desta forma apresenta-se como questão de pesquisa:

- ✓ Qual a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba?

Para responder essa questão tem-se como objetivo geral:

- ✓ Identificar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba.

Quanto aos objetivos específicos tem-se:

A – Analisar a visão de egressos do ensino técnico em agropecuária quanto às influências na formação e profissionalização;

B – Caracterizar o estágio atual do curso técnico em agropecuária promovido pela escola Cônego José Bento, quanto a sua estrutura e funcionamento.

Diante desses posicionamentos contemplaram-se no Capítulo 1 da fundamentação teórica os seguintes subtítulos:

- 1.1. A relação da região do Vale do Paraíba e da cidade de Jacareí com o contexto agrícola, referenciando a história da cultura do café e a importância de técnicas de cultivo apropriadas;
- 1.2. Perfaz a trajetória da Educação Profissional no Brasil;
- 1.3. Evidencia-se a história do Ensino Agrícola marcado pelo duplo preconceito de ser um ensino técnico atrelado ao assistencialismo e ao mesmo tempo por ser agrícola, ou seja, associado ao trabalho escravo, portanto desonroso;
- 1.4. Apresentam-se questões contemporâneas do cenário rural, como: sustentabilidade, agroecologia, segurança alimentar, agricultura familiar e incorporação da tecnologia no campo.

A metodologia etnográfica apresentada no Capítulo 2 justifica o fato da fundação teórica iniciar pelo locus, uma vez que permite e necessita dessa contextualização, valorizando a especificidade do ambiente e dos objetos de estudo nele inseridos, respeitando suas crenças, princípios e particularidades.

O Capítulo 3 apresenta os perfis das amostras e a análise e interpretação dos dados das entrevistas. No Capítulo 4 segue a conclusão, embasada pela análise de conteúdo, conforme Bardin (2011).

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse capítulo é dividido em abordagens, sendo que a primeira deles apresenta um levantamento documental e histórico do Vale do Paraíba e da cidade de Jacareí, relatando a relação da região com a agropecuária. Na segunda, aborda-se a trajetória da Educação Profissional no Brasil. Na terceira, apresenta-se o percurso do Ensino técnico agrícola e a história da Etec Cônego José Bento. Finalizando tem-se a contemporaneidade das questões agrárias, subdividido em: Agronegócio, agricultura familiar, tendências e panoramas quanto ao agronegócio e a agricultura familiar.

1.1 - O Vale do Paraíba e a Cidade de Jacareí: uma relação com a Agropecuária

Segundo relatos de cronistas e viajantes dos séculos XVII, XVIII e XIX e através de estudos históricos e arqueológicos a região do Vale do Paraíba foi ocupada por grupos indígenas das famílias linguísticas tupi-guarani e jê (LENCIONI, 1991). Os primeiros anos de povoamento se deram as margens que demarcavam o litoral e a serra através de assentamentos de desbravadores. A sua trajetória esteve sempre intimamente relacionada à agropecuária, no entanto o povoamento se deu através da agricultura de subsistência. A base da alimentação era o feijão, o milho, a mandioca, complementados com a abóbora, inhame, cará, urucum, palmito doce ou o amargo e a guariroba. Pescava-se e caçava-se: pacas, cotias, veados, quatis, porcos do mato, perdizes, codornas, saracuras, frangos- d'água, marrecos, patos, lagartos ou teiú e tatus.

A alimentação também era enriquecida com a coleta de frutas do mato e do campo, como jaboticabas, maracujás, araticuns, goiabas, pitangas, bananas, mamões, gravatás e pinhões. Enfim, os alimentos plantados e consumidos eram aqueles que a própria região oferecia, já que não se evidenciavam tropeiros ou aventureiros que justificassem algum tipo de comércio ou plantações em grande escala. A cana e o algodão forneciam o açúcar e o fio para tear e no século XVIII, ocorre à introdução do arroz por influência do Marques de Pombal. A vida social nas vilas nesse período se resumia a festas religiosas, missas, rezas, novenas, batizados, casamentos e enterros (WEIS e SANTOS, 1990).

Segundo os autores mencionados a cultura cafeeira começa suas atividades em 1790, sendo que o início do século XIX é marcado pelo envio desse produto da província de São Paulo

para Minas Gerais e Rio de Janeiro, por via terrestre, ou seja, pelo Vale do Paraíba. Em 1836 a monocultura se instalava, mesmo com intempéries como geadas, seca e erosão. Fatores esses amenizados pela umidade natural gerada pelo alicive das Serras do Mar e Mantiqueira, cobertas de floresta, que ofereciam proteção ao plantio. Em 1840 a cultura passa a ser considerada responsável pelo importante papel econômico, social e político do Vale Paulista, surgindo nesse momento uma nova aristocracia, a dos Barões do Café do Vale do Paraíba. Essa ascensão promove a necessidade da importação de escravos africanos, provocando alterações na estrutura social, constituição étnica, inclusive mudanças no modo de pensar, agir, comer, habitar da população. As moradias até então das fazendas, transferem-se para as cidades, que se desenvolvem as margens de estradas. As igrejas se tornam mais luxuosas e surgem as primeiras Santas Casas e Teatros. Com a necessidade de melhorar o transporte, em 1872, ocorre a incorporação da “Companhia São Paulo e Rio de Janeiro”, que consistia em uma linha ferroviária que partia de São Paulo passando por Mogi das Cruzes, Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena até Cachoeira Paulista, ligação que se efetivou em 1877. A valorização do café e a dificuldade na topografia do Vale incentivaram a modernização do transporte, além disso, a ferrovia garantia a preservação do produto contra danos. A **foto 1** mostra o terreiro de uma fazenda de café em 1882.

Foto 1: Escravos em terreiro de uma fazenda de café na região do Vale do Paraíba, década de 1882.



Fonte: Foto de Marc Ferrez – Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.
<http://blogdoims.com.br/emancipacao-por-lilia-schwarcz-maria-helena-machado-e-sergio-burgi/>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

A foto acima descreve além da dinâmica da escravidão no Brasil, à intensidade da atividade cafeeira na região.

Segundo Barros et al. (2008), a expressão “avalanche cafeeira” se deu pela rápida ocupação da cultura, que se intensificou pela grande procura do produto, passando de refinado para um hábito estimulante, assim sendo, muito interessante para o mercado crescente da classe operária, principalmente nos Estados Unidos influenciados pela Revolução Industrial.

Em 1890, com o esgotamento do solo, gerado por uma exploração predatória ocorre o declínio do café e conseqüentemente o abandono de grandes propriedades, fato que inspirou Monteiro Lobato no livro “cidades mortas” (WEIS e SANTOS, 1990). Decadência também gerada pela utilização inadequada de técnicas de plantio e cultivo que promoviam a erosão do solo, além dos desmatamentos e queimadas que geravam alterações no clima, que outrora era o grande triunfo da monocultura no Vale (BARROS et al., 2008).

Barros et al.,(2008) sinaliza ainda que com o declínio do café, houve uma segunda invasão mineira no Vale, sendo que a primeira teria sido por conta da aparente riqueza do plantio do café e a segunda pela criação de gado (produção de leite, derivados e carne), incentivados pela oferta barata de terras. Essa vertente perdurou até o século XX, sendo posteriormente substituída pela industrialização e outras atividades na região.

Com a crise cafeeira, a cidade de São José dos Campos, pouco valorizada até então, começa a receber as primeiras indústrias da região. O Vale do Paraíba tem um surto industrial entre 1966 e 1970 relacionado em parte com a duplicação da Rodovia Presidente Dutra, efetivada em 1967 (ARROYO, 2010). Assim como São José dos Campos, Taubaté teve uma significativa industrialização com grandes centros industriais e considerável número de operários. Jacareí, Cruzeiro e Guaratinguetá eram consideradas centros industriais médios e Caçapava, Lorena, Aparecida, Santa Isabel e Pindamonhangaba com pequenos centros industriais, enquanto Bananal, Tremembé e Areias tinham centros industriais pouco expressivos. As principais cidades industriais estavam localizadas às margens da rodovia Presidente Dutra, era o caso de Taubaté, São José dos Campos, Jacareí e Guaratinguetá. Entre 1960 e 1980, o processo de industrialização no Vale do Paraíba havia gerando crescimento econômico em poucas cidades, o que fomentou a migração de cidades mais pobres, direcionando-as as mais desenvolvidas. Essa questão proporcionou problemas socioeconômicos regionais. Além de promoverem nas cidades industriais problemas de grandes metrópoles, as pequenas cidades perdiam em mão-de-obra assalariada e continuavam assim, a depender da economia de subsistência (VIEIRA e SANTOS, 2012).

A trajetória do Vale do Paraíba sempre esteve intimamente relacionada à agropecuária.

Nos seus primórdios, o povoamento se deu através da agricultura de subsistência pela falta de meios de transporte que possibilitassem o contato com vários núcleos do país ou exterior. Posteriormente a região voltou-se a cultura da cana de açúcar, seguida pelo cultivo de café no século XIX, que trouxe grande desenvolvimento econômico para o local. No século XX um grupo de religiosos introduziu a cultura do arroz nas várzeas do rio Paraíba do Sul, trazendo junto técnicas de cultivo e irrigação. Com a abolição dos escravos e a decadência do café, a partir da crise econômica mundial de 1929, a região passou a adotar a pecuária de leite. A partir de 1930 com a decadência cafeeira, a produção e comercialização do leite nas fazendas do Vale do Paraíba foram impulsionadas pelas cooperativas que direcionavam suas produções aos grandes centros urbanos em expansão, sobretudo São Paulo, mesmo correndo o risco decorrente dos difíceis transportes, estocagem e conservação, já que se trata de um produto perecível. Em 1993, a CCL (Cooperativa Central de Laticínios) era composta por 8 cooperativas do Vale do Paraíba. Em 1999 constitui-se como uma sociedade anônima denominada “Paulista”. Em 2002 eram 13 cooperativas, totalizando 4500 produtores associados no Brasil (FERREIRA, OLIVEIRA, TALAMINI, 2006).

Mesmo com o aparecimento das indústrias, ainda há uma forte ligação da região com os aproveitamentos de matérias primas locais e beneficiamento ou transformação de produtos agrícolas, além disso, a agropecuária ainda tem grande importância para vários municípios da região. O Vale do Paraíba é atualmente o maior produtor de arroz do estado de São Paulo. Segundo a Coopavalpa (cooperativa dos produtores de arroz do Vale do Paraíba), a região conta com 92 produtores de arroz, sendo que 42 são ligados à cooperativa e 50 são independentes. A produção alcança cerca de 600 mil sacas de arroz por ano (A.A.P.G., 2016).

Segundo o prefeito Francisco Carlos, de Guaratinguetá, em entrevista para a associação rural de Guaratinguetá em junho de 2016, o setor do agronegócio ao contrário de outros setores, é o que mais cresce no Brasil, assim impulsiona o desenvolvimento da região do Vale do Paraíba, fomentando arrecadação e gerando empregos. Observa-se assim, que esse fato sinaliza para a importância da formação dos novos técnicos em agropecuária, visando maiores oportunidades de inserção profissional também nesse campo de atuação.

Além disso, a região tem grande potencial na produção leiteira. Em 2015, o Vale do Paraíba ganhou destaque no 6º encontro estadual de produtores de leite em Teodoro Sampaio. Os produtores da região receberam três prêmios, onde foram reconhecidos como produtores que aplicam as melhores práticas de qualidade e produtividade em suas propriedades. Outras culturas diversificadas vêm sendo experimentadas por alguns produtores na região (SEBRAESP, 2016).

O Vale do Paraíba fica localizado entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, as margens da rodovia Presidente Dutra (BR – 116). A região apesar de urbanizada tem reservas naturais significativas, como a Serra da Mantiqueira e a Serra da Bocaina, reduto de Mata Atlântica, onde se situam pequenas cidades e fazendas de interesse histórico e arquitetônico.

As cidades que constituem a região no lado paulista são: Aparecida, Arapeí, Areias, Bananal, Caçapava, Cachoeira Paulista, Canas, Cruzeiro, Cunha, Igaratá, Jacareí, Jambuí, Lagoinha, Lorena, Lavrinhas, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Piquete, Pindamonhangaba, Potim, Queluz, Redenção da Serra, Roseira, Santa Branca, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, São Sebastião, Silveiras, Tremembé, Taubaté e Ubatuba, como mostra o mapa abaixo (fig. 1).

Figura 1: Municípios do Vale do Paraíba paulista em 2014



Fonte: <http://www.editora.opy.com.br/mapas/regiao-do-vale-do-paraiba>. Acesso em: 22 de setembro de 2016

Segundo Santos et al. (2014) com o acesso à ferrovia, a estrada de rodagem Rio-SP e por fim em 1951 à construção da Rodovia Presidente Dutra, muitas multinacionais foram atraídas para a região do Vale do Paraíba. Muitas delas instaladas entre áreas urbanas e rurais com predominante atividade agrícola. Os autores observam que o médio Rio Paraíba do Sul é marcado por várzea delineada por paisagem natural das encostas das montanhas, entretanto mesmo não percebidas como atividades industriais, as várzeas segundo Planejamento e

Desenvolvimento Regional são caracterizadas por um segmento da paisagem industrial do Vale, que tornam as atividades agrícolas legitimamente agroindustriais e não somente remanescentes de um passado rural remoto como muitas vezes é visto.

A trajetória vivida pela cidade de Jacareí não é uma exceção à história escrita pelo Vale do Paraíba, com algumas peculiaridades e direcionamentos socioeconômicos e culturais distintos. Jacareí foi fundada em 1652 e com o rápido desenvolvimento do povoado se tornou Vila em novembro de 1653. Período no qual tinha a denominação de “Vila de Nossa Senhora da Conceição da Paraíba”, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da região e pela posição geográfica da região, o Rio Paraíba (DENIS NETTO, 1996). Em abril de 1849, pela Lei Provincial nº17 que elevou a Vila à categoria de Cidade, passa a ser nomeada Jacarehy, que para a maioria dos autores, etimologicamente significa “rio de jacarés” (LENCIONI, 1989). Segundo dados da prefeitura de Jacareí (2017), o núcleo inicial da cidade teria sido a Capela do Avarié (1728) e posteriormente o Largo da Matriz, datada do século XIX e que tradicionalmente abriga a igreja Imaculada Conceição (**fotos 2 e 3**), que é referência na vida religiosa local e onde são realizadas festas há mais de 100 anos em homenagem à padroeira. A festa é comemorada no dia 8 de dezembro, sendo que para a cidade é um feriado municipal. A igreja sofreu reformas em 1920, mantendo os seus traços atuais. Para Weis e Santos (1990) a reconstrução da igreja matriz representa o poderio da época do café, na primeira metade do século XIX, financiada inclusive por D. João V.

Foto 2: Igreja Matriz representando o período do café



Fonte: Arquivo Público de Jacareí. Acesso em: março de 2017

Foto 3: Igreja Matriz em 2017



Fonte: Pesquisadora, 2017

As fotos acima mostram o estilo da igreja Matriz, representando a época do café. Tem referências datadas do século XVIII e a atual construção é de meados do século XIX.

Ainda em status de Vila e com o declínio do ouro em Minas, o açúcar, produto bem aceito na Europa, foi incorporado através da cultura da cana no Vale e mais precisamente em Jacareí, onde a cultura permitiu um novo ritmo à vida local, inclusive pela presença de escravos negros na produção. A cultura do trigo, também teve seu lugar em solos jacarienses, porém em 1775, teve grandes perdas pela praga fungíca da ferrugem. Em 1813, Jacareí e outras cidades do Vale produziam algodão, açúcar, aguardente, tabaco, café, porcos e gado de leite (WEIS e SANTOS, 1990).

Mas foi no início do século XIX, que a riqueza chega à região trazida pela cultura cafeeira. A extensão do número de escravos e a conseqüente intensidade na produtividade gerou uma elite conhecida como os Barões do Café, já mencionados anteriormente. Lencioni (1999) relata que em 1884 a cidade já mostrava a sua prosperidade através dos casarões de famílias abastadas. Fazendeiros ricos e cafeicultores também exibiam títulos de nobreza e elevado número de escravos, ostentando o prestígio decorrente no café.

Mesmo com o progresso cafeeiro, atividades agrícolas como o fumo e gêneros alimentícios para o próprio consumo ainda ocupam as terras locais, mas era o café que tornava a região com ares de prosperidade. O palacete que mais representava a ostentação e a aristocracia cafeeira da época era o palacete de João da Costa Gomes Leitão pela sua arquitetura e imponência. O proprietário era um fazendeiro, comerciante, juiz municipal, membro da Câmara e portador de título da Guarda Nacional e detentor da maior fortuna da região (WEIS e SANTOS, 1990). Em 1896 o palacete se transformou em um prédio denominado Solar Gomes Leitão, que sediava um grupo escolar “Cel. Carlos Porto” (**foto 4**). Devido à preocupação com o patrimônio cultural da cidade em 1980 a fundação cultural voltou-se a criação do Museu de Antropologia do Vale do Paraíba (MAV), (**foto 5**), considerado um bem tombado da cidade sob o livro do Tombo Histórico: inscrição nº127, p.23, 13/7//1979 e cujo objetivo dos idealizadores seria fomentar a busca de conhecimentos sobre o homem do Vale do Paraíba e suas origens, fortalecendo sua identidade cultural (PAPÉRA, 2010).

Foto 4: Solar Gomes Leitão- Grupo Escolar Coronel Carlos Porto, 1944



Fonte: Foto Cambusano (Acervo Luiz José Navarro da Cruz). <http://patrimonioculturajacarehy.blogspot.com.br/2010/05/>. Acesso em: abril de 2017.

Foto 5: Solar Gomes Leitão-Museu de Antropologia do Vale do Paraíba (MAV), 1980



Fonte: Pesquisadora, 2017

As fotos 4 e 5 destacam o Solar Gomes Leitão como um exemplar da arquitetura residencial da aristocracia cafeeira no Vale do Paraíba e mais precisamente em Jacareí.

A instalação da estrada de Ferro em 1876 (**foto 6**) incentivada pelos investimentos de João da Costa Gomes Leitão, expandiu o núcleo urbano em Jacareí. Além de modernizar o transporte do café, aumentou ainda mais os lucros dos cafeeiros, assim como seu poder político. Essa estrada foi fundamental para o crescimento econômico de Jacareí. Em 1877 ocorre a construção de uma ferrovia ligando São Paulo a Cachoeira e em 1905 ocorre o alargamento da bitola da Estação de Jacareí, que promoveu o aumento da capacidade de carga e passageiros de São Paulo ao Rio de Janeiro, conseqüentemente beneficiando todas as regiões contempladas no trajeto. Mesmo com a posterior crise do café, Jacareí e Mogi das Cruzes mantiveram suas economias estáveis, isso porque serviam de ponto de parada de imigrantes e colonos mais abastados, que desenvolveram comércios e indústrias locais. Além disso, a estabilidade também era garantida pela produção de pequenas e médias propriedades rurais. As redes ferroviárias passam então a servir a novas demandas, como o transporte de produtos agrícolas, minérios e passageiros, o que facilitou as atividades de muitos imigrantes que adquiriram terras nos trechos por onde a estrada de ferro circulava. O trecho ferroviário dentro do perímetro da cidade não é utilizado desde 1993. O prédio da estação foi reformado em 2000 e nele funciona a Fundação Cultural de Jacareí (KANAZAWA, 2013). A antiga estrada de ferro Central do Brasil é hoje conhecida como Pátio dos Trilhos, que abriga além da sede da Fundação Cultural, a Sala Mário Lago (cine-teatro) e o Núcleo de Arqueologia (**foto 7**).

Foto 6: Estação Ferroviária de Jacareí na época dos Barões do café



Fonte: Foto do Acervo Público de Jacareí. Acesso em: março de 2017

Foto 7: Pátio dos Trilhos e sede da Fundação Cultural de Jacareí em 2017



Fonte: Pesquisadora, 2017

As fotos 6 e 7 representam a Estrada ferroviária de Jacareí como marco e símbolo de progresso na época dos barões do café. O espaço cultural no local denota a preocupação com a preservação histórica do período.

Kanazawa (2013) continua relatando que em 1890 o café já havia esgotado o solo do Vale do Paraíba, no entanto forasteiros chegavam a Jacareí e davam novo impulso ao comércio, que enfrentava uma crise, desde 1887, quando a Abolição desequilibrou a economia da região, até então quase que essencialmente agrícola. A partir de 1930, o Vale do Paraíba sofre transformações, sendo que o marco inicial dessas mudanças foi à transferência do setor agrário exportador para o setor industrial. Entre 1934 e 1960 houve um perceptível esvaziamento do

campo e um aumento da população urbana.

Esse período foi marcante em Jacareí pela chegada de imigrantes de várias origens: italianos contribuíram com a fábrica de fogos, meias, macarrão, refrigerantes, com a rede de armazéns, banca de jornal, padaria, açougue, agricultura e venda de calçados; os portugueses contribuíram com as lojas de depósito de materiais de construção, cinemas, hotel e a famosa fábrica de biscoitos (que levou o nome da cidade para todo o território nacional); libaneses tinham imóveis e lojas; espanhóis abasteciam a cidade com leite; os sírios começaram comercializando pelas fazendas e logo abriram armazéns e lojas de tecidos; franceses investiram na torrefação do café e por fim, os japoneses se dedicaram à fabricação de balas japonesas. Mesmo com a industrialização, Jacareí continuava unindo progresso a uma longa história de tradição cultural (WEIS e SANTOS, 1990). É o que observa Martins (2014): “O fato de que um grupo social, uma comunidade, um bairro rural permaneça organizado com base em valores comunitários e tradicionais não o torna avesso necessariamente à tecnologia moderna nem o torna personagem do passado, avesso aos deslumbramentos do futuro”.

Após a abolição da escravatura, em 1888, Jacareí se tornou um polo fabril, consolidando o trabalho assalariado, onde japoneses atuaram na agricultura e sírio-libaneses no comércio. O crescimento urbano se acelerou com as fábricas têxteis no século XX e com a construção da Rodovia SP-66. Em 1950 aumentaram as oportunidades de emprego devido à aceleração da industrialização pela vinda de empresas multinacionais ou de grande porte (MOREIRA, 2002). Com a **(foto 8)** é possível entender esse crescimento urbano.

Segundo o censo do IBGE - 2016 o município de Jacareí teve sua população estimada em 228.214 pessoas em seu território de 463km² dos quais 79% é rural, 14% urbana e 7% inundada (Rio Paraíba do Sul). A cidade fica situada a 82 km da capital paulista e 350 km do Rio de Janeiro (IBGE, 2016).

Foto 8: Vista aérea da cidade de Jacareí – S.P



Fonte: Valter Pereira / PMJ (Prefeitura Municipal de Jacareí), 2015

Jacareí sediou durante 30 anos a Fapija (Feira Agropecuária e Industrial de Jacareí), com mostras do setor agropecuário e agroindustrial, fomentando o mercado regional, estadual e nacional do agronegócio brasileiro. O evento era considerado o maior do Vale do Paraíba e a terceira maior do Estado de São Paulo. A 30ª Fapija, sempre realizada no espaço da Escola Técnica Estadual Cônego José Bento, teria sido em julho de 2012, no entanto, o evento que chegava a receber cerca de 500 mil pessoas no decorrer dos 10 dias, foi suspenso nesse mesmo ano, através de uma ação do Ministério Público gerada por exceder o limite de som durante os shows que promoviam. O sindicato Rural responsável pela atração continua ativo e tem hoje como objetivos: estudos, coordenação, defesa e representação da categoria econômica dos ramos de agropecuária e extrativismo rural, promovendo em seu espaço denominado Agrocentro: leilões, exposições, cursos e eventos diversos do setor (SINDICATO RURAL DE JACAREÍ, SRJ, 2017).

1.2 - A Educação Profissional no Brasil

O trabalho é uma atividade social que guiou civilizações rumo à sobrevivência e à organização das sociedades e por isso é motivo de reflexões por parte de vários estudiosos que abordam o tema por várias ópticas, no entanto historicamente a escola não esteve associada à função de preparo para o trabalho e sim responsável por formar grupos seletos ao exercício do poder e ao direcionamento social. A formação para o trabalho era construída através de processos informais, abrangendo as próprias tarefas rotineiras dos diferentes ofícios (MANFREDI, 2002).

O fato das relações dos trabalhos artesanais e manufatureiros estarem ligados a escravidão e, portanto insignificantes e infames, resultavam na rejeição de certas ocupações ligadas ao esforço físico ou utilização das mãos e é nessa perspectiva que surgem instituições como o Colégio de Fábrica, criado em 1809 no Rio de Janeiro com o intuito de disponibilizar através da aprendizagem de um ofício, órfãos que não tivessem escolha ou homens livres coagidos por questões políticas ou sociais a se transformarem em artífices para suprir a mão de obra necessária à contingência de arsenais da marinha. Embora não tenha sido o primeiro estabelecimento com esse viés, essa instituição serviu como referência para as demais casas de artífices que a sucederam (CUNHA, 2000).

Entre 1840 e 1856 dez governos provinciais adotaram as chamadas Casas de Educandos Artífices, organizadas no modelo de aprendizagem de ofícios vigente no âmbito militar, incluindo padrões hierárquicos e disciplinares. O asilo dos Meninos Desvalidos, criado em 1875 no Rio de Janeiro era uma dessas casas que abrigavam meninos em situação de mendicância e que recebiam instrução primária, seguida de disciplinas especiais, além de aprenderem os ofícios de: tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, etc. Ao concluírem a aprendizagem, os artífices permaneciam no asilo por 3 anos, a fim de pagarem pela formação e receberem ao final do triênio o pecúlio (CUNHA, 2000).

São muitas as visões sobre trabalho, profissões e sua integração com a escolarização. A concepção “trabalho” sempre esteve atrelada a ideia do emprego e vista por muitos como a própria aprendizagem. Em outra dimensão, há os que desacreditam da função escolar como percussora da formação e inserção profissional. Segundo Manfredi (2002) estas concepções são complexas e não podem ser avaliadas de forma reducionista ou consideradas como verdades absolutas, sem, contudo analisar as esferas econômicas, sociais, políticas e culturas que as

cercam.

As escolas primárias e profissionais no final do Império eram destinadas a trabalhadores e filhos de trabalhadores nacionais e imigrantes e segundo a literatura da época eram classificadas como “instrução popular” e resumiam-se ao ensino da escrita e leitura, ou seja, bastante limitadas. O então governo mantinha o “Instituto de Educandos Artífices” para meninos e o “Seminário da Glória” para meninas, ambos com funções de abrigo para crianças órfãs, portanto com cunho assistencialista. Ao contrário das instituições particulares que eram em minoria e eram administradas ora por religiosos ora por imigrantes norte-americanos e alemães, sendo obviamente destinadas as classes privilegiadas. No entanto, o Estado Republicano traz novos olhares ao ensino popular e profissional, devido ao desenvolvimento comercial, industrial e urbano, expandindo-se assim, as escolas primárias oficiais que eram agrupadas nas chamadas escolas reunidas e escolas isoladas. As escolas reunidas correspondiam ao local na qual eram instaladas e o tipo de interesse que pretendiam concretizar, se as populações atendidas seriam de operários ou de colonos, se eram brasileiros ou imigrantes. Assim os núcleos podiam tanto funcionar próximos de fábricas quanto próximos a fazendas, ou seja, em áreas rurais ou urbanas, de acordo com a conveniência. Já as escolas isoladas atendiam uma clientela mais heterogênea e eram melhores equipadas para o ensino primário (MORAES e ALVES, 2002).

A implantação da educação profissional no Brasil foi marcada por acentuados indícios de servidão e grandes desigualdades sociais. O ensino profissional até o século XX era destinado às camadas menos favorecidas com cunho meramente assistencialista. Primeiramente aplicada aos índios, seguida pelos escravos, o ensino profissional era desenvolvido sem padrões ou regulamentações. Assim o ensino profissional surge da necessidade de camadas menos favorecidas prepararem seus filhos para atividades manuais que lhes favorecessem. A trajetória educacional com formação acadêmica teria uma função intelectual ou instrumental. Com a Constituição da República, em 1891, ocorre a descentralização do ensino, delegando aos Estados autonomia para prover e legislar a educação primária e ensino profissionalizante, de acordo com o artigo 35. Todavia, as escolas que desenvolviam o ensino profissionalizante tinham o objetivo de atender a demanda das indústrias, assim essas instituições localizavam-se nos arredores das empresas, que contavam com esse tipo de mão de obra oriundo de camadas mais pobres, avaliando-se desta forma, apenas o aspecto prático para quem contratava (MANFRINATO, 2006).

Ao definir a atuação das empresas ferroviárias, Cunha (2000) destaca o pioneirismo da Escola Prática de Aprendizes, na Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro, fundada

em 1906. Na óptica de Cunha essas empresas mantinham escolas com a finalidade de formar operários responsáveis pela manutenção de equipamentos, veículos e instalações, onde o aprendiz reproduzia aquilo que lhe era atribuído de acordo com a demanda. Em 1909, através do decreto n.7.566, foi instituída a rede federal de escolas industriais, as chamadas “Escolas de Aprendizes e Artífices” e a partir daí pode-se falar em um marco inicial para o que se entende por Educação Profissional de forma sistematizada. Posteriormente, com o desenvolvimento econômico gerado pelo processo de industrialização, novas exigências sociais surgem e um novo cenário transforma as escolas de aprendizes e artífices, ampliando currículos e preocupando-se com a orientação profissional e aperfeiçoamento do pessoal técnico como medida propulsora do progresso (PETEROSSO e MENINO, 2017).

Para Cunha (2000), a criação do ensino profissional nesse período foi uma estratégia política para abafar a intensificação das numerosas e articuladas greves proletariadas, lideradas por correntes “anarco-sindicalistas” em um momento de surto da industrialização. Nilo Peçanha, então presidente da República, ao baixar o decreto de 1909, cria 19 escolas de aprendizes e artífices, localizadas uma em cada estado, com prédios, currículos, alunos, forma de ingresso e metodologia didática própria, diferenciando-as das demais instituições de ensino.

A expansão das estradas de ferro em São Paulo impulsionada pela ascensão do café no porto de Santos proporcionou ambiente favorável à centralização e sistematização de atividades voltadas ao ensino de ofícios das empresas ferroviárias na década de 1920. Em 1924 iniciaram as primeiras atividades de aprendizagem com a criação da Escola Profissional Mecânica no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, através de acordo com 4 empresas ferroviárias do estado. As empresas enviavam aprendizes que frequentavam um curso de quatro anos, que incluía estágio em oficinas de uma delas, localizadas na capital do estado (CUNHA, 2000).

Para Tavares (2012) com o enfraquecimento político das oligarquias cafeeiras gerado pela crise econômica de 1930, emerge posteriormente a burguesia industrial. O desenvolvimento da indústria nacional ainda incipiente para a demanda de mão-de-obra qualificada, vê na Educação Profissional uma forma de amenizar a ociosidade dos “desfavorecidos da fortuna”, responsáveis por infrações, crimes e empecilhos ao progresso do país, portanto as relações entre ensino profissionalizante e propedêutico eram inexistentes. Por outro lado, tem-se a posição de Batista (2015) partindo da proposta da Formação Profissional em 1930, em meio à efervescência política e social causada pela busca de hegemonia entre fazendeiros e industriais paulistas, objetivando formar uma nova classe trabalhadora disciplinada e submissa. Porém, os subalternos descontentes com tais propostas mostraram-se resistentes através de greves e confrontos

violentos. O autor aponta algumas hipóteses para o surgimento do Ensino Profissional: 1º As Companhias ferroviárias teriam sido as pioneiras, com a criação do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, devido serem esses trabalhadores, os mais organizados e mobilizadores agentes na luta de classes, assim sendo, precisariam ser controlados pela burguesia industrial através de “capacitações”; 2º Tais protestos ferroviários inviabilizavam o escoamento aos portos da produção exportada (café), gerando prejuízos para produtores, bancários e industriais de São Paulo e do Rio de Janeiro, necessitando de medidas urgentes de paralização dessas ações; 3º Averiguação de uma ideologia burguesa industrial como precursora do Sistema S (SENAI, SESI, SENAC, SEBRAE) a partir dos pressupostos da Organização Científica do Trabalho, visando uma sociedade racional.

Segundo Peterossi e Menino (2017), a constituição de 1937 através de seus artigos 129/131 oficializa o dualismo no ensino brasileiro, sendo o ensino secundário, não gratuito, propedêutico ao Ensino Superior e de outro lado o ensino Profissional, gratuito e dirigido aos menos favorecidos. Manfrinato (2006) reforça o fato do ensino profissional ser na época, uma categoria isolada dos demais níveis de educação, não dando acesso à Escola Superior.

Vale lembrar que estamos nos referindo à Educação Profissional, onde o foco era até então, a preparação para o exercício de um ofício. Peterossi (1994), já alertava para distinção do ensino técnico, que surge posteriormente e tem um sentido mais amplo de atuação, permitindo uma perspectiva de estudo futuro, inclusive em nível superior. Porém, essa possibilidade só foi permitida em 1943 pelo decreto-Lei número 6.141, chamado de Lei Orgânica do Ensino Comercial nos cursos técnicos na mesma modalidade de ensino (MANFRINATO, 2006).

Através do decreto lei 4.048 de 22 de janeiro de 1942 é instituída a aprendizagem sistemática do SENAI através do então ministro da Educação Gustavo Capanema e desenvolvido por um grupo de industriais, engenheiros, sanitaristas e educadores sob a liderança do empresário Roberto Simonsen e pelo engenheiro suíço Roberto Mange. O SENAI sofreu transformações decorrentes do próprio contexto produtivo, tendo inicialmente suas atividades voltadas à aprendizagem industrial, nos anos 50 envolvida na industrialização, treinamento para grandes indústrias, assim como nos anos 90 o conceito era a polivalência. (CUNHA, 2000; MANFREDI, 2002). A “lei” orgânica do ensino industrial é um marco na história do ensino profissionalizante, uma vez que o deslocou para o ensino secundário, tornando o ensino primário exclusivamente propedêutico. Além disso, o processo de admissão se distinguia das escolas de aprendizes artífices, pela quebra do caráter exclusivamente assistencialista pelo critério de adequação e desempenho no ofício industrial (CUNHA, 2000).

A Educação Profissional na década de 1950 foi marcada pela expansão de indústrias multinacionais no país, gerando independência de capital estrangeiro e exigindo uma mão-de-obra mais qualificada, com base na teoria do Capital Humano (Tavares, 2012), ou seja, que otimizasse uma mão-de-obra produtora de valor econômico através da educação e perspicácia individual. Segundo Bremer e Kuenzer (2012), a Lei 4.024/61 estabelece além do acesso ao vestibular, a possibilidade de continuidade dos estudos. Para Tavares (2012) essa lei permitia que somente os estudantes que migravam do ensino propedêutico pudessem escolher a trajetória de carreira, estando o egresso de curso técnico limitado a cursos relacionados à sua formação técnica. Retomando Tavares (2012) em 1964, com a incipiente ditadura militar, era notória a necessidade da elevação da escolaridade de trabalhadores em meio ao cenário de desenvolvimento industrial. Esse fato teria culminado na ascensão da população ao ensino secundário e a pressões pelo acesso ao ensino superior como forma de ascensão social. O ensino profissionalizante surge nesse período mais como mecanismo amenizador de movimentos de contestação de ordem política do que como caráter de qualificação para o mercado industrial propriamente dito.

Peterossi e Menino (2017) também enfatizam que apesar da atual concordância de vários setores em relação à importância da Educação Profissional e Tecnológica para o crescimento econômico do país, o tema foi durante muito tempo marcado por grandes divergências. Durante o Regime Militar brasileiro, de 1964 a 1985, primando o crescimento econômico do país, o então governo se voltou a políticas públicas de incentivo ao ensino profissionalizante. Ação que despertou conflitos com a classe humanista da época, que discutia os reais interesses dessas políticas, que serviam a priori aos setores produtivos e de mercado. Esses questionamentos e discordâncias, durante anos, resultaram em reformulações e até mesmo revogações de legislações pertinentes a esse tipo de ensino, que somente foi contemplado com um capítulo específico através da LDB de 1996. De acordo com o artigo 39, “a Educação Profissional e Tecnológica, no cumprimento dos objetivos da Educação Nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”.

Peterossi e Menino (2017) apontam que a lei 5.692/71 gerou momentos de fervelecência na história da Educação Profissional. A Lei transformara o antigo ensino propedêutico de segundo grau em curso profissionalizante. A ideia, a princípio inovadora de escola com função integradora de preparo para o social e para o mercado de trabalho produtivo não foi benquista, devido a seu caráter compulsório a todos os alunos e escolas. A reprovação foi resultado da distância do preceito em relação ao contexto encontrado. Os setores produtivos não se viam

contemplados com a lei, além disso, ainda pairava a antiga resistência dicotômica entre ensino propedêutico e profissional, imbuída de questões de classe. Outra questão, era em relação aos recursos humanos e materiais exigidos serem muito aquém do que Estados e Municípios podiam oferecer e demandar. Assim pode-se dizer que as escolas não estavam preparadas para o mercado de Trabalho no âmbito social, teórico e técnico. A profissionalização compulsória chega ao fim em 1982 com a lei nº 7.044. Tavares (2012) comenta a Lei 5.692/71 segundo o discurso da escola única, oferecida igualmente a todas as classes, mas que de acordo com ele teria intensificado ainda mais essas diferenças pela falta de condições materiais e incapacidade de atender aos objetivos, nem propedêuticos, nem profissionalizantes, estando fadada ao fracasso.

Em 1974, o Ministério do Trabalho assume a coordenação da profissionalização no Brasil, desvinculando-se do MEC, mas o que a princípio era júbilo, se tornou preocupação até 1975 frente à escassez de recursos humanos e materiais exigidos na construção da formação profissional que demandava equipamentos, laboratórios e oficinas (PETEROSI e MENINO, 2017).

Tavares (2012) descreve a educação profissional da década de 1980 marcada por crises, desemprego e inflação. Bremer e Kuenzer (2012) apontam o sistema de ensino dessa década como dual, expresso pela cisão entre os saberes teóricos e práticos e consequentemente uma relação entre educação e trabalho seletiva e excludente. Tem-se que 1990 é a década da chamada Reforma do Estado. Período de privatizações estatais e terceirizações de serviços públicos essenciais. As reformas educacionais são julgadas necessárias pelo novo cenário mencionado, assim como pelas mudanças no contexto de trabalho e tecnologia vigentes. A educação profissional passa a ser o alicerce para um novo tipo de trabalhador, no entanto cabe a ele próprio a responsabilidade pela sua formação e posterior empregabilidade (TAVARES, 2012). Manfredi (2002) também discute o fato da primeira metade dos anos 90 ter passado por diversos debates e em vários âmbitos sobre projetos de reestruturação do ensino médio e profissionalizante.

Segundo Peterossi e Menino (2017) com o Decreto Estadual nº 34.032 de 1991, o Governo de São Paulo desloca as escolas técnicas estaduais da Secretaria da Educação para a Secretaria de Ciência e Tecnologia e em 1994 as 91 escolas passam a ser coordenadas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológico Paula Souza, que segue até a atualidade regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 que estabelece sua organização em três níveis: (1) Formação Inicial e Continuada ou qualificação profissional; (2) Educação Profissional Técnica de Nível Médio; (3) Educação Profissional

Tecnológica de Graduação e de Pós-Graduação. O decreto nº 2.208/97 com o intuito de adequar-se a LDB traz algumas mudanças, sendo a mais relevante à separação da formação geral e a formação profissional no Ensino Técnico, sendo que essa última ocorreria em caráter terminal ou concomitante. Manfredi (2002) expõe que com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) e o decreto Federal 2.208/97, todas as instituições de Educação Profissional, sejam públicas ou privadas deveriam se adequar à reforma, cumprindo o estabelecido na legislação em vigor. Bremer e Kuenzer (2012) observam que a Lei 9.394/96 também permitiu que a Educação Profissional se tornasse uma modalidade inserida no Ensino Médio, portanto integrada a Educação Básica, o que permitiu pelo menos legalmente, uma igualdade entre educação geral e profissional. Segundo Tavares (2012) o decreto 2.208/97 reforça o dualismo com o intuito de atender alguns objetivos como: formar egressos para o mercado de trabalho e não ao Ensino Superior; baratear os cursos profissionais públicos e privados; flexibilizar currículos e estrutura técnica para a rápida inserção ao mundo do trabalho.

O decreto no 5.154/2004 reintegra o Ensino Técnico ao Ensino Médio como uma opção além do modelo modular e terminal que foram mantidos. Atualmente a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil é regida pela lei nº 11.741 de 2008 e compreende: a) O ensino médio e técnico, incluindo redes federal, estadual, municipal e privada; b) O Sistema S, que inclui os Serviços Nacionais de Aprendizagem e de Serviço, mantidos por contribuições parafiscais da empresas privadas; c) Instituições de ensino superior públicas e privadas, que oferecem graduação tecnológica, pós-graduação, serviços de extensão e atendimento comunitário; d) Escolas e fundações mantidas por grupos empresariais; e) Organizações não governamentais de cunho religioso, comunitário e educacional; f) O ensino profissional livre (PETEROSI e MENINO, 2017). A Lei 11.892/08 institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, assim como a criação dos institutos Federais de Educação, Ciências e Tecnologia (IFs), dos quais, vários eram resultado da fusão de escolas técnicas federais pré-existentes integradas em uma única autarquia (TAVARES, 2012). Para Bremer e Kuenzer (2012), embora a concepção de formação humana integral unida pelo ensino e trabalho datarem da década de 70, somente em meados de 2000 é que foi possível através do decreto 5.154/04 referendado na Lei 11.741/08, um significativo avanço rumo a essa integração.

Frigotto (2007) comenta sua preocupação em relação à fragilidade existente entre a educação básica e a formação técnico-profissional, refletindo sobre interesses da minoria que alimentam a desigualdade em nome de um desenvolvimento, onde figuram o analfabetismo, o crescimento do trabalho informal e a precariedade do formal. Segundo ele, a escolaridade que

chega à maioria dos trabalhadores, com o objetivo de prepará-los para o trabalho complexo, não contempla valores agregados e a competição intercapitalista de fato. Contrapondo, tem-se a posição de Weinberg (2014), o qual descreve o então avanço da Educação Profissional como comprometida com a criatividade, qualidade e capacidade de inovação. Aponta que nos últimos anos houve a construção de uma pedagogia voltada ao aprendizado prático e significativo, além do exercício para a cidadania, enfatizando valores e competências.

As novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), as mudanças econômicas e sociais refletem nos importantes desafios que a Educação Profissional e Tecnológica terá de enfrentar. Dentre esses desafios: a contribuição com o educar para a tecnologia, a constante preocupação com a inovação e a sustentabilidade, além da preparação para o trabalho, superando a histórica dicotomia desta com a educação geral (PETEROSSO e MENINO, 2017).

Estudar a questão da Educação Profissional é permitir uma reflexão, analisando todos os atores nela inseridos: alunos, gestores, formadores, mercado de trabalho e políticas públicas. Lembrando que ao longo de sua história a Educação Profissional esteve imersa em contextos sociais, econômicos e culturais distintos e que devem ser levados em consideração.

1.3 - O Ensino Técnico Agrícola e a Etec Cônego José Bento

Para analisarmos o contexto da educação profissional rural no Brasil, como enfatizou Gritte (2008), precisamos considerar todo o contexto social que a priori foi relevante como modelo socialmente reconhecido, que consistia em um Brasil colônia, latifundiário, escravocrata e assim permaneceu por mais de três séculos.

Durante o período da colonização, constatou-se que os jesuítas exerceram um papel singular na educação e catequização de filhos de colonos e indígenas, no entanto, como direciona Sobral (2005), esses religiosos, foram os primeiros mestres de agricultura, sem, contudo ter o objetivo de ensino curricular e sem a pretensão de transmitir conhecimentos especializados, mas como forma de organização de fazendas que garantisse uma sustentação básica.

Consideremos, assim, esse período um marco no que posteriormente seria chamado de ensino agrícola propriamente dito, uma vez que nesses tempos essa educação esteve diretamente vinculada à economia e aos interesses pragmáticos de sobrevivência.

De acordo com Sá (2008), a idéia do abolicionismo e a conseqüente possibilidade dos escravos conseguirem um pedaço de terra para si, preocupavam os negócios dos senhores, comentário complementado por Araujo (2013), lembrando que o marco do processo de construção do capitalismo foi à troca do trabalho compulsório pelo assalariado, onde o fim da escravidão gera uma aliança entre proprietários rurais e o Estado.

Sá (2008) continua observando que ainda assim, foi com a crise de produção açucareira e com a chegada da Família Real, que houve por parte de D. João VI em 25 de junho de 1812 um pronunciamento oficial ao Conde de Arcos, governador da Bahia, no qual relatava a necessidade de adotar o ensino público e geral em agricultura para contemplar os bons princípios agrônômicos, seja para utilização de máquinas rurais, seja para o domínio das múltiplas variedades produtivas oferecidas pela natureza. O motivo que o impulsionou teria sido a concorrência nos mercados da Europa, assim se fazia necessário franquear e facilitar o aprendizado agrícola dos vassallos, que deixariam de aprender por simples rotina para obter conhecimentos diversos na área. Essas disposições seriam inspecionadas e se estabeleceria então, o curso de agricultura a princípio na Bahia, porém com o propósito de expansão as demais capitanias.

No entanto, como relata Sá (2008), o interesse de D. João VI, era apaziguar os produtores de açúcar e não colocar algo realmente em prática. Assim o período pós- abolição foi marcada

por muita insegurança na agricultura. Martins e Garnica (2010) também salientam que durante esse período, trabalhadores livres associavam essas atividades rurais à mão de obra escrava, portanto desonrosa e lembra que passados muitos anos, a formação agrícola ainda sofre o preconceito da marginalidade dupla: por ser ensino técnico e mais fortemente por ser agrícola.

Sá (2008), narra a primeira escola agrícola do país em 1859, o Instituto Baiano de Agricultura, apesar de algumas controvérsias, Souza (2010), também a descreve como a pioneira de pesquisa agropecuária no Brasil, embora sua construção tenha sido finalizada quinze anos depois, na localidade de São Bento das Lajes, posteriormente chamada de São Francisco de Conde, Bahia. Em São Paulo, a expansão do ensino técnico agrícola se deu na primeira fase da República, intensificando-se a oferta de serviço no setor agropecuário, assim como pesquisas e experimentações movidos pela ascensão da economia cafeeira iniciada no Rio de Janeiro e estendida ao Vale do Paraíba Paulista (SILVA e MARQUES, 2014).

O Decreto Federal nº 8.319, de 20/11/1910 regulamenta a criação do Ensino Agrícola no Brasil, sendo os municípios de Iguape e São Sebastião os pioneiros no aprendizado agrícola em São Paulo. No entanto, não obteve êxito em função de alguns fatores descritos por Silva e Marques (2014): a- Proliferação de organizações similares em quase todo o país; b- Deficiência ou ausência de agrônomos para direcionar os conteúdos; c) Projetos não condizentes com as infraestruturas, fins e objetivos, além de condições econômicas nacionais desfavoráveis; d) Falta de organização administrativa-contábil e financeira para lidar com os gastos. Para a autora todos esses problemas se intensificavam pela falta de um sistema de ensino agrícola baseado em uma filosofia político-pedagógica específica para essa área de formação, além de contemplarem diferentes tipos de escolas, modalidades, níveis de ensino e serem subordinadas também a diferentes órgãos gestores, levando a controvérsias em relação a definições e princípios da educação profissional destinada a área de agropecuária.

Em 1934, a criação da Superintendência de Escola Profissional e Doméstica, subordinada a Secretaria Estadual de Educação tinha a finalidade de atender a expansão do Ensino Profissional e estabelecer critérios de padronização às escolas profissionais de São Paulo. Em 1935, ocorre a primeira Escola Estadual de nível médio da área agrícola pelo Decreto nº 7.073 de 6 de abril, denominada Escola Profissional Agrícola Industrial e Mista. Nesse molde ocorreu, no mesmo ano, a criação da Escola técnica Agrícola de Jacareí, que veremos adiante. As escolas Profissionais Industriais e Mistas objetivavam a formação de profissionais para o setor primário: mestres de Cultura, capatazes e administradores agrícolas, difundindo técnicas agrícolas e orientação de atividades rurais a donas de casa (SILVA e MARQUES, 2014).

Em 1946 ocorre a sistematização do ensino agrícola no país com o Decreto-Lei nº9.613 de 20/08/1946 que estabelecia “as bases de organização e de regime do ensino agrícola, que é o ramo de ensino até o segundo grau, destinado essencialmente à preparação profissional dos trabalhadores da agricultura”. Com a aprovação dessa Lei Orgânica do Ensino Agrícola, organizando-se o ensino em dois ciclos: o primeiro dividido em curso básico de quatro anos e um curso de mestria de dois. O segundo ciclo tinha a duração de três anos e correspondia a vários cursos: Agricultura, Horticultura, Zootecnia, Prática Veterinária, Mecânica Agrícola, Laticínios. Previstos três tipos de cursos Pedagógicos: de Economia Rural Doméstica, de Didática do Ensino Agrícola e de Administração do Ensino Agrícola (PETEROSSO e MENINO, 2017).

Segundo Silva e Marques (2014) para se adequar a Lei 2.521 de 1954, três escolas profissionais agrícolas industriais e mistas no estado de São Paulo se transformaram em Escolas Agrotécnicas, entre elas a da cidade de Jacareí. A década de 50 é um período de reestruturação do ensino técnico agrícola em São Paulo, com a extinção de algumas escolas e a substituição da denominação Superintendência de Ensino Profissional para o Departamento do Ensino Profissional, que estabelece entre outros fatores a criação de novos cursos de complementação.

Em 1956 a administração dos colégios agrícolas passou a ser vinculada à Secretaria da Agricultura pela lei nº3.423. No entanto, segundo (SILVA e MARQUES, 2014) as escolas de Jacareí e São Manuel continuaram subordinadas ao regime estadual e denominadas Escolas de Agricultura. A autora continua descrevendo que em 1961 as escolas paulistas que ofereciam o ensino agrícola somavam 9 instituições, sendo cinco de nível primário e quatro de nível médio, entre elas a Cônego José Bento de Jacareí. Surgindo nesse período como aponta Martins e Garnica (2010) e Pimentel, Kanazawa e Lossoli (2002) a denominação de “Colégios Técnicos Agrícolas” em nível de segundo grau ou nível médio, como conhecemos hoje, através da aprovação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº4.024 de 20/12/1961, em substituição das escolas de iniciação agrícola, de Ginásios Agrícolas e das escolas agrotécnicas.

Para Silva e Marques (2014) a trajetória política-administrativa descontínua do ensino técnico agrícola revela o Estado de São Paulo como pioneiro na tentativa de organizar a Educação Profissional técnica na área de agropecuária. Em 1963 o Ensino Técnico Agrícola e toda a Diretoria do Ensino Agrícola da Secretaria da Agricultura retornam através do Decreto Estadual nº42.151 de 5 de julho à Secretaria de Educação. A década de 70 é caracterizada, segundo a autora, pelo novo sistema de ensino “Escola-Fazenda” criada pelo professor e

engenheiro agrônomo Sigheo Mizoguchi, tornando-se modelo padrão e período apogeu do ensino agrícola em São Paulo, sendo que a habilitação oferecida nos colégios Técnicos Agrícolas era majoritariamente o de Técnico em Agropecuária.

A regulamentação das Habilitações de Técnico Agrícola e de Técnico em Agropecuária foi disposto pela Resolução SE de 27/05/1977, sendo o curso de técnico em Agricultura denominado Técnico Agrícola em 13 escolas e a Habitação Profissional Plena em Agropecuária autorizada em 28 unidades, incluindo a até então, EESG- Escola Estadual de Segundo Grau Agrícola Jacareí “Cônego José Bento”. A concepção de técnico agrícola era em torno de um profissional agricultor polivalente, característica essa encontrada na habilitação profissional de Técnico em Agropecuária, devido à incorporação de disciplinas decorrentes de um currículo básico que satisfazia tais exigências, assim, o curso adquire nesse período grande relevância e prioridade educacional para o país. As demais habilitações profissionais do setor agrícola passam a ser determinadas a partir da Habilitação em Agropecuária (SILVA e MARQUES, 2014). O técnico agrícola é um profissional que tem como objetivo por em prática de maneira correta as atividades realizadas no campo. De acordo com a Fenata (Federação Nacional dos Técnicos Agrícolas, 2016), o técnico agrícola na atualidade pode ter habilitação em: Agricultura, Agropecuária, Pecuária, Irrigação e Drenagem, Açúcar e Álcool, Agrimensura, Meteorologia, Pesca, Carnes e Derivados, Florestas ou Florestal, Leite e Derivados, entre outros.

Em 1992 a então ETAESG (Escola Técnica Agrícola Estadual de segundo grau) passa a ser administrada pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento pelo Decreto Estadual nº34.032/91 de 22 de outubro. Dois anos depois, em 1994 ocorre a transferência dos colégios agrícolas para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS pelo Decreto nº37.735/93 de 27 de outubro, em que as escolas passam a ser denominadas escolas técnicas agrícolas estaduais - ETECs (SILVA e MARQUES, 2014; PIMENTEL, KANAZAWA e LOSSOLI, 2002).

No estado de São Paulo, o CEETEPS possui 220 escolas técnicas, das quais 34 são consideradas agrícolas (CETEC, 2017). Constantino et al. (2015) descreve algumas características particulares que classificam as escolas em agrícolas, são elas: localizar-se em fazendas-escolas de tamanho variável, necessitarem de manutenção frequente, mesmo nos recessos escolares, possuírem maquinários, equipamentos e implementos agrícolas para fins pedagógicos, terem parcerias com cooperativa-escola, serem empresas reconhecidas jurídica e financeiramente para fins pedagógicos, contarem com alojamentos para alunos residentes de outras regiões em regime integral ou parcial. Com o objetivo de caracterizar melhor o conceito

de Fazenda-Escola, vide em **(Apêndice I)** as fotos da Etec Cônego José Bento, Jacareí.

A Escola técnica estadual “Cônego José Bento” está vinculada ao Centro Paula Souza pelo decreto nº 37.735 de 27 de outubro de 1993, a priori de forma integrada ao ensino médio. Com o decreto nº 2.208/97 transcorre a separação da formação geral e formação profissional no Ensino Técnico, onde o ensino profissionalizante acontece em caráter terminal (para aqueles que concluíram o ensino médio) e concomitante (alunos que cursam o ensino médio paralelamente) e assim foi até o Decreto 5.154/2004 que reintegra o Ensino Técnico ao Ensino Médio como opção, além do modular e terminal que foram mantidos. A Educação Profissional e Tecnológica no Brasil atualmente é regida pela lei nº 11.741 de 2008.

A escola conhecida popularmente com Escola Agrícola de Jacareí teve suas origens no século XIX. Foi fundada pelo próprio Cônego como colégio São Miguel, popularmente conhecido como coleginho, que abrigava menores de baixa renda dando-lhes um ofício. Essa administração se deu até 1887 com a morte de seu fundador. Em 1935 foi instalada em seus 33 alqueires a Escola Profissional Agrícola Industrial Mista de Jacareí, em 1936 ainda estava com as construções em andamento, dependendo da finalização das acomodações para iniciarem-se suas atividades escolares, no entanto esse ano foi considerado um marco para a história do colégio que comemorou em 2016 seu 80º aniversário como colégio agrícola (**fotos 9 e 10**). Nesse período o Bispado de Taubaté que era responsável pelo local desde 1912 firmou um acordo com o governo do Estado de São Paulo que assumiu transformar o espaço em uma unidade de Escola Industrial, acordo que teria um prazo de 30 anos pelo Decreto nº 7.319, de 05/07/1935 (PIMENTEL, KANAZAWA e LOSSOLI, 2002).

Foto 9: Entrada principal da Escola, 2016

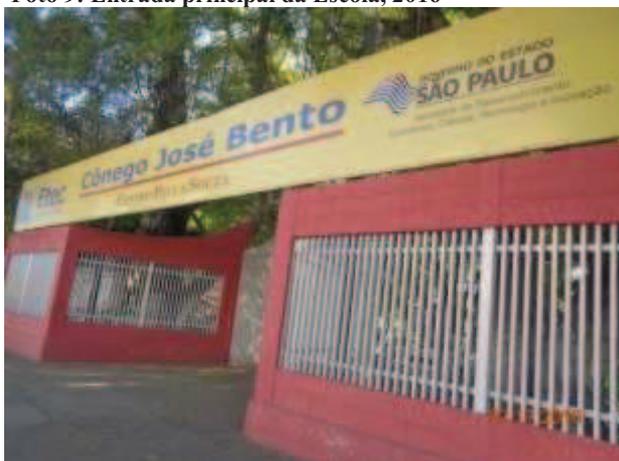


Foto 10: Comemoração aos 80 anos da Escola Agrícola



Fonte: pesquisadora, 2016

As fotos 9 e 10 descrevem o pioneirismo da Etec Cônego José Bento comemorando seus 80 anos de existência no aprendizado agrícola.

Segundo relatos de Kanazawa (2011) a primeira turma de alunos da Escola Profissional Agrícola Industrial Mista de Jacaréí teria iniciado suas atividades escolares em 27 de setembro de 1937. Eram 54 matriculados no curso de iniciação agrícola no período diurno com seção exclusivamente masculina, sendo que as disciplinas eram divididas em cultura geral (Português, Matemática, Ciências naturais, Geografia e História do Brasil, Geografia e História Geral, Francês); cultura técnica (agricultura, criação de animais domésticos e desenho) e práticas educativas (trabalhos práticos de campo e oficinas, canto Orfeônico¹, Educação física). Na área técnica os alunos aprendiam como preparar o solo (**foto 11**), demarcações, irrigação, drenagem, sementeiras, tratamento de sementes, preparo de mudas, tratamento de culturas (**foto 12**), adubações, podas, colheitas, embalagens e conservação dos produtos, preparo de forragens e seleção de sementes, conhecimentos sobre avicultura (**foto 13**), sericultura (criação de bicho da seda), cunicultura, piscicultura, apicultura (**foto 14**) etc. Os conhecimentos propedêuticos visavam à funcionalidade no campo prático, assim era importante aprender a elaborar relatórios, cálculos de áreas (demarcações, levantamentos) e de adubação, elaboração de mapas com conhecimento de escala, saber identificar estruturas vegetais (órgãos e espécies), tipos de solo, pragas, identificação zoológica.

O departamento experimental da Escola era dividido em Campo Escola e Campo Experimental. O Campo Escola promovia um aprendizado prático, onde os jovens aprendiam fazendo, o que lhes garantia uma profissão. Eles criavam animais e aves de pequeno porte, culturas eram plantadas. Além disso, tinham oficinas de carpintaria, ferraria, alvenaria (**foto 15**) e selaria (KANAZAWA, 2011). No campo experimental a escola desenvolveu principalmente o cultivo de trigo (**foto 16**) e centeio. Embora a variedade de trigo de Santa Catarina não ser considerada por técnicos como a das melhores, no campo experimental do colégio chegavam a 1,70 metros, o que atraiu técnicos interessados e representantes do Ministério da Agricultura, que classificaram o estabelecimento agrícola como modelo de São Paulo dessa cultura, noticiado em reportagem do jornal Correio da Manhã de dezembro de 1938 (KANAZAWA, 2013).

¹ *Prática de Canto coletivo amador.*

Foto 11: Alunos trabalhando com arado na déc. de 1940



Foto 12: Horticultura (plantação de pepino e tomate), déc. 1940



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Jacareí. Acesso em: março de 2017

Foto 13: Aula de avicultura na déc. de 1940



Foto 14: Aula de apicultura na déc. de 1940



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Jacareí. Acesso em: março de 2017

Foto 15: Aula de alvenaria na déc. de 1940



Foto 16: colheita do trigo na déc. de 1940



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Jacareí. Acesso em: março de 2017

As fotos acima representam as atividades de aprendizagem nas primeiras turmas de alunos da então Escola Profissional Agrícola Industrial Mista de Jacareí. Alunos do curso agrícola durante as aulas práticas na década de 1940.

Os alunos ingressavam através de um exame de admissão e ao concluírem o curso se formavam em operários, mestres de cultura, capatazes ou administradores agrícolas, sendo que aqueles que cursavam iniciação agrícola e mestria agrícola poderiam obter o equivalente ao curso ginásial, permitindo-lhes após os quatro anos de curso a continuidade no curso de técnico agrícola correspondente ao curso científico em qualquer escola do Estado de São Paulo ou Escola Federal através da lei federal vigente do ensino agrícola do Ministério da Agricultura. Era necessário que os inscritos tivessem idade entre 12 anos completos até 17 anos incompletos. As aulas eram ministradas no espaço da fazenda, ambiente favorável ao ensino agrícola. Segundo o artigo 6º do decreto nº 7.319 de 5 de julho de 1935 poderiam ser mantidos pelo Governo do Estado até 35 alunos em regime de Internato, preferencialmente órfãos, residentes a pelo menos 5 anos em regiões do Estado servidas pela Estrada de Ferro Central do Brasil e satisfazendo os pré-requisitos no ato da matrícula. Nesse período as profissões de mestre e de técnico agrícola eram valorizadas e estavam relacionadas ao desenvolvimento econômico do país, além de serem consideradas um incentivo profissional aos jovens nas áreas da agricultura e criação (KANAZAWA, 2011).

Em 18 de novembro de 1940 o colégio passa a se chamar Escola Profissional Agrícola Mista “Cônego José Bento” em homenagem ao seu fundador, pelo Decreto nº 11.588. De 1937 a 1946 a escola abriu vagas utilizando o exame de admissão como forma de acesso e seus cursos eram: Iniciação Agrícola, Mestria Agrícola (capaz de orientar e ensinar técnicas agrícolas) e Mecânica Agrícola. A secretaria responsável pela administração nessa época, ainda que o então governo de Vargas houvesse criado a Diretoria de Ensino Agrícola, vinculada à Secretaria da Agricultura era a secretaria da Educação nas escolas de Jacareí, Pinhal e São Manuel e os objetivos previstos eram preparar operários, mestres de cultura (agricultor prático, conhecedor dos processos e culturas agrícolas), capatazes e administradores agrícolas. O curso tinha 3 anos de duração, sendo um ano complementar, para aperfeiçoamento e especialização. O curso era dividido em uma parte propedêutica e outra de preparação técnico-profissional (PIMENTEL, KANAZAWA e LOSSOLI, 2002).

A admissão feminina foi possível em 1948, com uma turma de 65 alunas regulares e 11 ouvintes. As áreas de conhecimento eram divididas em seção propedêutica (Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Higiene Rural e Desenho), seção industrial (Corte e Costura e Economia Doméstica) e seção Técnica (Olericultura e Jardinagem e Zootecnia, Veterinária Especializada e Apicultura) e somente em 1956, a Escola agrícola de Jacareí passa a ser administrada pela Secretaria da Agricultura (KANAZAWA, 2013).

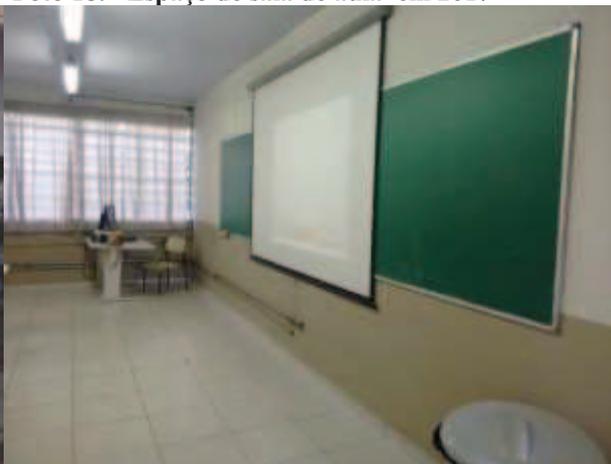
Segundo o decreto nº 7.319 de 05 de julho de 1935, o que levou à criação de uma escola técnica em Jacareí teria sido o fato de se localizar próxima a Estrada de Ferro Central do Brasil, dado o desenvolvimento da agrimensura e pecuária nessa zona. Por esse motivo e pelo fato da escola ter desenvolvido uma atividade voltada à agricultura durante décadas o colégio é tradicionalmente conhecido até hoje como Escola Agrícola, apesar de ter ampliado seus cursos e modernizado sua infraestrutura, como apontam as **fotos 17 e 18**.

Foto 17: Aula de desenho na década de 1940



Fonte: Escolas Profº Públicas do Estado de S.P: uma história em Imagens (Álbum fotogr.), 2002

Foto 18: Espaço de sala de aula em 2017



Fonte: pesquisadora, 2017

A foto 17 mostra alunos em aula de desenho na década de 1940. Embora o espaço tenha sido mantido, a estrutura das salas de aula se apresenta bem modificada, como aparece na foto 18.

Em 2008, graças à intensificação das indústrias no município e na região do Vale do Paraíba, houve um grande crescimento nos cursos técnicos oferecidos na unidade. Devido à demanda de profissionais expandiram-se os cursos na área de Química, Logística e Administração.

A seguir vê-se a **foto 19** que se refere ao prédio administrativo que servia de sede ao até então colégio São Miguel, que passou a ser chamado de Cônego José Bento, em homenagem ao seu fundador, que deixou em testamento todos os seus bens para os meninos pobres de Jacareí. Em 1935, aproximadamente, o então prefeito da cidade ampliou e reformou o prédio que passou a ser uma escola agrícola. Na **foto 20**, nota-se que a estrutura original foi mantida. Assim como algumas instalações de criações de animais (**foto 21 e 22**).

Foto 19: Prédio administrativo na década de 1930 **Foto 20: Prédio Administrativo (2017)**



Fonte: <http://www.jacareitempoememoria.com.br>
Acesso em: 22 de setembro de 2016



Fonte: pesquisadora, 2017

A foto 19 sinaliza o prédio administrativo em 1935 após reformas e ampliação, passando a sediar a Escola Profissional Agrícola Industrial Mista de Jacareí, a mesma edificação que abriga o setor administrativo da atual Etec Cônego José Bento, na foto 20.

Foto 21: Setor de Suinocultura na década de 1940 **Foto 22: Setor de Suinocultura (2017)**



Fonte: Escolas Prof^o Públicas do Estado de S.P: uma história em Imagens (Álbum fotogr.), 2002



Fonte: pesquisadora, 2017

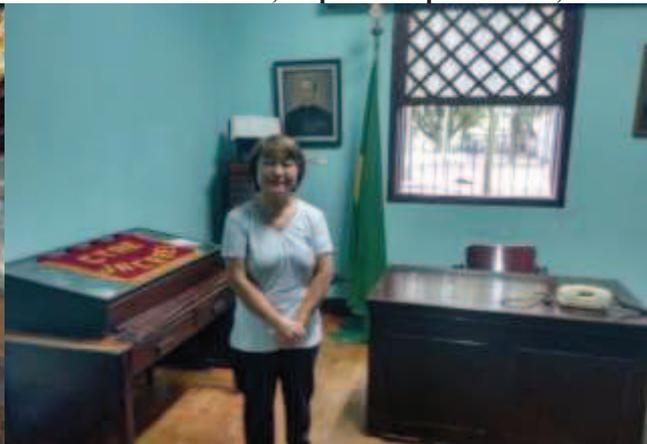
A foto 21 representa o setor de suinocultura na década de 1940. A foto 22 mostra que o local foi mantido tanto para criação de suínos como para a execução das aulas práticas.

Kanazawa (2016), idealizadora do projeto Centro de Memória Etec Cônego José Bento (**Foto 23 e 24**), juntamente com esforços e trabalhos coletivos, descreve sua criação em dezembro de 2000. Segundo ela, o espaço abriga documentos pedagógicos e administrativos como: prontuários de funcionários e alunos; livros de matrícula e ponto, assim como mobiliários. No Centro também é possível encontrar instrumentos científicos utilizados nas aulas do curso Técnico em Agropecuária nas décadas de 1940 a 1980. Esses objetos permitem interpretar a evolução que ocorreu no curso ao longo do tempo, ampliando o conhecimento sobre a história da Escola ao mesmo tempo em que direciona à cidadania, fortalecendo a identidade cultural local.

Foto 23: Entrada do Centro de Memória Etec Cônego José Bento, 2017



Foto 24: Interior do Centro de Memória e a professora Júlia Naomi Kanazawa, responsável pelo acervo, 2017



Fonte: pesquisadora, 2017

As fotos 23 e 24 destacam o exterior e o interior da construção que sedia o Centro de Memória da Etec Cônego José Bento. O Centro criado em dezembro de 2000 foi idealizado por Júlia Naomi Kanazawa, historiadora e professora titular da referida escola e representada na foto 24.

Hoje a escola localizada no centro da cidade de Jacareí mantém os cursos de: Administração, Agrimensura, Agropecuária, Logística, Meio Ambiente, Química, Redes de Computador, ETIM (ensino técnico integrado ao médio) nos cursos de Administração, Meio Ambiente e Agropecuária. Além de Ead Telecurso Tec, que é um programa de formação técnica e qualificação profissional à distância.

O aluno egresso do curso de agropecuária módulo integrado ao ensino médio, foco desse estudo, tem seu diploma com habilitação profissional de Técnico em agropecuária pelo eixo tecnológico de Recursos Naturais. Sua matriz curricular corresponde aos seguintes componentes curriculares no Módulo I: Gestão cooperativista e Associativista; economia na agropecuária; microbiologia e botânica agrícola; reprodução e seleção animal; práticas em olericultura e especiarias; práticas com animais de pequeno porte; viveiricultura e cultivo protegido; processamento de produtos agropecuários I e II; aplicativos informatizados. Módulo II: plano de negócios agropecuários; uso sustentável do solo agrícola; nutrição vegetal, fertilizantes e corretivos; nutrição animal, alimentos e alimentação; práticas em culturas anuais; práticas em reservas, forrageiras e pastagens; uso sustentável da água; linguagem, trabalho e tecnologia. Módulo III: implantação e gestão de projetos agropecuários; instalações agropecuárias; fitossanidade; sanidade animal; práticas em culturas perenes semiperenes; práticas com animais monogástricos; agricultura orgânica; saúde e segurança no trabalho rural; mecânica e mecanização agrícola; planejamento do trabalho de conclusão de curso (TCC) em agropecuária. Módulo IV: gestão ambiental; proteção de plantas; manejo e bem estar animal; práticas em

paisagismo e silvicultura; práticas com animais ruminantes; levantamento e representação topográfica; ética organizacional, extensão e trabalho rural; inglês instrumental; desenvolvimento do trabalho de conclusão (TCC) em agropecuária. Sendo que a conclusão nos módulos I, II, III permite a qualificação profissional técnica de nível médio de agente de produção agropecuária e a conclusão dos quatro módulos a habilitação profissional de técnico em agropecuária.

Sendo o curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio, o colégio Cônego José Bento dispõe de disciplinas técnicas ministradas por 7 professores e as disciplinas regulares ministradas por 15 professores distribuídos nos três anos do curso. As matrículas são preenchidas através de processo seletivo, onde são disponibilizadas 40 vagas anualmente, sendo permitidos casos de transferências de alunos de outras regiões que realizem o mesmo curso, desde que também venham de outras Etecs, não sendo permitido ingresso de alunos de outras instituições, devido ao caráter de especificidade dos módulos. Dos 40 alunos que ingressam, cerca de 36 se formam, considerando transferidos e reprovados, o que mostra um baixo grau de evasão nos últimos três anos (ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO, 2017).

No ETIM (ensino técnico integrado ao médio) o aluno estuda em período integral (matutino e vespertino) e ao concluir o curso sairá diplomado técnico na área escolhida, além de poder prosseguir os estudos em nível superior. O curso de agropecuária tem 3 anos de duração e uma carga horária total de 4.029 horas, apresentando ao egresso possibilidades de desenvolvimento de projetos agropecuários e agroindustriais, assim como administrar empresas rurais, promovendo a industrialização e comercialização de produtos agrícolas; auxilia no fomento de métodos e tecnologias de produção sustentável, pesquisas e análises laboratoriais, além de capacitar para consultorias e assistências à produtores, visando a produtividade, comercialização e a biossegurança do setor. Este curso não requer estágio supervisionado. As aulas práticas são ministradas no próprio local e a escola mantém parcerias com empresas da região do Vale do Paraíba, que recrutam estagiários de acordo com a demanda de mercado. Os alunos são indicados através de um profissional responsável pelo setor de orientação educacional. O mercado de atuação dos técnicos agrícolas envolve: empreendedorismo rural, empresas agropecuárias e agroindustriais (frigoríferos, laticínios, destilarias, usinas), institutos de pesquisa, ensino e extensão rural, empresas de prestação de serviços agrícolas, assistência técnica e consultorias, empresas fornecedoras de insumos agrícolas, maquinários, implementos agrícolas, pecuários e agroindustriais, empresas produtoras e fornecedoras de produtos orgânicos, além de cooperativas e associações rurais (ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO, 2017).

1.4 - Novo Cenário Rural: Perspectivas e Oportunidades

A história da agricultura no Brasil se deu desde os primórdios da colonização de forma exploratória. Os recursos ecológicos eram utilizados para obtenção de lucros imediatos.

A introdução da agricultura propriamente dita através da monocultura continuou com o mesmo caráter, incorporando o trabalho forçado dos escravos, o que gerou o chamado Modelo Predatório de Agricultura, caracterizado pela produção destrutiva gerada por práticas e técnicas descuidadas e despreocupação com a biodiversidade local. É nessa concepção que surgiu o conceito do modelo rural brasileiro (PÁDUA, 2010). Segundo Schmidt, Turnes e Guzzatti (2013) o meio rural mudou e conseqüentemente o jovem rural também mudou, suas expectativas de consumo, trabalho e lazer são diferentes das gerações passadas.

Buainain, et al.,(2014a) refletem sobre a deficiência de debates entre cientistas sociais sobre aspectos do mundo rural, assim como, pesquisadores e professores atuantes em disciplinas voltadas a regiões rurais, sua economia e população. Os autores acreditam que em parte esse fato se justificaria pela expansão urbana cada vez maior da sociedade e conseqüentemente novos interesses, mas também sublinha aspectos negativos de um setor que apesar de a pouco mais de uma geração nos definir como país agrícola, ainda assim, marcado por uma monocultura, no caso o café, ser lembrado por padrões de dominação e associado a ambientes sociais e produtivos de pobreza e dessa forma veiculado a uma imagem de história agrária primitiva.

José Graziano da Silva, eleito pela segunda vez ao cargo de diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a agricultura e Alimentação, em 2016, cargo que ocupará até 2019 reforça a idéia de que o campo não pode mais ser identificado somente com a agricultura e a pecuária. As atividades agropecuárias podem ser combinadas com áreas não agrícolas, ou ainda, dentro do meio rural, novos cenários estão sendo projetados como: turismo rural, turismo pedagógico, exploração da paisagem, cultura, agroindústria (SILVA, 1999, p.35). Graziano coordenou o Programa Fome Zero, dando também início à sua implementação, contribuindo com sua formação como agrônomo, professor e escritor.

Segundo Schmidt W.; Turnes V.A.; Guzzatti T. (2013), o espaço rural deixou de ser apenas agrícola para ser multifuncional. Entende-se como noção de multifuncionalidade o sinônimo de “muitas funções”, o termo inicialmente utilizado na agricultura familiar foi desenvolvido em políticas públicas francesas na década de 90. Ser multifuncional na agricultura é reconhecer que o meio rural exerce uma função que vai além de aspectos econômicos,

promovendo também uma visão de sustentabilidade. Dessa forma é preciso compensar tais serviços ou bens públicos que não são remunerados pelos mercados.

Além disso, ocorre uma forte articulação entre a vida rural e a urbana, tanto na dimensão social e cultural, quando na econômica, assim é possível traçar estratégias e transformar paradigmas, principalmente em relação aos jovens rurais e suas novas identidades. Por outro lado, com a integração entre rural e urbano o grau de possibilidades e oportunidades se potencializam. É o que José Graziano (SILVA, 1999) já identificava como pluriatividade, conceito de meio rural que combina atividade agrícola e não agrícola. Termo também utilizado por Oliveira, Freitas e Miorim (2015).

Segundo os autores mencionados a ideia de multifuncionalidade também agregou valores à produção rural. Enquanto na concepção produtivista evidenciava a quantidade de alimentos e matéria prima com preço baixo, que representa desgaste e destruição de recursos ambientais muitas vezes desnecessários, a visão de sustentabilidade que o multifuncionalismo contempla valoriza a agricultura consciente, a garantia de segurança alimentar e a produção de alta qualidade, visando também à proteção do ambiente em que são produzidos.

Diante desse novo cenário é preciso pensar em políticas de desenvolvimento rural que atribuam estímulos e motivação aos jovens, garantindo educação de qualidade em ambiente propício a projetos inovadores que tornem o meio rural uma opção de vida atrativa e não uma fatalidade que incentiva o êxodo rural.

Malacarne, R; Brunstein, J.; Brito, M.D. (2014) observam que as pessoas são educadas para serem empregadas e criticam a falta de estímulo das instituições de ensino para o empreendedorismo. No contexto da educação agropecuária, os autores apontam que o mercado busca jovens preparados para lidar com temas como o desenvolvimento sustentável, não deixando de conciliá-lo com questões como crescimento econômico, conservação ambiental e desenvolvimento social. Fato também reforçado por Guedes, Torres e Campos (2014), que observam que o desenvolvimento das tecnologias exige conhecimentos e habilidades cada vez maiores no espaço rural, no entanto o processo de urbanização e o despreparo dos pequenos produtores têm levado a uma redução na disponibilidade de mão de obra qualificada. Lembrando também da necessidade de políticas públicas e legislações que promovam oportunidades de inovação e empreendedorismo.

Ainda em relação à mão de obra, os autores continuam salientando que o Brasil, assim como parte dos países em desenvolvimento transitam por um período denominado “janela de

oportunidades”, aonde segundo a Organização Internacional do Trabalho a população de crianças vêm caindo e a população dita como ativa crescendo, isso significa uma viabilização de oportunidades desde que se considere uma demanda cada vez maior desse grupo e conseqüentemente uma empregabilidade equivalente. Além disso, é indispensável ressaltar a importância da profissionalização que se incumbirá de atender um mercado exigente e competitivo, para isso é preciso incentivar uma cultura de empreendedorismo com jovens qualificados que tenham condições de desenvolverem-se frente aos novos processos tecnológicos aplicados nas propriedades rurais, que vai desde inovações para pequenas e médias propriedades até prestação de serviços que desonerem o produtor. No entanto, para os autores só será possível à apropriação desse bônus de oportunidades enfrentando o maior empecilho para o crescimento nacional, que é a deficiência de educação de base e qualificação profissional, principalmente no meio rural. Assim alguns itens foram listados por especialistas com o intuito de amenizar esses problemas, como: “estruturar escolas de nível médio em unidades de produção, integradas a centros de ensino e pesquisa; reformular o currículo e o calendário das escolas rurais, privilegiando temáticas agrícolas regionais e a questão do empreendedorismo”. Além do mais, investimentos públicos, privados e a integração local e entre países em relação a pesquisas agrícolas favorecem a expansão tecnológica, auxiliando na superação de questões como mudanças climáticas, pestes e doenças (GUEDES, TORRES e CAMPOS, 2014, pag.143, grifo dos autores).

Outro importante fator que precisa ser analisado, segundo Vieira Filho (2014) é a capacidade de absorção de conhecimento na produção agrícola. Para o autor não basta avaliar somente a distribuição tecnológica, mas de que forma ela está sendo gerenciada. Análises mostram que a educação é um ponto primordial no desenvolvimento da agropecuária e que regiões mais pobres, como o nordeste e norte do país, apresentam menores índices de produtividade em relação ao número de estabelecimentos agrícolas por produção bruta, que coincidem com uma alta taxa de analfabetismo, mostrando assim, uma significativa fragilidade relacionada com a incorporação de novos conhecimentos. Segundo o censo agropecuário do IBGE (2006), no Brasil 29,8% de dirigentes em estabelecimentos agrícolas eram analfabetos, sendo que no nordeste essa taxa era de 46,4%, segundo esse último censo. O mesmo panorama se evidencia quando o assunto é orientação técnica. Durante o processo produtivo regiões mais carentes são pouco beneficiadas com esse tipo de apoio, percebendo-se grande desvalorização e políticas públicas ineficientes no que diz respeito à educação rural.

1.4.1 - Agronegócio

Araújo Neto e Costa (2005) definem o Agronegócio como uma “evolução natural da agropecuária”, necessária para um novo cenário de múltiplas operações, que incluem, por exemplo, os insumos, tidos até então como produtos não rurais. São o caso de fertilizantes inorgânicos, adubos, defensivos. O autor observa que o setor, antes essencialmente primário, com caráter de autossuficiência, passa a ter uma expansão no crescimento das operações. O objetivo da produção rural antes direcionada a demanda final, passa ser mais complexa, introduzindo-se no setor a tecnologia dos processos produtivos para produções agropecuárias (utilização de tratores, implementos agrícolas, centros de processamento, instrumentos de financiamento à produção, atividades de pesquisa e desenvolvimento e serviços de logística dos produtos rurais e agroindustriais).

Kuzaque e Kanaane (2004) sinalizam que o termo “agricultura” era empregado amplamente a todos os setores que envolvessem esse tipo de atividades, assim como os produtores que atendiam a demanda, sem necessidade de especializações. Com o crescimento populacional, otimizou-se pela quantidade de alimentos como consequência do aumento do consumo, sendo necessária uma nova visão contraposta ao antigo conceito de agricultura e pecuária. Os autores reforçam o fato de ser a alimentação o grande alicerce de qualquer economia nacional, dessa forma o termo “agribusiness” suplanta a simples atividade de cultivo e criação, oferecendo amplas perspectivas em comércio exterior através de exportação para países deficitários de produtos primários; importação de equipamentos de insumos agrícolas; comercialização de sêmen viabilizado por cooperativas, entre outras potencialidades oferecidas pelo setor. Atividades essas, muitas vezes ignoradas por parte da população, que associa a produtividade agrícola simplesmente como trabalho ligado a agricultura e a criação de animais.

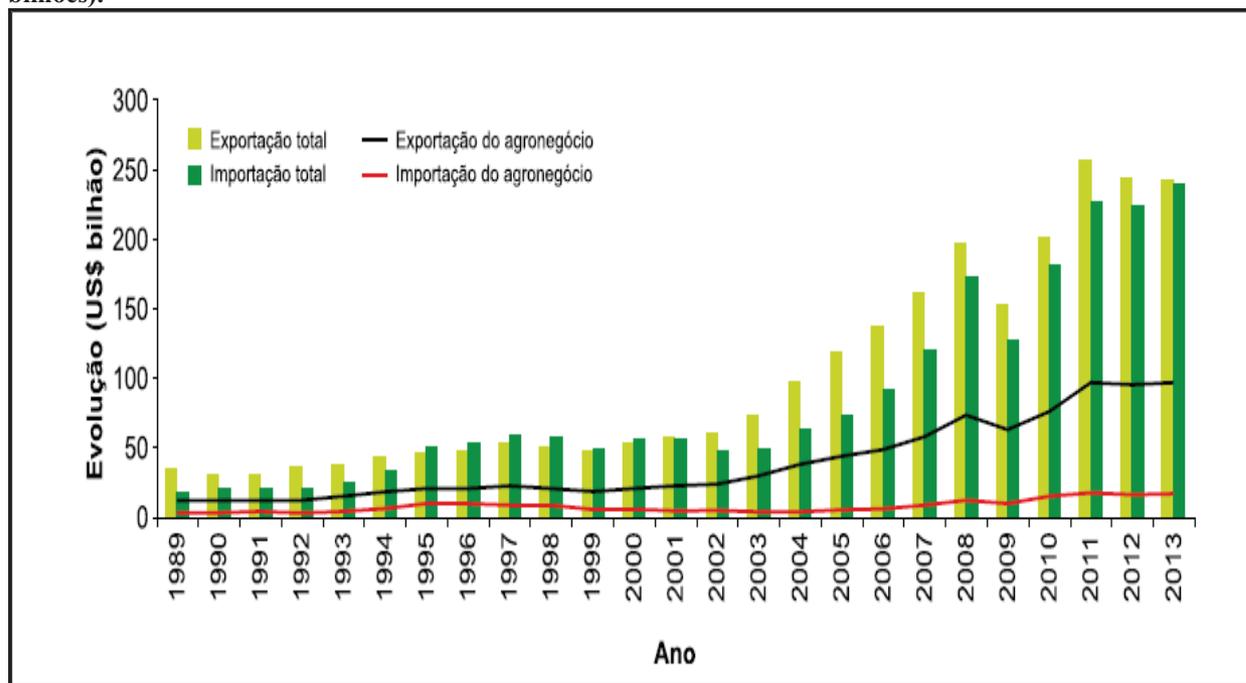
A II Guerra Mundial foi um marco histórico para vários setores, assim também ocorreu com a agricultura. Esse período foi marcado por importantes transformações, advindas da necessidade de produtos adquiridos e não mais produzidos localmente, o que gerou uma dependência no setor de insumos industrializados (ZYLBERSZTAJN, 1995; SÁ et al., 2015). Posteriormente, como aponta Souza e Rasia (2011), a tecnologia de informações estreitou os contatos entre empresas, facilitando o consumo de produtos industrializados, acelerando o crescimento e alavancando o agronegócio. Somado a isso, o fato da influência dos meios de comunicação em relação à cultura alimentar e os riscos da má alimentação para a saúde, que contribuíram para a ascensão ou declínio de algumas atividades no setor. Para Guedes, Torres e

Campos (2014) as transformações na renda, educação e informação gerou uma demanda maior de consumidores e com uma preocupação maior em relação à qualidade, variedade e segurança alimentar, incluindo questões sociais e ambientais, como sustentabilidade e ética. Políticas públicas também priorizam mudanças alimentares, objetivando amenizar problemas de saúde pública que se mostram crescentes na atualidade, como é o caso da diabetes e da obesidade.

O agronegócio tem importante função na economia do Brasil pela direta atuação e distribuição de alimentos. Essa cadeia produtiva fomenta o surgimento de empresas nesse ramo, que se expandem com o aumento e demanda do consumo urbano (DIEL et al., 2014). Esse aumento continuará até 2050, não só pela demanda populacional, mas pelo aumento de renda, urbanização e mudanças nos hábitos dos consumidores como ditos anteriormente. Assim, é preciso o incentivo de tecnologias que garantam a produtividade e promovam o desenvolvimento de produtos diversificados que atendam esse novo consumidor, que embora prime por preço também está mais exigente em relação à qualidade, praticidade, variedade e se preocupam com as questões ambientais (GUEDES, TORRES e CAMPOS, 2014).

De acordo com projeções do MAPA - Ministério da Agricultura, pecuária e abastecimento (2013), o agronegócio brasileiro caminhava rumo à tecnologia sustentável em um cenário promissor para os dez anos posteriores, tanto na agricultura como na pecuária. Já o MAPA (2016) relatou através de seu estudo de projeções que o novo objetivo seria sinalizar para o desenvolvimento, fornecendo subsídios a políticas públicas através de indicadores de tendências dos principais produtos do agronegócio. Estratégia que visa à promoção de novas possibilidades futuras no contexto global, impulsionando o país para o crescimento e expansão de novos mercados. Contini (2014) identifica muito bem essa expansão observando o comportamento do valor das exportações e importações brasileiras totais em relação aos mesmos itens no agronegócio. O aparente desenvolvimento global gera uma expectativa de perda na posição da participação agrícola nas exportações, mas pelo contrário, o setor se mostra dinâmico e prolongado até os dias atuais, conforme mostra o gráfico a seguir (Gráf. 1).

Gráfico 1 : Evolução anual da balança comercial brasileira e do agronegócio no período 1989 a 2013 (em US\$ bilhões).



Fonte: AgroStat (2014)

Fato também mencionado por Barros (2014) que relata que o Brasil vem tendo uma significativa expansão na produção agropecuária. Para se ter uma ideia, o autor menciona o fato da colheita de grãos que em 1975 era de 45 milhões de toneladas passar para 58 milhões em 1990 e 187 milhões em 2013. O país é um dos quatro maiores exportadores de açúcar, algodão, suínos, milho, aves e bovinos. Acredita-se que essa posição de supridora mundial só se intensificará até 2020, em parte pelas dificuldades no agronegócio da Argentina, Austrália, Rússia e Ucrânia, em parte pela instabilidade política, sem deixar de considerar obstáculos climáticos internacionais. É nesse contexto que o autor acredita ser o agronegócio o único segmento realmente relevante no cenário econômico do Brasil, gerando todo um alongamento na cadeia produtiva agrícola, que conta com linhas de pesquisa, consultorias em áreas da tecnologia da informação, melhoramento genético, agricultura de precisão, entre outros serviços ligados as propriedades e as indústrias da cadeia de produção. Enquanto a indústria mostrava um crescimento de 1,3% e o setor de serviços 2%, a agricultura expandia-se em 7% em 2013, sendo que em 2014 representava 25% do PIB. Além disso, os segmentos industriais ligados ao setor agro foram os que apresentaram melhores performances, é o caso de tratores, caminhões, implementos agrícolas, fertilizantes, defensivos e produtos veterinários. Isso reforça o fato de que agricultura e indústria superaram suas diferenças e desempenham forte articulação entre si.

A dinâmica do agronegócio brasileiro atual e possivelmente futura se deve ao rápido crescimento nas exportações e ainda que a economia do agronegócio esteja concentrada em alguns produtos, esses estão presentes em vários mercados. Enquanto produtos tradicionais como o café diminuem sua participação econômica, a soja, carnes e produtos florestais assumem um importante espaço em volume e valor agregado. Assim, os recursos naturais e humanos apresentados pelo agronegócio se mostram promissores para o país, mas também exige uma postura de responsabilidade global perante os desafios de suprimento alimentar mundial (CONTINI, 2014).

Responsabilidade que inclui riscos que podem comprometer a produtividade e o desenvolvimento sustentável. As ameaças são complexas, vista as relações com o meio ambiente e as mudanças comportamentais dos novos consumidores. A instabilidade nas mudanças climáticas também é uma variante preocupante e um fenômeno bem conhecido nacionalmente, como é o caso das secas nordestinas, ficando evidente a importância não só de pesquisas e tecnologia, mas de inovações que remetam a real complexidade desses problemas. Se tratando de riscos, outro fator relacionado ao tema é o risco sanitário que compromete as duas principais cadeias do agronegócio nacional: o gado de corte e de leite, prejudicada pela deficiência no rigor de fiscalização relacionado à segurança alimentar em termos de componentes nutricionais ou de contaminação por microrganismos. Esses aspectos geram além de riscos sanitários, também econômicos como: extermínio de rebanhos ou plantações, queda de produtividade, imposição de barreiras tarifárias por parte de um país importador e acréscimos nos custos relacionados às exigências dos padrões sanitários (BUAINAIN et al., 2014b).

1.4.2 - Agricultura Familiar

Para Pedroso (2014) a expressão pequena produção rural teria sofrido substituição com o aprofundamento da democratização pós-constituente e a difusão do uso politicamente correto de várias expressões, assim o termo passou a ser considerado pejorativo no espectro político, por sugerir rebaixamento social e indicar incapacidade de progresso dos produtores de pequeno porte. Dessa forma nos primeiros anos da década de 1990 a expressão foi substituída por “agricultura familiar”. O termo, segundo a autora denota simpatia social e até religiosidade, de forma que foi facilmente aceito e disseminado.

A agricultura familiar foi precária até 1930, permanecendo em posição de dependência de “senhores” ou “coronéis” até às décadas entre 1930 e 1970, com a abertura do mercado interno, passando a ser chamada de Marginal, uma vez que tais atividades não gozavam de políticas públicas. Após 1967, houve uma modernização de técnicas, mas a estrutura agrária era a mesma. Em meados dos anos 90 a especificidade da agricultura passa a ser reconhecida pelo Estado, recebendo políticas diferenciadas, fato que contribui com a expansão do empreendedorismo entre os jovens rurais (SCHMIDT, TURNES E GUZZATTI et al., 2013).

Segundo a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), a Agricultura Familiar tem dinâmica e características diferenciadas, pois nela a gestão se dá pelo compartilhamento, sendo a atividade produtiva agropecuária a principal fonte de renda. Além disso, tem-se uma relação particular com a terra, local de trabalho e moradia. Para o coordenador-geral de Monitoramento e Avaliação da SEAD, desde 2013, Régis Borges de Oliveira, esse tipo de atividade vai além da economia e geração de renda, pois a Agricultura Familiar tem um valor cultural e de preservação da tradição local (SEAD, 2016).

Pela Lei nº11.326/2006 é considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, não detenha área maior do que 4 módulos fiscais (unidade de medida, em hectare, cujo valor é fixado pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, para cada município) ; utilize mão de obra da própria família na atividades econômicas do estabelecimento ou empreendimento. São também beneficiários: silvicultores, que cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável desses ambientes; aquicultores, que explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2 hectares ou ocupem até 500m³ de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede; extrativistas que exerçam atividade artesanalmente no meio rural, excluídos garimpeiros e faiscaidores; pescadores que exerçam a atividade pesqueira artesanalmente. O Conselho Monetário Nacional - CMN pode estabelecer critérios e condições adicionais de enquadramento para fins de acesso às linhas de crédito destinadas aos agricultores familiares, de forma a contemplar as especificidades dos seus diferentes segmentos. (Incluído pela Lei nº 12.058, de 2009). A Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais observarão, dentre outros, os seguintes princípios: I - descentralização; II - sustentabilidade ambiental, social e econômica; III - equidade na aplicação das políticas, respeitando os aspectos de gênero, geração e etnia; IV - participação dos agricultores familiares na formulação e implementação da política nacional da agricultura familiar e empreendimentos familiares rurais. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) é o principal apoiador

da agricultura familiar e tem como objetivo fomentar o desenvolvimento sustentável. É a partir dele que agricultores familiares acessam linhas de crédito de acordo com seus projetos e necessidades, como safras, atividade agroindustrial, investimentos em máquinas, equipamentos ou infraestrutura, sendo que é preciso ter uma renda bruta anual de até R\$ 360 mil para acessar programa.

As principais ações governamentais que colaborariam para o fortalecimento de um ambiente mais favorável da agricultura familiar são enumeradas por Pedroso (2014): 1- Caracterização correta do público que se beneficia dos conjuntos de políticas, mudando a definição de agricultor familiar; 2-Atuação governamental diferenciada nos diversos subgrupos do conjunto maior no setor; 3- Ampliação do aporte de recursos existentes; 4- Investimento em treinamento dos profissionais envolvidos em assistência técnica e extensão rural, assim como os membros da família interessada; 5-Disponibilização de tecnologia moderna. Para a autora, se a agricultura familiar não for capaz de melhorar seu desempenho e absorção de tecnologia existente, assim como a incorporação da formação para gestão dos recursos e administração da propriedade, o setor provavelmente não sobreviverá. A deficiência técnica da maioria dos profissionais atuantes diretos dos produtores rurais e a falta de acesso à tecnologia moderna são fatores relevantes, uma vez que dois terços do crescimento agrícola atual se devem as inovações tecnológicas.

Kiyota e Perondi (2014) retratam a atual condição da tradicional sucessão na agricultura familiar, onde o controle do empreendimento na propriedade se caracterizava historicamente pela transferência intergeracional entre os membros da família. Os autores discutem os aspectos antagônicos desse cenário, apontando os conflitos entre gerações, a falta de interesse ou comprometimento dos jovens, mas por outro lado observam que esse tipo de relação pode ser bem sucedida, uma vez que os sucessores apresentam além de bens físicos herdados pela proximidade familiar, os bens intangíveis, como os conhecimentos tácitos que adquiriram ao longo de uma vida de convivência. Esses fatores beneficiariam a produtividade e evitariam gestores externos que precisariam de um tempo maior para conhecer a atividade exercida, a unidade de produção, além dos valores próprios do estabelecimento. Maia (2014) também relata a preocupação com a falta de sucessores para as atividades agrícolas, que ameaçariam segundo ele, a sustentabilidade da pequena propriedade rural a médio e longo prazo. O autor também aponta a problemática do esvaziamento demográfico rural, gerado pela migração de jovens para os centros urbanos em busca do primeiro emprego. Assim jovens mais escolarizados e do sexo feminino intensificam o processo de envelhecimento e a masculinização no espaço rural. O

processo de masculinização é explicado pelo autor pelos seguintes fatores: 1 – O uso de tecnologia reduz a exigência de mão de obra, priorizando a contratação masculina; 2 – O preconceito enraizado socialmente no ambiente rural que limita as mulheres aos afazeres domésticos; 3 - O patrimônio familiar privilegia os homens como herdeiros e sucessores em potencial. A tendência ao crescimento de escolaridade, principalmente entre as mulheres tem segundo o autor, intensificado a persistência do êxodo rural. Esses impactos a princípio atenuados pelos ganhos de produtividade agrícola e aumento na valorização dos salários no campo, ameaçam a sustentabilidade das atividades agrícolas, principalmente entre os pequenos proprietários, que são mais vulneráveis.

Segundo Hoffmann (2014) vários noticiários titulam que a agricultura familiar produz 70% de alimentos do País. O Censo agropecuário de 2006, cuja primeira versão dos resultados foi publicada em 2009 e posteriormente elaborada em “segunda apuração” em 2012, relatou que em 2006 as principais produções pertencentes à agricultura familiar eram: mandioca (83,2%), feijão (agregando todos os tipos, 69,6%), soja (14%), sendo que na segunda apuração mostra 29,7% de cabeças de gado, 51,2% aves e 59% de suínos. Para o autor citado, é praticamente impossível mensurar com exatidão a parcela de matéria prima utilizada nos alimentos originários da agricultura familiar e consumida no Brasil, sendo preciso avaliar minuciosamente a comercialização de todos os alimentos e matérias primas e não apenas o fluxo físico de mercadorias, portanto falar que 70% do consumo nacional se deve a agricultura familiar é uma afirmativa falsa, muito embora seja indiscutível o reconhecimento da importância desse tipo de atividade para o País.

De acordo com IBGE (2017), de outubro de 2017 a 28 de fevereiro de 2018 ocorrerá o 10º censo agropecuário, onde recenseadores visitarão mais de 5 milhões de estabelecimentos agropecuários durante 5 meses em todo o território nacional. O objetivo é buscar informações sobre a área, produção, características, métodos de irrigação, uso de agrotóxicos, enfim fazer um novo recenseamento da agricultura familiar no contexto de produção agropecuária do país. Os resultados do Censo Agro 2017 estarão disponíveis e divulgados em 2018 pelo IBGE.

1.4.3 - Tendências e panoramas quanto ao Agronegócio e a Agricultura Familiar

No último meio século, a história da agricultura mundial foi marcada por grandes transformações tecnológicas e conseqüente expansão da demanda de alimentos. Esse período foi

intitulado pela literatura de “agricultura moderna”. Essa ascensão modificou o cenário agrário e fomentou a modernização do setor a partir do final dos anos 60 em regiões brasileiras. A virada do século XXI traz um importante motor de desenvolvimento econômico para o país. No entanto esse aparente progresso não foi, nem vem sendo traçado de forma homogênea e linear. A integração econômica entre agropecuária, indústria e setores de serviço ligado a cadeias produtivas, também passam por contradições e conflitos (LOPES, SARTI e OTERO, 2014). Para Vieira Filho (2014) o Brasil é um dos poucos países a traçarem uma bem sucedida transformação agrícola, passando pelos anos 60 como importador líquido de alimentos para um país autossuficiente e exportador a partir dos anos 80, além de apresentar elevados índices de crescimento agrícola em meados da década de 1990, enquanto a produção mundial se mantinha estagnada. O autor continua discutindo o papel da inovação tecnológica na agricultura brasileira, citando como principais desafios a inclusão produtiva gerada pela necessária absorção de conhecimento externo dos agentes e a importância de ambiente favorável à mão de obra jovem e sucessora gerencial nos negócios.

Barros (2014) contribui observando que pequenas e médias propriedades têm visíveis desvantagens comparando-se com áreas que contam com serviços mecanizados. Esse tipo de auxílio pode gerar um decréscimo de 20% nos custos de uma saca de café, por exemplo. Parece claro que inovações e investimentos no segmento agrícola continuarão impulsionando o crescimento brasileiro, mas, no entanto, é preciso pensar em políticas públicas que lidem com tamanha fragilidade que ainda assola os pequenos proprietários rurais frente aos desafios de custos, comercialização e mecanização. Além disso, o documento legal que rege as normas do trabalho no campo data de 1973, assim algumas questões ligadas à jornada de trabalho, transporte e alimentação de trabalhadores que não residem na propriedade, inclusive migrantes de outras regiões do país, vem sendo razão de problemas judiciais, principalmente em relação a serviços temporários em períodos de colheita que não tem regulamentação adequada, sofrendo assim situações degradantes de trabalho.

Outro aspecto que difere o grande empresário rural do agricultor familiar, segundo a óptica de Martins (2014) não é só o tamanho da propriedade, mas os valores sociais, sua lógica, economia e políticas que os norteiam. Assim, o pequeno proprietário rural vê a terra como um modo de vida, atribuindo-lhe valor de uso, enquanto o grande proprietário se relaciona com a terra de forma abstrata, seca e instrumental, como valor de troca racional movida pelo interesse econômico. Para o autor, o mundo rural sempre muito associado a questões tradicionais serve de palco para questionamentos críticos em relação a transformações sociais nas quais está

mergulhado, classificando-se muitas vezes o espaço rural tradicional à parte do contexto do que se entende por moderno. Por outro lado, a intensificação de programas de modernização na economia agrícola gerou cenários devastadores, é o caso dos episódios de fome na União Soviética nos anos 1920 e a modernização agrícola no Brasil após a erradicação do café em 1950, que transformou agricultores em boias-frias, além de favelizar cidades. Outra preocupação é em relação ao que o autor denomina de “modernização agrícola de prancheta”, que desintegra sociedades rurais tradicionais, ignorando o capital social em nome de uma maior eficiência econômica, com lucros cada vez mais imediatos, sem contar com um saber enraizado, centenário, que não é valorizado no cálculo moderno.

Contrapondo, Buainain (2014) analisa o atual cenário de concorrência no mercado de produtos agropecuários. Para ele, o país que detinha certa soberania nos padrões de produção, tem no presente, a necessidade de lidar com a acirrada competitividade, mesmo em segmentos de destaque, como a soja, carne e produtos tropicais. Fato que exige do setor, além de investimentos contínuos, produtores capazes de se ajustar às exigências do mercado, ou seja, se adequarem as novas formas de produzir e acumular como única alternativa de sobrevivência. O autor reforça a ideia de uma agricultura atual exigente na qualidade, segurança, sustentabilidade e eficiência, fatores alcançados através do desenvolvimento científico e inovação, além desses fatores, a questão ambiental, também ganha importância no setor, como é o caso da produção orgânica, que vem intensificando os fatores de agregação de valor aos seus produtos, assim como a viabilização das inovações que também levam em consideração as preocupações ambientais. Ele continua advertindo para o cuidado com o senso comum, que traz a ideia de que o uso da tecnologia no campo é sempre artificial e menos saudável, o que não condiz necessariamente com a realidade. O novo consumidor busca produtos mais frescos e saudáveis, mas também diversidade, sabor e fluxo de abastecimento regular, o que contradiz a sazonalidade marcada pela até então agricultura tradicional. O cultivo fora de época, o apelo pela coloração, teor nutricional e volume que atenda a demanda em massa implicam no emprego de tecnologias das quais o autor chama de novo padrão de acumulação: “mais capital, mais conhecimento, mais gestão, mais inter-relação com mercado e instituições em geral”.

Outra questão levantada por Romeiro (2014) em relação à trajetória de modernização agrícola é a questão da monocultura. Se de um lado proporciona melhor rendimento, produtividade e redução de preço, por outro é caracterizado como sistema produtivo insustentável e responsável pela degradação do agroecossistema. Para o autor a preocupação com esse fator se intensifica com a consciência ecológica da população frente ao cenário ambiental

devastador causado pelas grandes culturas. A tendência desejável retratada pelo autor seria de uma transformação para um agronegócio ecológico, com a presença de paisagens biodiversas e preocupação com espaços naturais e sustentáveis que garantam produtividade e preço para consumidores e agricultores, mas também o cuidado com a preservação ambiental.

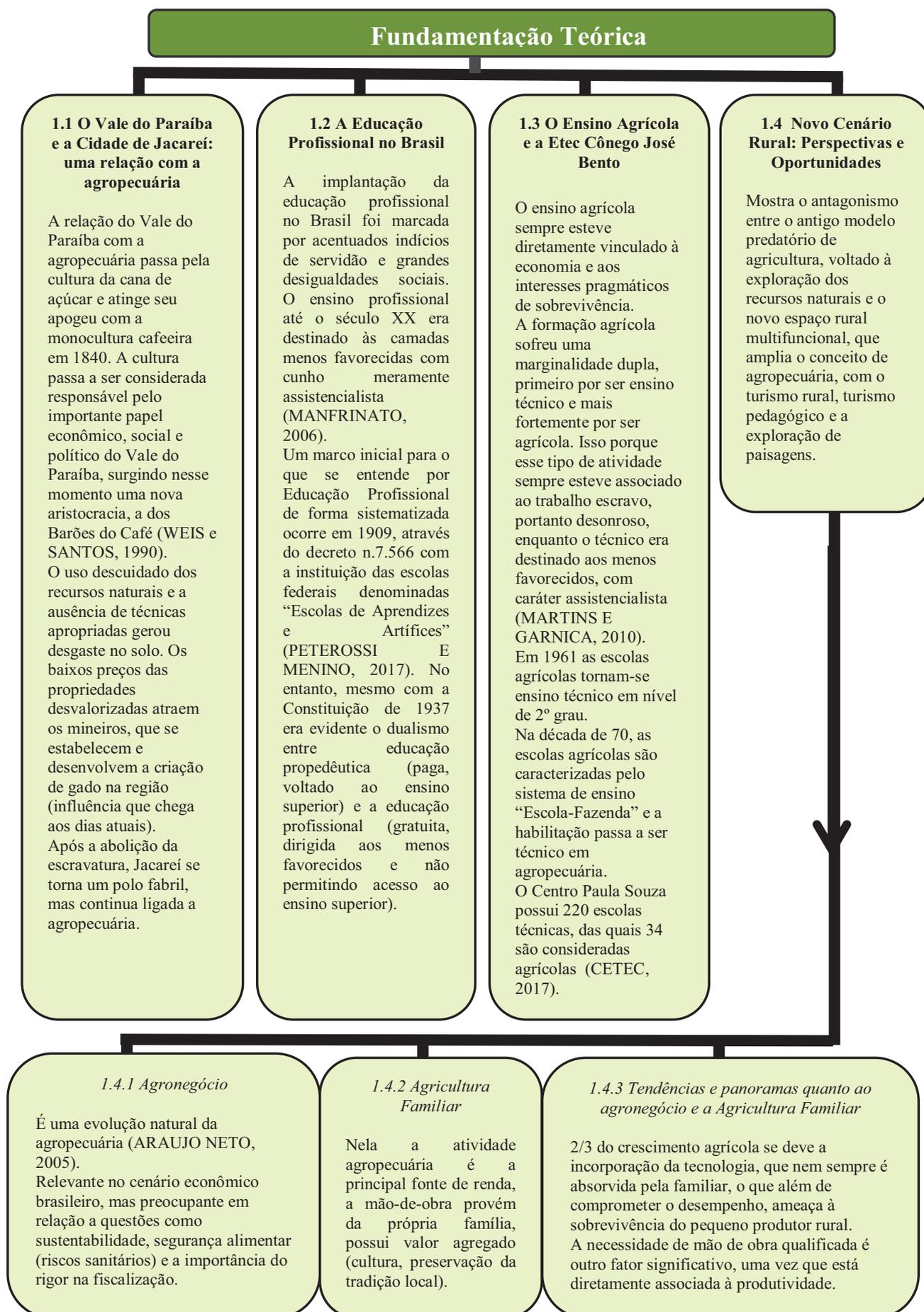
Garcia (2014) também retrata a problemática do processo de envelhecimento do campo, que segundo ele é consequência principalmente das áreas mais dinâmicas da agricultura familiar, isso porque, seus jovens tendo acesso à educação, comunicação e informação sentem-se atraídos pelas oportunidades de trabalho oferecidas pelas cidades. Esse fato acaba por gerar escassez de mão de obra, tanto no setor patronal como na própria agricultura familiar. Para o autor é fundamental criar condições de trabalho, mas também buscar alternativas para aqueles cujas ocupações foram dispensadas, seja por falta de qualificação ou porque suas atividades, funções ou cargos foram extintas. Assim é preciso adotar programas de requalificação técnica que amenize custos sociais e econômicos das mudanças impostas ao mercado de trabalho agrícola.

“O Brasil precisa de uma agropecuária que seja economicamente sólida, mas também requer regiões rurais prósperas e mais justas no tocante à distribuição da riqueza gerada” (LOPES, SARTI e OTERO, 2014). Expandir a capacidade de gerar tecnologia, intensificar o processo de inovação são fatores que contribuem com o crescimento da agricultura brasileira, mas tornar esses instrumentos acessíveis a todas as regiões e aos produtores é um desafio que precisa ser enfrentado para que significativas transformações ocorram, assim como, políticas públicas de valorização e incentivo ao meio rural.

Buscou-se no presente capítulo apresentar as principais tendências e perspectivas da Educação Profissional e do Ensino Técnico em agropecuária no contexto educacional. O estudo da região do Vale do Paraíba, a cidade de Jacareí e a Etec Cônego José Bento se fez necessário, uma vez que se trata de uma pesquisa etnográfica. Assim como os desafios e cenários contemporâneos no espaço agrícola também foram incorporados nos títulos subsequentes.

Segue um quadro síntese representativo:

Quadro 1: Quadro Síntese da Fundamentação Teórica



CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA ETNOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO

Levando-se em consideração a importância da vivência, da visão diferenciada e do conhecimento prévio da pesquisadora com a situação em estudo, optou-se pelo método etnográfico, entendendo e observando na prática a cultura, crença e hábitos específicos dos objetos em questão para posteriores análises e discussões. Abstrair da fundamentação teórica o auxílio necessário para a construção da compreensão da realidade presenciada foi o caminho subsequente.

2.1 Etnografia

Lücke e André (2013) descrevem a etnografia apresentada e conceituada por Wolcott (1975) como “ciência da descrição cultural”, exposta através de específicos pressupostos da realidade em forma de coletas bem particulares. Segundo esses autores a etnografia que a princípio esteve ligada a antropologia e a sociologia qualitativa, começa no início dos anos 70 a ser adotada na educação, dando origem a uma nova linha de pesquisa classificada como etnográfica. A etnografia é um campo de estudo social caracterizado por significados culturais de um determinado grupo tido como objeto de estudo.

Ezpeleta e Rockwell (1986) já definiam a palavra etnografia como apropriada tanto na pesquisa de campo como no produto final da pesquisa. Os autores insistem na utilização do termo como um “enfoque”, onde haja uma perspectiva em que o método e a teoria se articulem. Isso porque ao se adotar a etnografia no campo da educação, é importante, segundo esses autores, classificá-la como uma opção metodológica, uma vez que todo método implica em uma teoria.

Para Mattos e Castro (2011) a etnografia surge quando a antropologia cultural, vertente da antropologia social, sintetiza caminhos que se deve percorrer para realizar no campo, a própria pesquisa. Para eles, a etnografia no campo da antropologia, não pretende “tornar familiar o exótico”, mas alertar para a necessidade da construção de um olhar crítico sobre o que se lê e observa. O pesquisador etnográfico deve estranhar o que parece óbvio fazendo sempre uma análise crítica. Os autores continuam relatando que qualquer pesquisador suficientemente sensível culturalmente pode fazer etnografia, desde que se tenha uma pergunta socialmente

relevante e que possa ser respondida através da pesquisa de campo. Em relação à apropriação dos recursos etnográficos na área educacional, os autores reconhecem uma contribuição nas formas de investigação.

2.2 Método Etnográfico

É um método qualitativo que pretende, dentro de um sistema social, analisar, em nível antropológico, as práticas de grupo, culturas, crenças ou hábitos de um grupo ou sociedade em um determinado contexto específico (SAMPIERE, 2013). Ainda, segundo Vergara (2013), etnográfico é um método embasado na Antropologia, que demanda contato direto e prolongado do pesquisador com o objeto de estudo.

O método compreende observação-participante e entrevistas semiestruturadas. Sendo que a coleta de dados pode abranger pessoas, espaços, interações, símbolos ou outras fontes de interesse do pesquisador. Este por sua vez parte do referencial teórico anteriormente enumerado, sendo eles: 1- O Vale do Paraíba e a Cidade de Jacareí: uma relação com a Agropecuária; 2- A Educação Profissional no Brasil; 3- O Ensino Técnico Agrícola e a Etec Cônego José Bento; 4- O Novo Cenário Rural: Perspectivas e Oportunidades. Sendo que esse último traz como vertentes os subtítulos: Agronegócio; Agricultura Familiar e Tendências e Panoramas quanto ao Agronegócio e a Agricultura Familiar, porém, sem, contudo se suscitar a ele, confrontando continuamente teoria e prática (VERGARA, 2013).

Segundo Lücke e André (2013) o pesquisador passa por três etapas de investigação no método etnográfico:

1 – Exploração = onde ocorre a seleção, definição de problema, escolha do local e estabelecimento de contatos para o trabalho de campo. Nessa etapa é importante o levantamento de questões relevantes. Portanto, no presente estudo elaboraram-se questionários e roteiros de entrevistas focando a apropriação dos seguintes itens: A) O estágio atual do curso de agropecuária; B) Demanda pelo curso; C) Tempo de duração; D) As principais metodologias; E) Como o mercado vem absorvendo os egressos do curso em questão; F) As perspectivas dos alunos do curso técnico em agropecuária em relação ao futuro profissional; G) Como funcionários e professores se inserem no contexto da escola e no curso em questão; H) Qual a visão de coordenadores e direção sobre o curso técnico e especificamente sobre o curso de Agropecuária.

2 – Decisão = Consiste na busca sistemática de dados selecionados pela pesquisadora. Essa etapa é importante para compreender e interpretar o objeto de estudo, selecionando os dados que tenham condições de responder as questões mais significativas. No caso do presente estudo objetivando a identificação da relevância na formação em nível de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba.

3 – Descoberta = é a etapa da explicação da realidade com o fim de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. É a relação entre os dados reais e suas possíveis explicações teóricas com o objetivo de interpretar o(s) fenômeno (os), que no caso do referido estudo, são as perspectivas do curso técnico em Agropecuária. Para isso, fez-se necessário estabelecer contatos periódicos que no contexto de pesquisa foram sendo analisados. O que se constituiu em 5 visitas a Etec Cônego José Bento, ao seu Centro de Memória e ao Arquivo Público e Histórico de Jacareí.

3.2.1 Técnicas

É uma técnica aplicada essencialmente nas ciências humanas e sociais. Seu método principal consiste no registro da narrativa das pessoas que compõe o objeto de estudo, se baseando na vivência em grupo para retratar o fenômeno. Uma característica da etnografia é desvelar o transcorrer de um determinado processo (SAMPHERE, 2013), que no caso específico é a perspectiva do curso técnico em Agropecuária para a região do Vale do Paraíba.

3.2.2 Procedimentos

A abordagem adota o enfoque etnográfico. A perspectiva tem caráter de estudo de caso, contemplando a pesquisa qualitativa.

Segundo Malheiros (2011), estes são os passos para uma pesquisa etnográfica:

A. Definir o problema, no sentido de garantir que esta técnica de pesquisa seja capaz de responder à pergunta que foi formulada. No presente estudo apresenta-se como problema de pesquisa: Qual a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba?

B. Selecionar os grupos que serão estudados, com prévia autorização destes para a condução da pesquisa. Dentre os grupos de interesse estão: alunos, ex-alunos, professores técnicos,

professores do ensino regular, funcionários, direção, coordenadora pedagógica, coordenador do curso de Agropecuária e orientador educacional.²

C. Inserção do(a) pesquisador(a) à realidade do grupo com o intuito de “fazer” parte daquela comunidade. Desta forma a pesquisadora vem realizando visitas periódicas, com o intuito de presenciar o cotidiano e a rotina dos objetos de estudo.

D. Realizar os registros dos participantes adotando as técnicas: entrevista, observação, análise documental, análise de conteúdo e fotografia. A pesquisadora entrou em contato com os seguintes órgãos: Arquivo Público e Histórico de Jacareí; Sede da Fundação Cultural de Jacareí- José Maria de Abreu; Centro de Memória da Etec Cônego José Bento; Museu de Antropologia do Vale do Paraíba (MAV); Igreja Imaculada Conceição, além de diversos setores no interior na unidade escolar estudada, somando-se uma visita em 2016, quatro visitas em 2017 e uma visita em 2018. Essa interação foi importante para caracterizar os valores, símbolos, crenças e padrões da cultura local.

E. Analisar os dados coletados, utilizando análise documental e análise de conteúdo.

F. Desenvolver o trabalho final, tendo como referência o problema e os objetivos de pesquisa, os dados coletados e a fundamentação teórica.

Com o objetivo de responder ao problema e objetivos da pesquisa, os dados coletados foram, também analisados por meio de análise categorial, que consiste no desmembramento do texto em categorias agrupadas analogicamente (BARDIN, 2011). Essa opção se justifica por tratar-se de um estudo com enfoque etnográfico, onde valores, atitudes e crenças são destacados e valorizados. Portanto, a interpretação dos dados se deu pelo método de análise de conteúdo, respaldada pelas observações in loco. Essa técnica consiste na análise de comunicação com o objetivo de compreender pessoas ou ambientes inseridos em um determinado contexto e buscando apreender outras realidades através das mensagens codificadas. A categorização escolhida para análise foi à semântica (por temas que signifiquem ou caracterizem um mesmo conceito), apresentando assim uma reprodução simplificada dos dados em bruto das quatro entrevistas efetuadas, conforme explica Bardin (2011).

Com a preocupação de compreender as entrevistas individualmente, cada texto foi analisado em suas particularidades através de um nicho de codificações exploradas no programa MAXQDA(2018)². Bardin (2011) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais,

² *Software usado em pesquisas qualitativas para análise de textos, entrevistas, transcrições, gravações em áudio, vídeo, revisões de literatura etc (Maxqda, 2018).*

representativas das características do conteúdo. Destaca-se que a análise de conteúdo, enquanto conjunto de técnicas sofreu reformulação. Atualmente alguns softwares auxiliam e facilitam no processo de organização e codificação dos dados, conforme o MAXQDA (2018), utilizado nesse estudo.

3.2.3 Amostra/Sujeito

A amostra configurou-se como não probabilística por conveniência da pesquisadora, de acordo com Vergara (2013). Os sujeitos de pesquisa foram: 84 alunos, 10 professores, 15 ex-alunos e 4 funcionários, dos quais o instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário (**Apêndice A,B,C,D**). Para a direção, coordenação pedagógica, coordenação do curso de agropecuária e orientador vocacional foi utilizada como instrumento de pesquisa à entrevista, cujo roteiro se encontra no (**Apêndice E,F,G,H**) e as suas respectivas transcrições nos (**Anexos A,B,C,D**). Os termos de consentimento livre e esclarecido para menores de 18 anos e para adultos respondentes dos questionários e entrevistas apresentam-se nos (**Anexos E,F,G**).

Sendo uma pesquisa etnográfica é importante que o pesquisador tenha tido ele mesmo uma experiência direta com a situação em estudo, no sentido de compreender as normas sociais (regras, costumes e convenções) que as regem. O pesquisador observador etnográfico deve se fazer aceito por todos, sem se identificar com nenhum grupo em particular para que possa na imparcialidade obter as informações desejadas. Além disso, é preciso uma boa fundamentação teórica que lhe permita abstrair dentre os fenômenos observados aqueles mais relevantes a fim de melhor compreender a realidade em questão (LUDKE E ANDRÉ, 2013).

Neste sentido, pelo fato da pesquisadora ter cursado de 1992 a 1994 o ensino técnico em agropecuária e considerando, portanto a identificação com o contexto no transcorrer do curso, possibilitou apreender aspectos importantes, quais sejam:

- ✓ Ter tido uma vivência com a cultura local em regime integral, por 3 anos;
- ✓ Ter contato com ex-alunos que estão inseridos no mercado de trabalho, atuando na área de formação técnica agrícola, inclusive como professores;
- ✓ Ter tido contato com conteúdos técnicos no curso de formação em agropecuária e com as dificuldades e desafios de inserção profissional;
- ✓ Ter afinidades em comum com os egressos por se tratar de um curso de formação profissional, além de muitos serem residentes de outras regiões;

- ✓ Compartilhar dos mesmos anseios e perspectivas de um jovem longe de casa e traçando a sua trajetória de vida profissional e pessoal, como outrora vivenciado pela pesquisadora, vindo desta forma, corroborar a opção por esta abordagem metodológica.

CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados da pesquisa está dividida em 2 tópicos: 3.1 Perfil das Amostras, subdivida em 3.1.1 Pesquisa e Análise dos resultados dos discentes; 3.1.2 Pesquisa e Análise dos resultados dos docentes; 3.1.3 Pesquisa e Análise dos resultados dos egressos; 3.1.4 Pesquisa e Análise dos resultados dos funcionários e o segundo tópico 3.2 Análise e interpretação dos dados de entrevista com coordenador do curso técnico em agropecuária (ETIM), orientador vocacional, diretora e coordenadora pedagógica. Segue o Capítulo 4 com a Conclusão.

3.1 Perfil das Amostras

Fez-se necessário traçar os perfis dos sujeitos contextualizados no cenário correspondente ao curso técnico em Agropecuária na Escola Cônego José Bento. Discentes, Docentes, Egressos e Funcionários foram contemplados nos questionários e analisados segundo os respectivos grupos.

Dessa forma, embasado no método etnográfico, discorreu-se a grupos específicos em um contexto também peculiar (SAMPIERE, 2013).

3.1.1 Pesquisa e Análise dos resultados – discentes

Esse questionário foi realizado com o objetivo de delinear o perfil de alunos que buscam o curso técnico em agropecuária na ETEC Cônego José Bento, assim como suas perspectivas e anseios quanto à formação profissional.

Foi enviado questionário online a 186 alunos das três séries analisadas, dos quais 16 responderam durante o mês de novembro de 2017. Devido à baixa adesão a pesquisadora aplicou os questionários pessoalmente e impresso no mês de dezembro do mesmo ano, tendo uma devolutiva de mais 68 questionários, totalizando 84 respostas acompanhadas do termo de consentimento livre e esclarecido para menores de 18 anos (**Anexo A**).

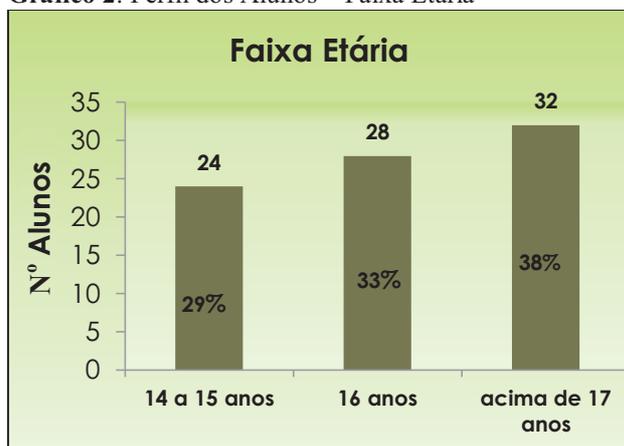
O questionário foi dividido em 3 partes, sendo: I – Dados Pessoais (questões 1 e 3); II – Dados Socioeconômicos (questões 4 a 10); III – Dados Culturais (questões 11 a 19), sendo a 20

e 21 questões abertas.

O perfil dos discentes mostrou que dos 84 alunos, 24 (29%) estão na faixa etária de 14 a 15 anos; 28 (33%) estão com 16 anos e 32 (38%) estão na faixa etária acima dos 17 anos. O gênero feminino correspondente a 67% dos respondentes com 56 discentes e o gênero masculino 33% com 28. Do total de alunos 31(37%) cursam o primeiro ano, 25(30%) cursam o segundo ano e 28(33%) alunos cursam o terceiro ano. Dos 84 respondentes, 61 nunca trabalharam (73%), sendo que dos 23 que já trabalharam (27%) somente 9 trabalham atualmente.

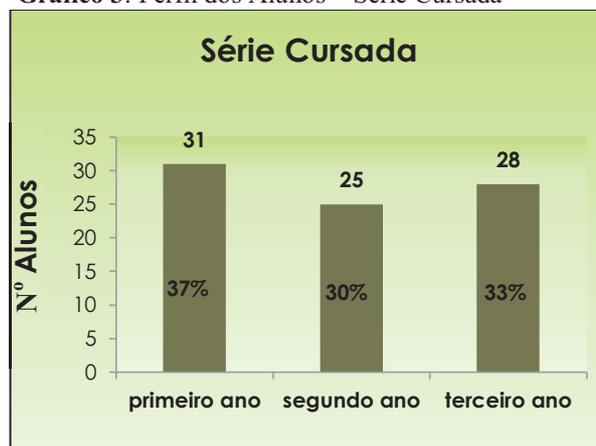
Seguem, os gráficos 2, 3 e 4, referentes ao perfil dos discentes quanto à faixa etária, série de escolaridade, inserção no mercado de trabalho no passado e na atualidade, sucessivamente.

Gráfico 2: Perfil dos Alunos – Faixa Etária



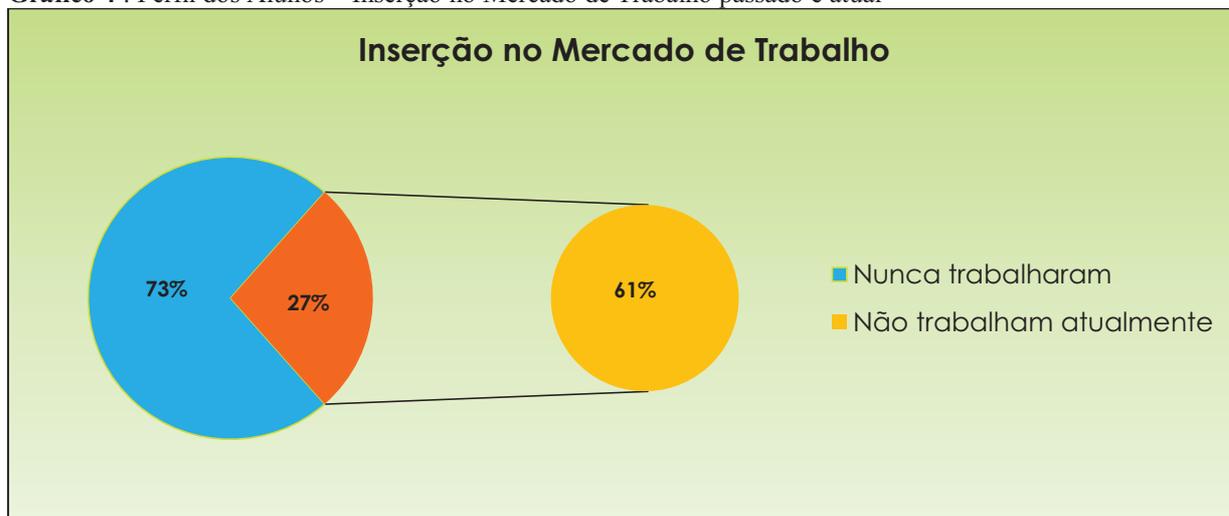
Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 3: Perfil dos Alunos – Série Cursada



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 4: Perfil dos Alunos – Inserção no Mercado de Trabalho passado e atual

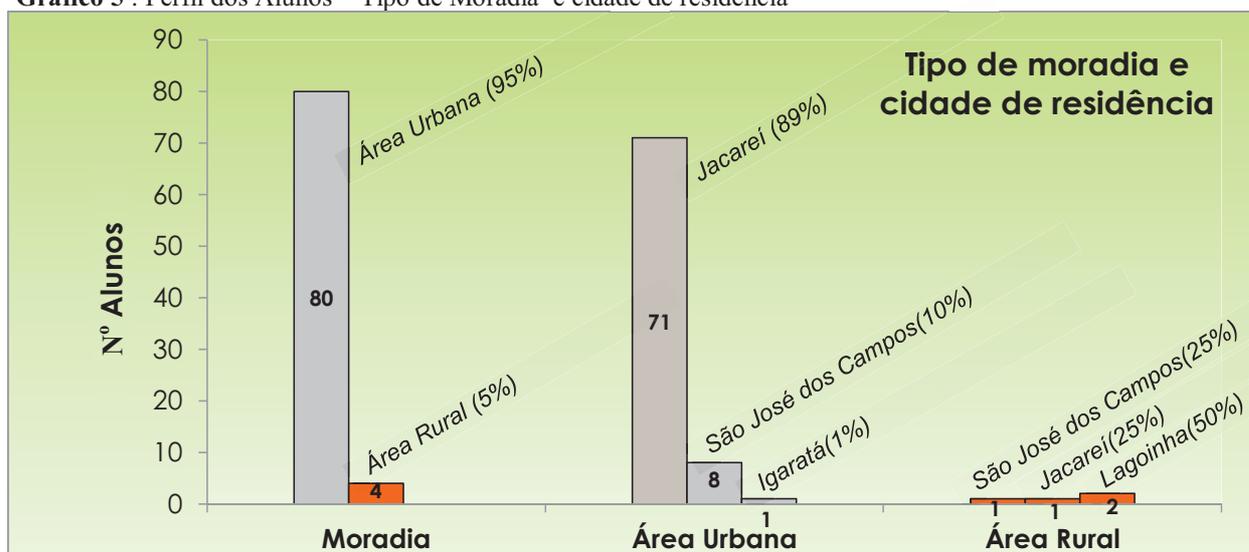


Fonte: Dados de pesquisa, 2017

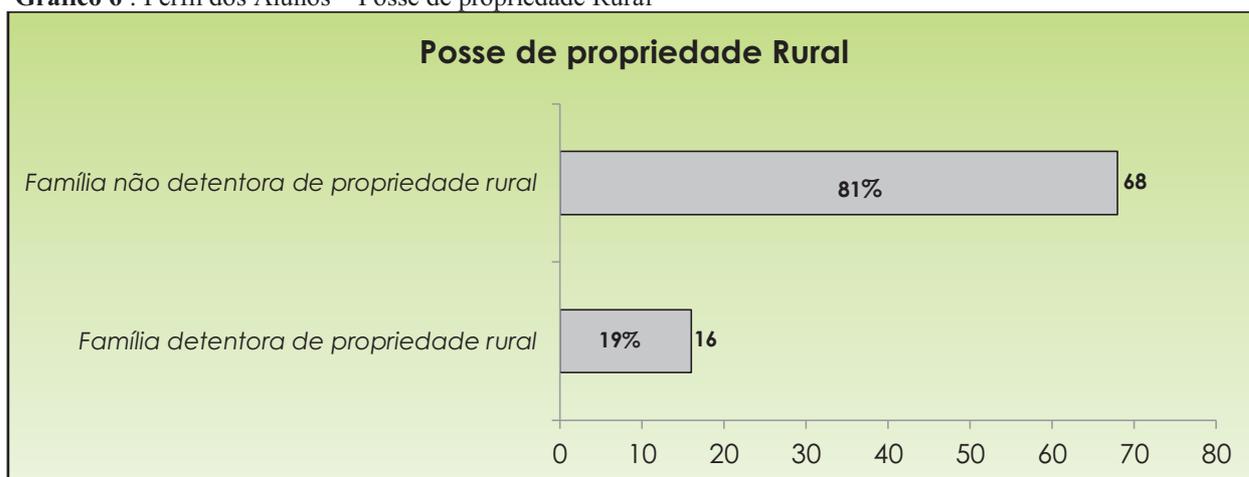
A configuração dos respondentes mostra um perfil urbano. 95%, ou seja, 80 alunos residem na área urbana, sendo: 89% com 71 alunos na cidade de Jacareí; 10% com 8 alunos na cidade de São José dos Campos; 1% com 1 aluno na cidade de Igaratá. Na área rural somam 5% com 4 alunos que residem nas cidades de Jacareí, Lagoinha e dois em Igaratá. Do total de alunos respondentes 81% com 68 alunos não possuem propriedade rural na família e 19% com 16 alunos a possuem. A renda familiar provém do emprego urbano assalariado para 75% dos respondentes com 63 alunos; para 14% a renda provém de cargos públicos com 12 casos; 5% a renda é atribuída ao salário aposentadoria com 4 respondentes; 5% e 1% correspondentes ao emprego rural assalariado e a agricultura familiar respectivamente.

Os dados Socioeconômicos indicados anteriormente são representados nos gráficos 5, 6 e 7.

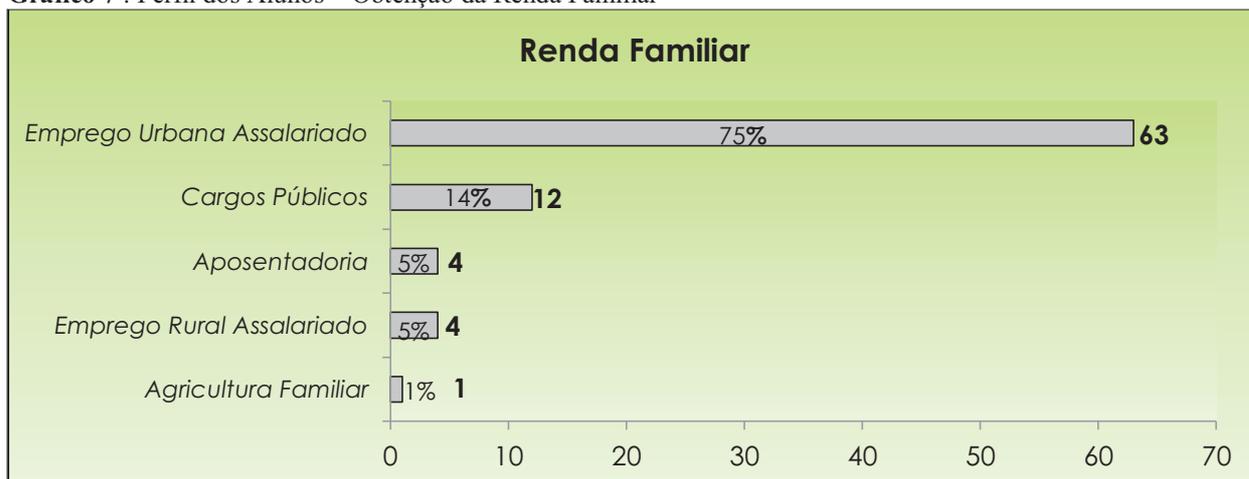
Gráfico 5 : Perfil dos Alunos – Tipo de Moradia e cidade de residência



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 6 : Perfil dos Alunos – Posse de propriedade Rural

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 7 : Perfil dos Alunos – Obtenção da Renda Familiar

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

O quadro 2 refere-se aos resultados da pesquisa correspondente as questões 11 a 18.

Quadro 2: Resultados de pesquisa referentes questões da 11 a 18 (Questionário Alunos).

<i>Questões</i>	<i>Alternativas</i>	<i>Nº respostas</i>	<i>%</i>
Motivação na escolha do curso	Obtenção de experiência prévia para prosseguir em nível superior	40	48%
	Ingresso no Mercado de Trabalho	20	24%
	Empreendimento rural próprio	8	9%
	Aplicação dos conhecimentos no empreendimento rural familiar	2	2%
	Outra razão	14	17%
Dificuldades no curso	Aulas técnicas teóricas	25	30%
	Aulas técnicas práticas	5	6%
	Associar a teoria à prática	7	8%
	Disciplinas do Ensino Médio	21	25%
	Sem dificuldade	25	30%
	Outro (s)	1	1%
Importância dos estudos	Profissionalização	54	64%
	Autoconhecimento	23	28%
	Busco do diploma	6	7%
	Autoestima	1	1%
A relação do curso com as necessidades do Vale do Paraíba	Parcialmente	58	69%
	Totalmente	25	30%
	Não atende	1	1%
Identificação com o curso	Totalmente	46	55%
	Parcialmente	26	31%
	Pouca identificação	9	10%
	Sem identificação	3	4%

Perspectiva pós-curso técnico	Ingresso no ensino superior na área agrícola	29	35%
	Ingresso no ensino superior em outra área de conhecimento	27	32%
	Busca por inserção no mercado de Trabalho	12	14%
	Continuação em cursos da área agrícola	11	13%
	Aplicação dos conhecimentos nos negócios da família	2	2%
	Outra (s) razão	3	4%
Relação das disciplinas com o conhecimento na área	Satisfatória	37	44%
	Muito Satisfatória	36	43%
	Parcialmente Satisfatória	11	13%
Grau de importância do estágio supervisionado	Muito importante	39	46,5%
	Importante	39	46,5%
	Indiferente	4	5%
	Pouco importante	2	2%

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Quanto a motivação na escolha do curso técnico, os 14 alunos (17%) que indicaram outros motivos fora os citados no quadro 2 enunciaram: a obtenção de conhecimentos para aplicar em uma propriedade rural própria em um futuro de longo prazo; o fato de se identificar com o curso; a possibilidade de uma profissão; o fato da integração com o ensino médio; a busca por uma identificação profissional e a ampliação de conhecimento. Para Sampaio (2009) em sua revisão sobre a obra de Abraham Maslow, destacou que a motivação é um fator unicamente interno. Há autores que interpretam Maslow, traçando uma retórica simplista e reducionista, uma vez que os indivíduos interagem e nessa interação buscam razões e significados que os satisfaçam, deixando de considerar a heterogeneidade das necessidades de motivação. Por outro lado, é possível se atentar às necessidades e demandas como sinalizadores dos graus de satisfação que possam promover a motivação. Seguindo esse pensamento é esperado que um curso técnico tivesse a preocupação de proporcionar um cenário em que motivações sejam levadas em consideração e tornem-se mecanismos facilitadores no processo de aprendizagem.

Dentre os respondentes 54 (64%) sinalizam a profissão como o principal foco de

importância nos estudos, seguido de autoconhecimento com 23 (28%), diploma para prosseguir nos estudos com 6 (7%) e autoestima com 1%. Weinberg (2014) cita que desde o fim do século 20 as instituições de ensino em geral se sentem responsáveis pela missão de contribuir para a melhoria das condições de engajamento de seus egressos no mercado de trabalho, tais informações respondem em parte pelo grau de relevância que os alunos analisados depositam na profissionalização, visualizando esta oportunidade como estímulo entre escola e trabalho. O autor segue descrevendo uma renovação no modo de se construir o conhecimento a partir do “aprender fazendo” baseado na criatividade, qualidade e inovação. Entretanto na Educação Profissional as transformações levaram a uma nova pedagogia do “aprender resolvendo”, fato analogamente comparável a porcentagem de respondentes que relatam ser o autoconhecimento um fator importante no processo de aprendizagem (WEINBERG, 2014)

Dentre os respondentes 58 (69%) sinalizam que o curso de agropecuária atende parcialmente às necessidades da região do Vale do Paraíba, 25 (30%) consideram que o curso atende totalmente as necessidades da região e um respondente aponta o curso de agropecuária como não atendendo as necessidades do Vale do Paraíba. As justificativas são enumeradas no quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Relação do curso Técnico em Agropecuária com as necessidades do Vale do Paraíba (Alunos)

Atende parcialmente	Atende totalmente	Não atende
1- A região não depende totalmente da agropecuária, tendo destaque às atividades comerciais e industriais; 2- Falta de emprego na área agrícola; 3- Falta de qualificação para todos os serviços exigidos na área de agropecuária; 4- A região ainda esta passando por um processo de desenvolvimento no setor agrícola; 5- Ausência de grandes propriedades rurais, que é o foco no curso de agropecuária; 6- Deficiência nas aulas práticas; 7- Falta de estrutura (materiais); 8- Demanda baixa na região; 9- O solo da região é bom, mas não é bem aproveitado.	1- Curso atende totalmente as necessidades da região; 2- Excelência do curso em proporcionar situações e simular procedimentos provenientes da realidade do Vale do Paraíba; 3- Região favorável a atividades agrícolas pela vasta área rural local; 4- Necessidade de técnicos agrícolas na região; 5- Os alunos aprendem todos os manejos necessários para atuar na região; 6- Muita disponibilidade de emprego na área; 7- O conteúdo do curso é bom.	1- Pouca idade dos recém-egressos; 2- A maioria não segue profissionalmente na área.

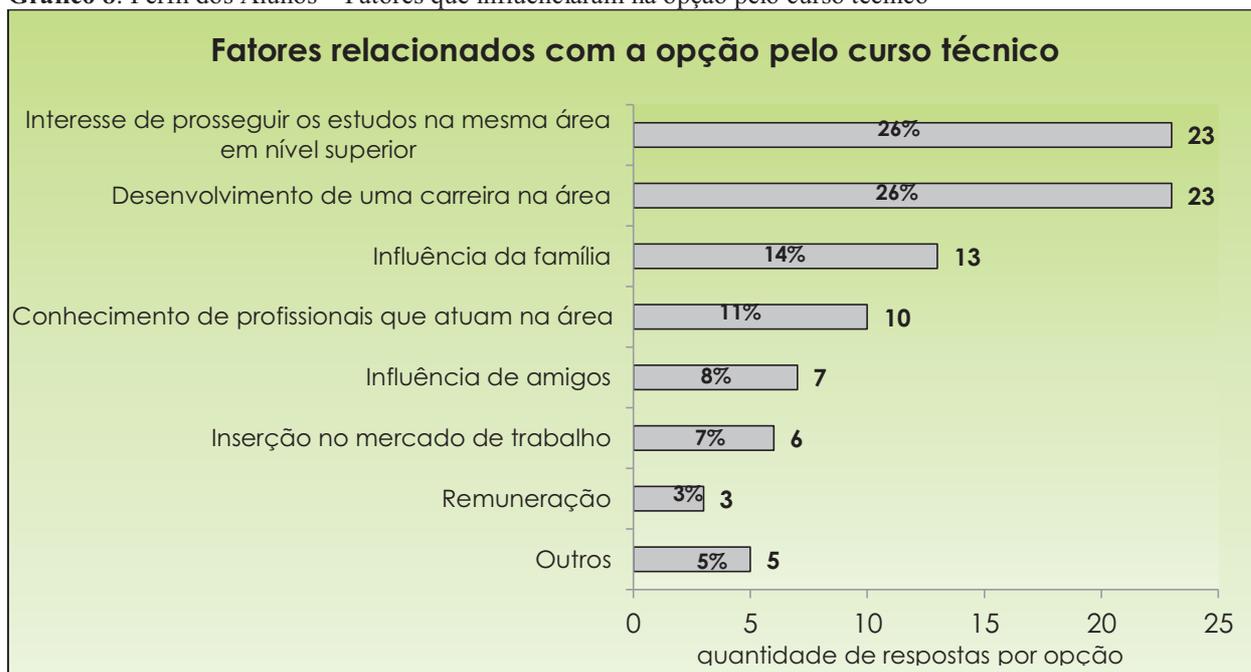
Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Dos estudantes analisados, 37 (44%) consideram que as disciplinas tratadas no curso atendem satisfatoriamente à obtenção dos conhecimentos em agropecuária e para 36 (43%) o atendimento é muito satisfatório. As razões que justificam essas percentagens são: a excelência na formação, tanto na base tecnológica, como no preparo do corpo docente técnico; o conhecimento prévio promover condições para aplicação tanto em empreendimentos futuros como no ingresso em nível superior da área; as aulas serem completas e dinâmicas; a possibilidade de simulações de situações reais; bom aprendizado teórico que viabiliza a aplicação desse conhecimento na prática. Os que relatam o atendimento como parcialmente satisfatório correspondem a 11 respondentes (13%) e enumeraram: a duração do curso ser curta; a falta de suporte e de conhecimentos em algumas disciplinas e a falta de maquinários.

Buainain et al., (2014c) sinaliza o atual panorama agrícola, onde a expansão produtiva se baseia em padrões técnicos e organizacionais que transformam tanto os condicionantes quanto a dinâmica das atividades agropecuárias, tornando-se cada vez mais “naturais” pela universalização do gerenciamento racional que foca nas escolhas tecnológicas, mas também no uso de recursos, muito difundidas por atores produtivos, públicos e privados. A utilização inteligente desses recursos repassa por um processo de aprendizagem que pode ser contemplado nas disciplinas técnicas do curso agrícola.

O estágio supervisionado para 39 (46,5%) dos respondentes é muito importante e para 39 (46,5%) importante. Os motivos apontados são: uma forma de autoavaliação do que se aprendeu; promoção da segurança necessária para uma prática bem executada; conhecimento na prática a fim de amadurecer a vocação para prosseguir na área; maior ênfase na aprendizagem; maior facilidade de aprendizado com um profissional da área; auxilia na formação profissional, pode ser utilizado como forma de avaliação. Os 6 (7%) dos alunos que apontaram o estágio como indiferente ou pouco importante justificam a falta de interesse em prosseguir na área.

A questão nº19 menciona aqueles fatores relacionados com a opção pelo curso e são descritos: Interesse de prosseguir os estudos na mesma área em nível superior (26%); desenvolvimento de uma carreira na área (26%); influência da família (14%); conhecimento de profissionais que atuam na área (11%); influência dos amigos (8%); inserção no mercado de trabalho (7%); remuneração (3%). Além de 5% que indicaram outros fatores, como: a possibilidade de conciliar a formação profissional com o ensino regular, afinidade pela área rural e busca pelo conhecimento. A quantidade de respostas para cada opção descrita é representada no gráfico 8.

Gráfico 8: Perfil dos Alunos – Fatores que influenciaram na opção pelo curso técnico

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

A questão aberta n^o20 aborda as disciplinas concebidas como de maior relevância na formação profissional, ou seja: Uso de solo e água, devido à importância do uso consciente; plano de negócios, pelo caráter de planejamento e promoção da produtividade e sucesso no empreendimento; reprodução animal, agricultura orgânica e pecuária, por identificação pessoal e interesse no conhecimento adquirido para prosseguir em estudos da área em nível superior, como nutrição animal e microbiologia, para os que optarem por prosseguir no curso de medicina veterinária, por exemplo; ética e extensão rural, pela importância de saber trabalhar em equipe. Genética; manejo adequado; adubação, saúde e segurança; nutrição vegetal; sanidade animal; gestão ambiental e cooperativismo também foram citados como disciplinas relevantes no curso técnico de agropecuária. Corroborando, Guedes, Torres e Campos (2014) sinalizam que o desenvolvimento das tecnológicas exigem conhecimentos e habilidades cada vez maiores no espaço rural.

A questão aberta n^o21 sinaliza para as razões que os atraíram pela área e as percepções desses alunos sobre o mercado de trabalho oferecido pelo curso, foram apontados: o interesse por salientar o que está por trás de um alimento, como é produzido, como se deve tratar o solo, pela importância da área de conhecimento essencial a todos, a agroecologia, o fato da área de agropecuária crescer cada vez mais no país, a importância de inovações na produção de produtos visando o consumo humano, área de grande interesse econômico, possibilidade de proteger o meio ambiente e valorizar nossos recursos naturais preservando fauna e flora local, campo de

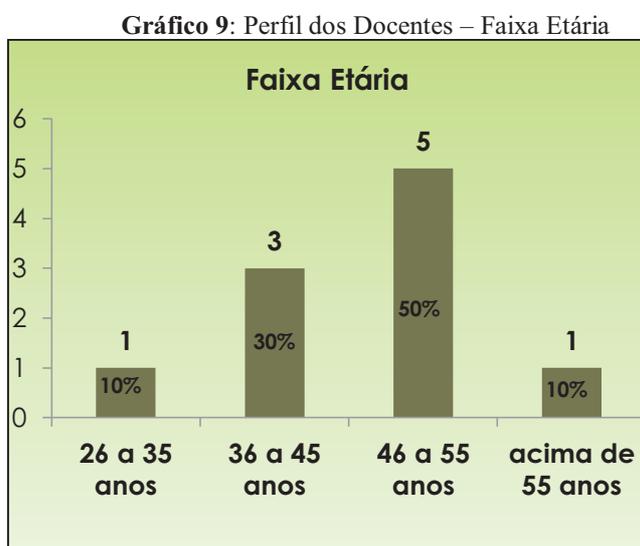
trabalho amplo e imprescindível.

Em relação ao mercado é descrito como: diversificado; setor que sustenta o país e que continua crescendo mesmo em momentos de crise; com o crescimento populacional a demanda de alimentos aumenta assim como a produção agrícola; mercado com falta de mão de obra qualificada, precário e pouco atrativo em relação à remuneração; área em constante expansão devido ao caráter de imprescindibilidade dos alimentos e a incorporação de inovações nos métodos de trabalho e a desvalorização da área. Para Barros (2014), parece claro que inovações e investimentos no segmento agrícola continuarão impulsionando o crescimento brasileiro, mas, no entanto, é preciso pensar em políticas públicas que lidem com tamanha fragilidade no setor.

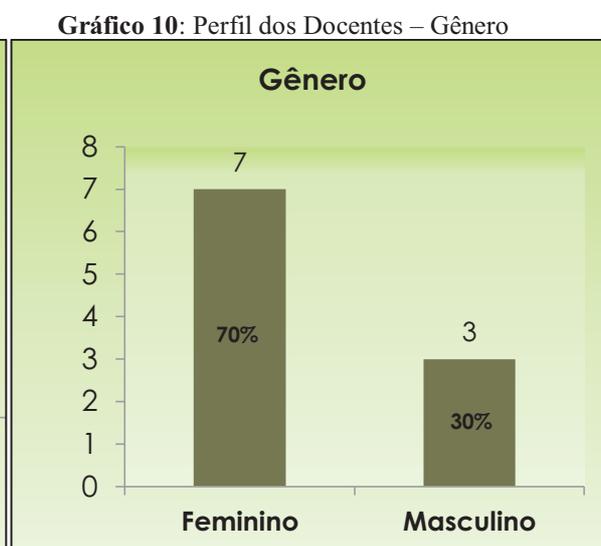
3.1.2 Pesquisa e Análise dos resultados - docentes

Com o objetivo de identificar a visão dos docentes quanto à formação no curso técnico em agropecuária, assim como caracterizar o tipo de ensino promovido pela Etec Cônego José Bento, foram aplicados os questionários in loco de novembro de 2017 a janeiro de 2018 e dez professores responderam os questionários.

Quanto ao perfil dos docentes, um (10%) está na faixa etária de 26 a 35 anos, três (30%) estão na faixa etária de 36 a 45 anos, cinco (50%) estão na faixa etária de 46 a 55 anos e um (10%) na faixa etária acima de 55 anos. O gênero feminino correspondente a 70% dos respondentes com 7 docentes e o gênero masculino 30% com 3 docentes. Seguem os gráficos 9 e 10, referentes ao perfil dos docentes e ao gênero.



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

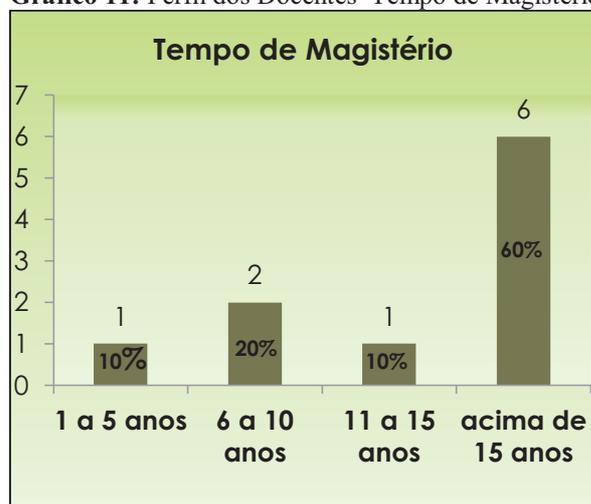


Fonte: Dados de pesquisa, 2017

A última formação profissional foi à licenciatura para cinco (50%) docentes, mestrado para quatro (40%) e especialização para um (10%) docente. Atualmente sete (70%) dos dez professores respondentes lecionam disciplinas da área de humanas; dois (20%) na área de exatas e um (10%) na área de biológicas. Dos dez, nove lecionam no ensino regular e um no ensino técnico.

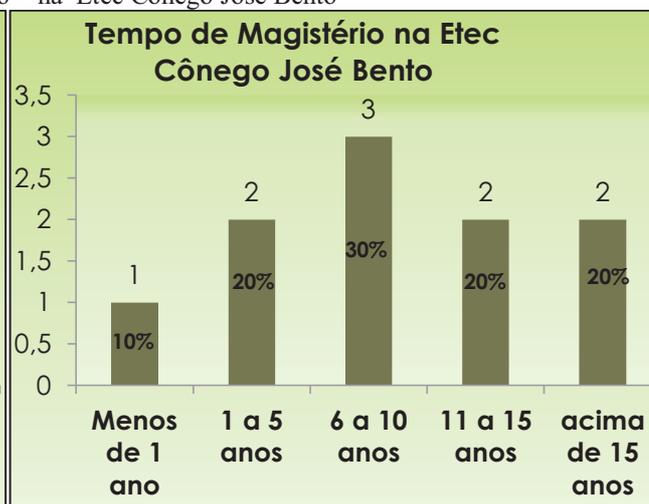
No que diz respeito ao tempo de magistério e carreira, tanto na Etec Cônego José Bento como em outras instituições de ensino ou outras áreas de atuação, traçam-se os perfis representados nos gráficos 11, 12, 13 e 14.

Gráfico 11: Perfil dos Docentes–Tempo de Magistério



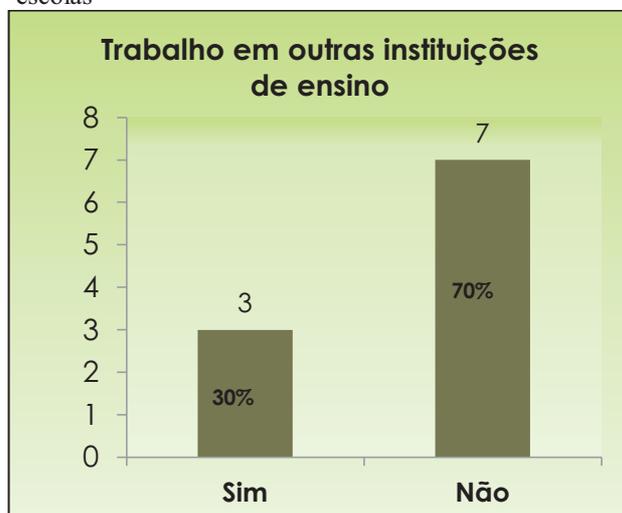
Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 12: Perfil dos Docentes–Tempo de Magistério na Etec Cônego José Bento



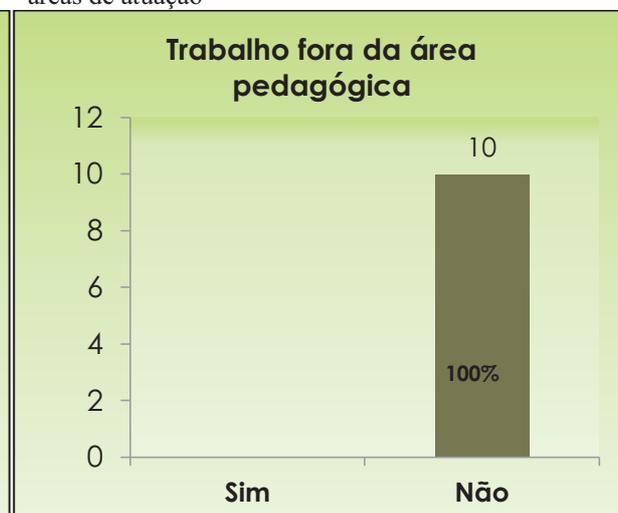
Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 13: Perfil dos Docentes – Trabalho em outras escolas



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 14: Perfil dos Docentes–Trabalho em outras áreas de atuação

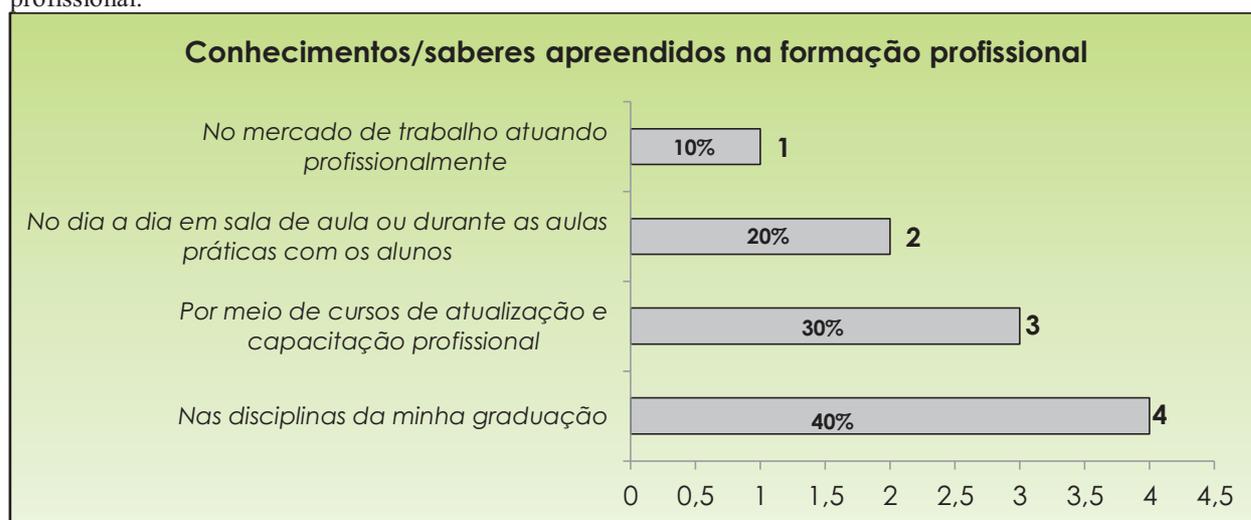


Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Indagados quanto à iniciação na carreira docente, quatro (40%) respondentes sinalizaram ter sido sempre o primeiro plano de carreira; dois (20%) relataram sempre terem tido esse desejo, mas não como primeira opção devido às dificuldades estruturais e financeiras da profissão; dois (20%) não planejaram, mas houve a oportunidade e resolveram experimentar e dois (20%) sinalizaram outras razões como: inserção no magistério através de um convite para ministrar um curso e ter feito outro curso universitário e dar aulas em caráter de substituição. Rosin (2012) cita duas ópticas diferentes a respeito das escolhas: a óptica sociológica, que diz que as escolhas profissionais sofrem muitas vezes a influência familiar e o direcionamento socioeconômico e a óptica psicológica, segundo a qual as escolhas estariam relacionadas à personalidade, assim uma pessoa com maiores habilidades de liderança faria escolhas diferentes daquelas mais introvertidas.

Dos conhecimentos/saberes apreendidos na formação profissional quatro (40%) respondentes descrevem o conhecimento adquirido nas disciplinas da graduação como sendo o mais importante na prática docente, três (30%) consideram o conhecimento adquirido por meio de cursos de atualização e capacitação profissional, dois (20%) sinalizam o conhecimento adquirido no dia a dia em sala de aula ou durante as aulas práticas com os alunos o mais importante e um (10%) descreve o conhecimento adquirido no mercado de trabalho atuando profissionalmente, conforme demonstrado no gráfico 15.

Gráfico 15: Perfil dos Docentes—Grau de importância dos conhecimentos/saberes apreendidos na formação profissional.



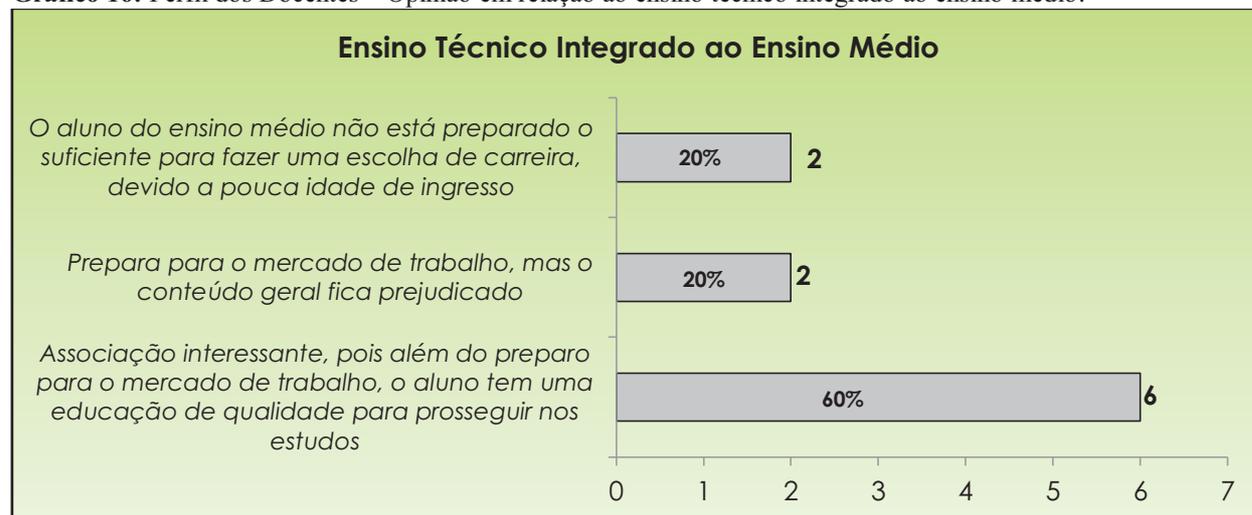
Fonte: Dados de pesquisa, 2017

No que diz respeito à relação da disciplina lecionada com o mundo do trabalho, seis docentes (60%) sinalizam que sempre há, pois demonstram preocupação de passar ao mesmo

tempo os conhecimentos/saberes teóricos e práticos necessários para a formação profissional. Para quatro (40%) docentes essa relação ocorre quase sempre. Rosin (2012) descreve a profissionalização como tema abordado de forma equivocada, sendo a profissão importante na vida dos seres humanos por influenciar na formação da personalidade do indivíduo. Para Delors (2012) qualidade em educação é educar para o pluralismo, considerando mais do que ensino de conhecimentos abstratos, mas qualidades humanas, talentos individuais. Para ele, a formação não deve ser vista apenas como uma adaptação ao emprego, mas uma condição de desenvolvimento humano que deve se dar de uma forma contínua ao longo de toda a vida. É o que descreve Frigotto (2007): “*que a educação profissional e técnica não se reduza ao adestramento pragmático do mercado*”.

Em relação à opinião dos respondentes sobre o ensino técnico e sua interação ao ensino médio, seis (60%) docentes descrevem ser uma associação interessante, pois além do preparo para o mercado de trabalho, o aluno tem uma educação de qualidade para prosseguir nos estudos. Para dois (20%) docentes, o aluno é preparado para o mercado de trabalho, mas o conteúdo geral fica prejudicado. O aluno do ensino médio não está preparado o suficiente para fazer uma escolha de carreira, devido a pouca idade de ingresso para dois (20%) respondentes. Segue gráfico 16 com os dados apresentados sobre essa interação.

Gráfico 16: Perfil dos Docentes – Opinião em relação ao ensino técnico integrado ao ensino médio.



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Três (30%) docentes sinalizam que as relações das disciplinas gerais com as disciplinas técnicas ocorrem de forma totalmente desconectada, cinco (50%) consideram que a conexão entre o ensino regular e técnico ocorre, mas com pouca interação e dois (20%) respondentes descrevem essa relação como muito conectada. Essa conexão é para Weinberg (2014) uma

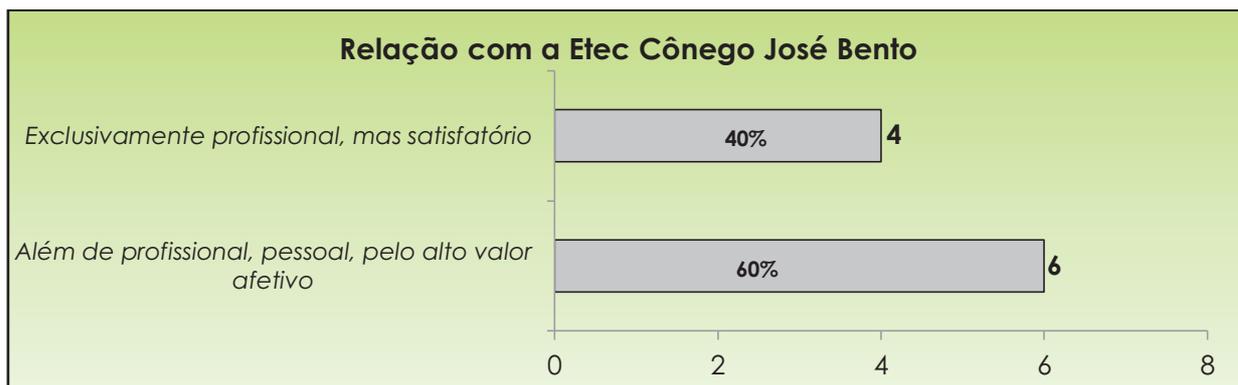
realidade necessária da atual pedagogia da Educação Profissional, que tem como base uma metodologia alicerçada no estímulo a criatividade, qualidade e capacidade de inovação, visando não mais o acúmulo de habilidades, conhecimentos e destrezas, mas o exercício pleno da cidadania.

No que diz respeito à percepção do currículo da disciplina no curso técnico de agropecuária, oito (80%) docentes apontam como adequada e veem às vezes a necessidade de realizar adaptações de acordo com o perfil da turma para as quais lecionam. Para um (10%) respondente o conteúdo está adequado e com bastante frequência necessita realizar adaptações e um (10%) docente sinaliza que está adequado e que sempre precisa realizar essas adaptações.

A contribuição das respectivas disciplinas na formação dos alunos do ensino técnico integrado ao médio é para um (10%) docente o foco no preparo para o mercado de trabalho e sua justificativa é: *“por motivo de mudança global”*; para dois (20%) docentes é o conteúdo necessário para prosseguir nos estudos e justificam: *“conhecimentos gerais auxiliam nos vestibulares e na própria faculdade”*; para três (30%) é o preparo para a cidadania através de valores e atitudes e justificam: *“conhecimentos fundamentais para auxiliar a formação crítica do indivíduo em relação ao mundo”* e quatro (40%) descrevem todas as alternativas como importantes contribuições, complementando: *“apesar de ser uma disciplina da base comum eu procuro enfatizar esses três objetivos (mercado de trabalho, conteúdo para prosseguir os estudos e preparo para a cidadania)”*. Delors (2012) enfatiza que a qualidade e a pertinência da educação sem a participação e apoio integral dos professores são estéreis e que reformas educacionais deveriam pensar na estrutura do ensino não só com conteúdos, mas com a preparação para a vida ativa.

Dos dez docentes, seis (60%) sinalizam o contato com a escola Cônego José Bento extrapolando o âmbito profissional, tendo um valor também afetivo. Para quatro (40%) docentes o contato é exclusivamente profissional, mas satisfatório, conforme gráfico 17. Quatro (40%) respondentes consideram a estrutura física da escola muito satisfatória, três (30%) apontam como satisfatória; dois (20%) descrevem como parcialmente satisfatória e um (10%) sinaliza como pouco satisfatória. Quanto à estrutura pedagógica da Etec em questão, oito (80%) respondentes classificam como satisfatória; um (10%) docente classifica como muito satisfatória e um (10%) como parcialmente satisfatória.

Gráfico 17: Perfil dos Docentes – Contato com a Etec Cônego José Bento



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Quanto aos diferentes agentes de relacionamento que interagem na unidade escolar, os respondentes os classificaram de acordo com o quadro 4 que segue:

Quadro 4: Relacionamento dos docentes com os diferentes agentes da unidade escolar

	Alunos	Coordenação	Direção	Ex-alunos	Funcionários	Colegas
Docente 1	Satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Docente 2	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório
Docente 3	Satisfatório	Parcialmente satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Docente 4	Muito satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Docente 5	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Não tenho contato	Satisfatório	Satisfatório
Docente 6	Muito satisfatório	Parcialmente satisfatório	Satisfatório	Não tenho contato	Muito satisfatório	Satisfatório
Docente 7	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Docente 8	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Não tenho contato	Satisfatório	Satisfatório
Docente 9	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Docente 10	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Muito satisfatório	Satisfatório	Muito satisfatório	Satisfatório

Legenda:

- Satisfatório
- Muito satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Não tenho contato

Fonte: Dados de pesquisa

Libâneo, Toschi e Oliveira (2015) descrevem o objetivo educacional como sendo a formação de pessoas, um trabalho de natureza interativa com foco no desempenho das práticas educativas. Nesse cenário os autores classificam a cultura organizacional como um conjunto de fatores sociais, culturais e psicológicos que influenciam os modos de agir da organização e de seus membros, respondendo por comportamentos, opiniões, ações e formas de relacionamento entre os envolvidos de determinado grupo, explicando inclusive questões de resistência, modos de tratar alunos, problemas com disciplinas, entre outros fatores.

Avaliando especificamente os alunos que ingressam e se formam no curso técnico em agropecuária, tema exposto na questão aberta nº21, são apresentados os comentários dos docentes:

1. *“O perfil dos alunos do curso técnico em agropecuária é bem diversificada, temos pessoas mais velhas com muito conhecimento prévio na área, como alunos mais jovens que possuem conhecimentos técnicos”.*
2. *“No mínimo 50% provêm de famílias que exercem atividades relacionadas à agricultura e pecuária, trata-se, portanto, de um público bastante interessado na área. Com respeito ao nível de aprendizagem obtida no ensino fundamental, observa-se que esses alunos têm chegado com déficit menor em relação àqueles que ingressam nos cursos modulares”.*
3. *“Então, já lecionei em várias turmas e eles não estão preparados. É necessário um trabalho em conjunto com todos os docentes para colocá-los no contexto de alunos agricolinos³”.*
4. *“Acredito que os alunos que entram nesse curso não conhecem a realidade do curso, por ser um curso que utiliza atividades práticas, os alunos no primeiro momento ficam surpresos e curiosos, vai depender das técnicas pedagógicas para adquirir a confiança dos mesmos para o sucesso futuro da formação acadêmica”.*
5. *“Os alunos chegam com problemas relacionados ao ensino fundamental no que se refere às matérias de português, matemática e geografia, pouca fundamentação em cálculos e com grande dificuldade com a norma culta”.*
6. *“Certamente ocupados com atividades práticas do curso, mas relacionando-as pouco com discussões mais teóricas. Precisam ser muito estimulados para começarem a interagir nas discussões, mas se engajam com o tempo, desde que , pra a maioria, tal interação não custe maiores esforços”.*

³ Nome informal que se dá ao aluno do curso técnico de ensino médio de agropecuária.

7. *“Os alunos despertam o potencial que possuem, pois o curso oferece muitas oportunidades de aprendizado”.*
8. *“Este foi o meu primeiro ano trabalhando com a turma de agropecuária e apenas para o terceiro ano, porém observei uma turma despreparada e sem interesse para a disciplina”.*
9. *“Os alunos saem daqui com bastante conhecimento teórico e prático, podendo exercer a profissão de técnico em agropecuária em qualquer lugar desse país. Acredito que eles, os alunos, tem condições de passar em qualquer concurso ou processo de contratação deste profissional técnico”.*
10. *“Os alunos que ingressam e se formam no curso técnico em agropecuária têm valorizado bastante o curso, especialmente as habilidades adquiridas na área técnica”.*

Para Riphey (2014), descrevendo o Programa Internacional de Avaliação (PISA), é preciso revelar qualitativamente o que os jovens estão aprendendo, avaliar o pensamento crítico, assim como o preparo diante da vida e não apenas conteúdos memorizados.

Em relação à autoavaliação enquanto professor nas turmas de ensino técnico integrado ao ensino médio, os docentes tecem os comentários a seguir:

1. *“Creio que seja variada a forma de trabalho a qual adoto em sala de aula. É comum a interdisciplinaridade e envolvimento de temas universais”.*
2. *“Desempenho satisfatório por estabelecer relações de ensino e aprendizagem envolvendo os âmbitos que a área exige: Linguagem (língua e literatura), Trabalho, Tecnologia, Comunicação Profissional e Língua Estrangeira Moderna; com o foco no protagonismo juvenil e na interdisciplinaridade”.*
3. *“Sempre estou reciclando e vendo as tendências mercadológicas. Sempre cobro uma postura profissional de meus alunos, mostrando a necessidade do conhecimento”.*
4. *“Faço o que posso para integrar os alunos do técnico ao ensino regular, não vejo problema algum nessa estruturação do ETIM. Temos que saber trabalhar com as mudanças e sempre atualizar nossas práticas para um ensino de qualidade e comprometimento”.*
5. *“Sou uma professora exigente no que se refere a fundamentos da matéria ministrada”.*

6. *“Sinto necessidade de ter uma visão mais abrangente do curso, inclusive sobre os conteúdos abordados em outras disciplinas, mas a interação de professores ingressantes e profissionais de longa data não recebe uma atenção especial”.*
7. *“Como professor, acredito que proporciono oportunidades aos alunos, para buscarem o conhecimento e desenvolverem suas potencialidades”.*
8. *“Me considero uma profissional dedicada, comprometida e sempre buscando formas para aprimorar minhas aulas, seja teórica ou prática de forma a motivar os alunos a compreender fenômenos”.*
9. *“Acredito que atendo as expectativas dos alunos de forma bastante satisfatória”.*
10. *“Como docente tento contribuir com o ensino-aprendizagem da disciplina de História, tornando os alunos mais críticos em relação à sociedade em que vivem”.*

Delors (2012) enfatiza que o indivíduo contribuirá com a sociedade, quando desempenhar uma tarefa universal: compreender o mundo e o outro, para que possa compreender melhor a si mesmo, dessa forma Libâneo (2006) enuncia a importância dos profissionais que interagem no campo interno da escola através de uma visão mais global e crítica a respeito de ações sociais e culturais no sistema de ensino. Os estudantes aproximam-se do conhecimento através do ensino adotado pelos professores. E nesse contexto é importante a compreensão do docente sobre o seu objeto de ensino, para que esse se transforme em objeto de aprendizagem (MOURA et al., 2010). É nesse cenário que permeia o comprometimento do docente de ensino técnico integrado ao médio, que reflete na qualidade de ensino dos alunos e conseqüentemente sua inserção na sociedade, seja em uma universidade ou no mercado de trabalho.

3.1.3 Pesquisa e Análise dos resultados – egressos

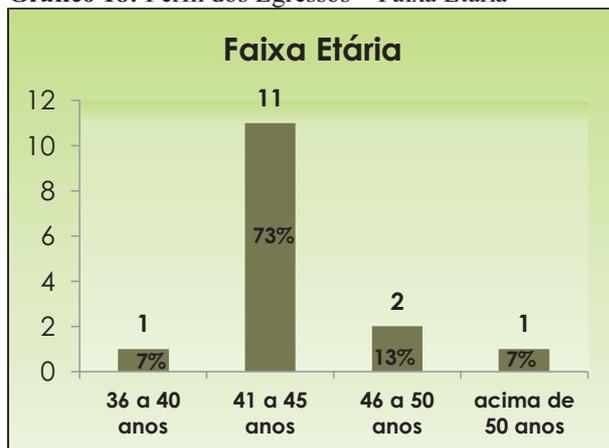
Tendo com objetivo de traçar o perfil dos egressos do curso técnico em agropecuária quanto à influência do curso na formação e profissionalização foram formulados e aplicados questionários. Foi enviado questionário online a 40 egressos, dos quais se obteve uma devolutiva de 15 respondentes. Optou-se pelo questionário online devido à impossibilidade da presença física, uma vez que os respondentes provêm de cidades distintas.

O questionário foi dividido em 3 partes, sendo: I – Dados Pessoais (questões 1 ao 4); II –

Dados Socioeconômicos (questões 5 a 8); III – Dados Culturais (questões 9 a 20), sendo a 21 questão aberta.

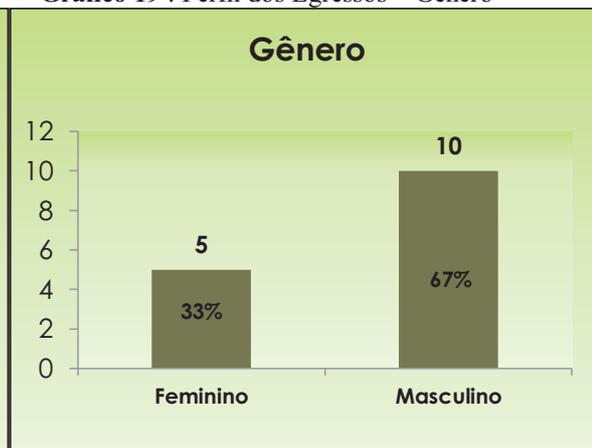
O perfil dos egressos mostrou que dos 15 alunos, um (7%) está na faixa etária de 36 a 40 anos; 11(73%) estão na faixa etária de 41 a 45 anos, 2 (13%) estão na faixa etária entre 46 a 50 anos e um (7%) na faixa que corresponde acima de 50 anos. O gênero masculino correspondente a 67% dos respondentes com 10 egressos e o gênero feminino 33% com 5. Do total de ex-alunos 1 (7%) concluiu o curso em 88, dois (13%) concluíram o curso em 92, quatro (27%) concluíram o curso em 93, cinco (33%) concluíram o curso em 94 e três (20%)concluíram o curso em 95. Seguem os gráficos 18, 19 e 20, referentes ao perfil dos egressos quanto à faixa etária, gênero e ano de conclusão.

Gráfico 18: Perfil dos Egressos – Faixa Etária



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 19 : Perfil dos Egressos – Gênero



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 20 : Perfil dos Egressos – Ano de Conclusão

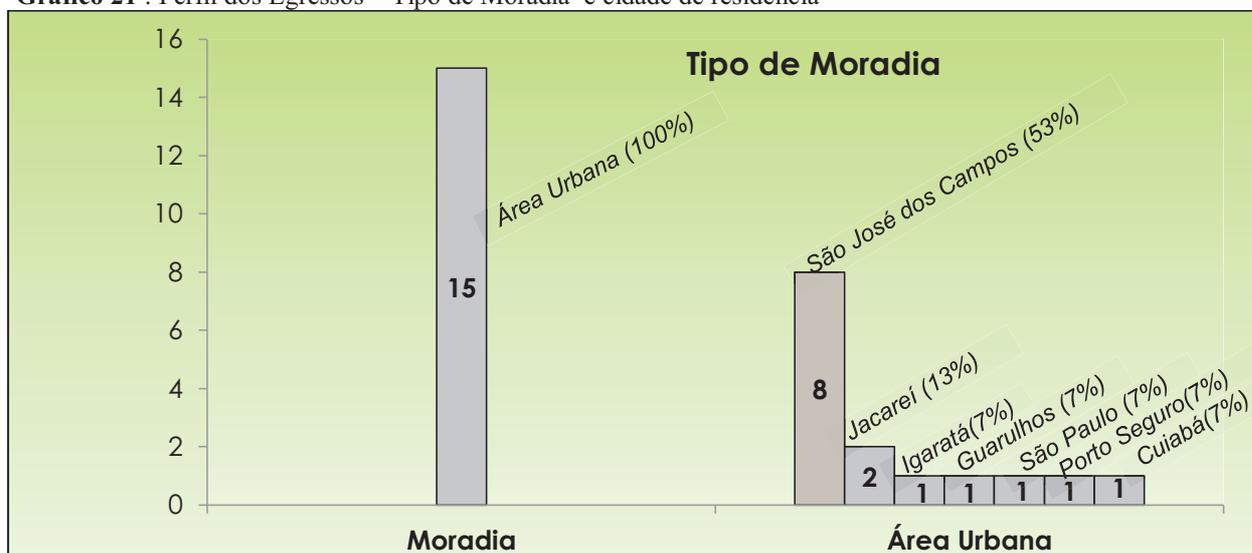


Fonte: Dados de pesquisa, 2017

A configuração dos respondentes mostra um perfil urbano, 100% residem na área urbana, sendo: 8 (53%) egressos na cidade de São José dos Campos; 2 (13%) egressos na cidade de

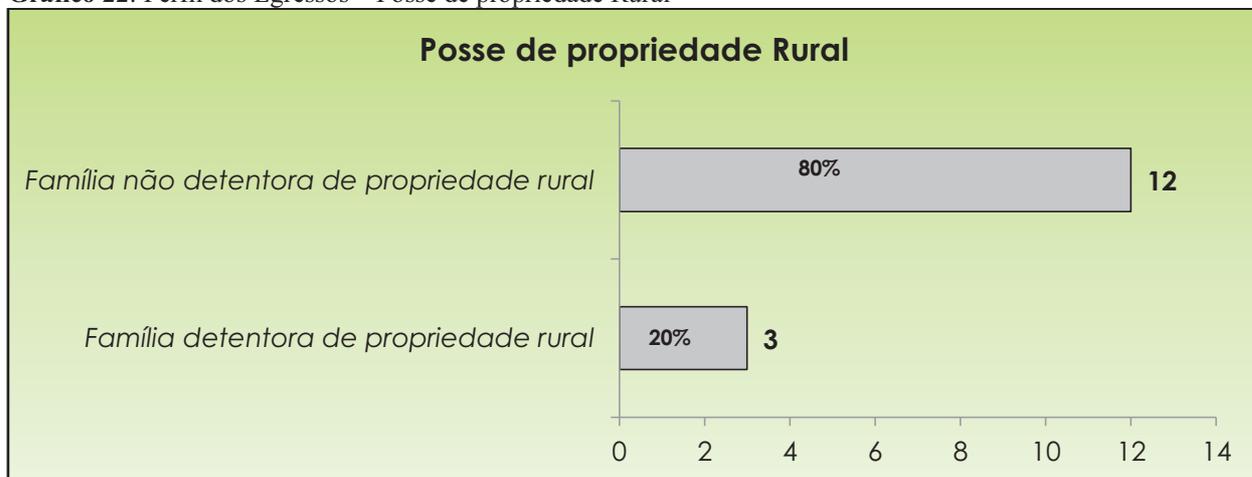
Jacareí; 1 egresso na cidade de Igaratá; 1 egresso na cidade de Guarulhos; 1 egresso na cidade de São Paulo; 1 egresso na cidade de Cuiabá (MT) e 1 egresso na cidade de Porto Seguro (BA). Dos egressos 12 (80%) não possuem propriedade rural na família e 3 (20%) a possuem. A renda familiar provém do emprego urbano assalariado para 6 (40%) respondentes; para 4 (27%) a renda provém de cargos públicos; 4 (27%) a renda é atribuída ao emprego informal (autônomo) e um respondente tem sua renda familiar proveniente do empreendedorismo (empresário). Os dados Socioeconômicos indicados anteriormente são representados nos gráficos 21, 22 e 23.

Gráfico 21 : Perfil dos Egressos – Tipo de Moradia e cidade de residência

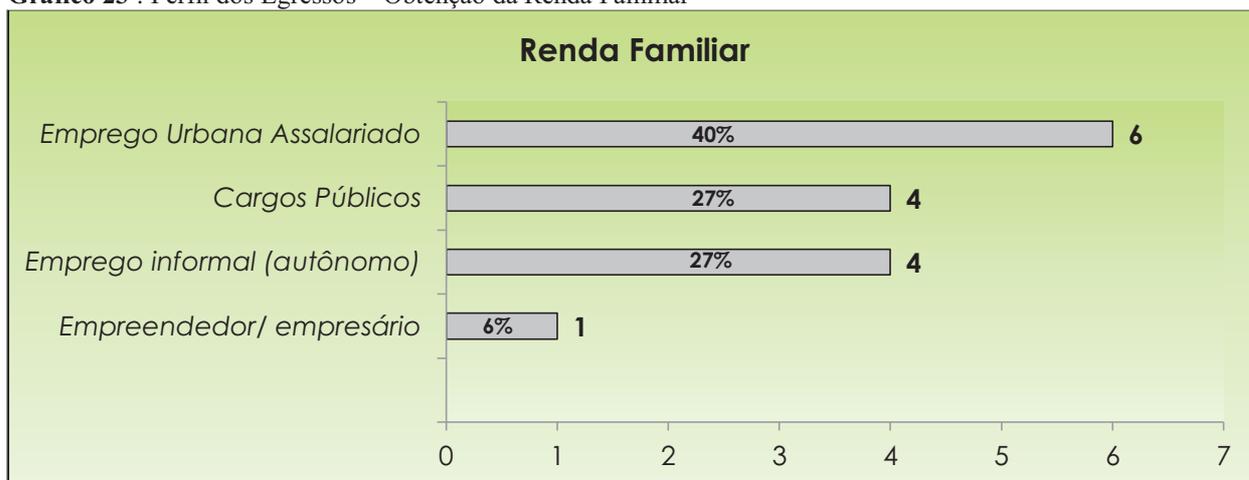


Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 22: Perfil dos Egressos – Posse de propriedade Rural



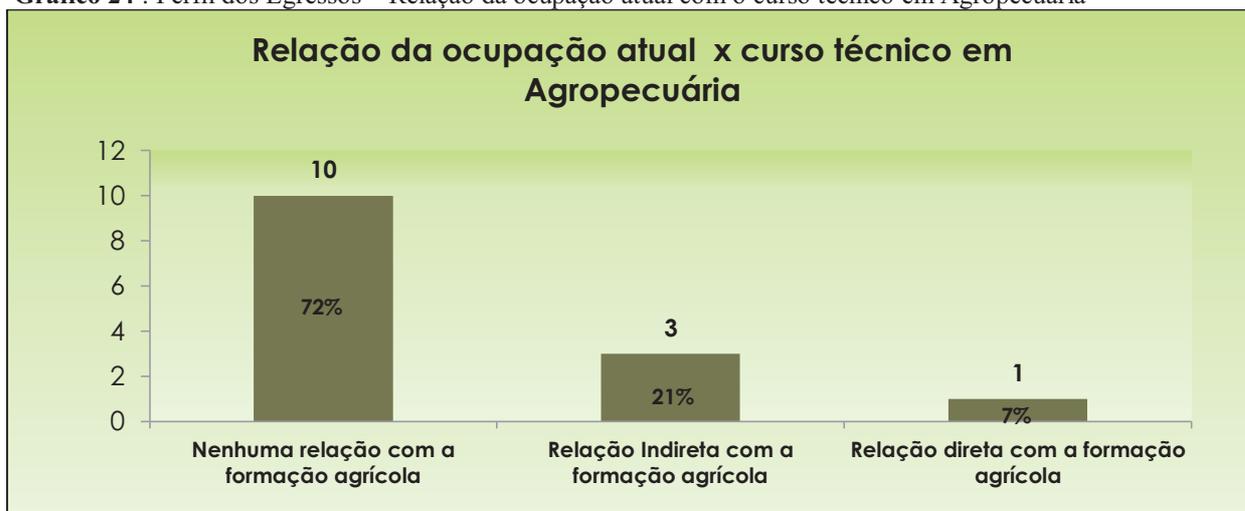
Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Gráfico 23 : Perfil dos Egressos – Obtenção da Renda Familiar

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Dos 15 respondentes, 14 (93%) trabalham no momento. Trabalham atualmente nos cargos/funções indicados a seguir. Em seguida pode-se observar no gráfico 24 a relação da atual ocupação profissional com a formação técnica agrícola.

- ✓ Instrutor de mecanização; mecânica de tratores e empilhadeiras;
- ✓ Professor de Educação Física;
- ✓ Massoterapeuta;
- ✓ Agente de inspeção federal;
- ✓ Garçom, Maître e sommelier;
- ✓ Mecânico de Aeronaves;
- ✓ Motorista
- ✓ Técnico Agrícola
- ✓ Coordenador de Infraestrutura
- ✓ Professor de Artes Marciais
- ✓ Comerciante
- ✓ Diarista
- ✓ Analista de geoprocessamento
- ✓ Coordenador paisagístico

Gráfico 24 : Perfil dos Egressos – Relação da ocupação atual com o curso técnico em Agropecuária

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Foram considerados como cargos/funções indiretamente relacionadas com a formação agrícola: Instrutor de mecanização⁴; analista de geoprocessamento⁵ e coordenador paisagístico⁶ devido à relação com algumas disciplinas contempladas no curso como: Mecânica agrícola, topografia, viveiricultura, culturas e botânica agrícola.

A restrita ocupação em áreas afins do curso técnico em agropecuária destacada no gráfico 24 permite refletir sobre a existência de oportunidades no espaço agrícola da região. Garcia (2014) sinaliza que é fundamental criar condições de trabalho no campo e adotar programas de qualificação e requalificação técnica.

O quadro 5 refere-se aos resultados da pesquisa correspondente as questões 9 a 19.

⁴ Trabalhador treinado para operar maquinários e implementos agrícolas cada vez com mais tecnologia.

⁵ Utiliza sistemas de sensoriamento remoto na produção e interpretação de imagens para coleta de dados ou para confecção de mapas.

⁶ Coordena projetos paisagísticos, projetando áreas que envolvem vegetação, preocupando-se com a organização estético-funcional dos espaços verdes.

Quadro 5: Resultados de pesquisa referentes questões da 9 a 19 (Questionário Egressos).

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	Nº respostas	%
Ensino Superior	Concluiu	8	54%
	Iniciou, mas não concluiu.	3	20%
	Não iniciou, mas pretende	2	13%
	Não iniciou, nem pretende	2	13%
Cursos de formação após a conclusão do curso técnico	Sim, na área agrícola	5	33%
	Sim, em outra área	7	47%
	Não	3	20%
Perspectiva ao escolher o curso técnico	Obtenção de experiência prévia para prosseguir em nível superior	6	40%
	Ingresso no mercado de trabalho	4	27%
	Almejar um empreendimento rural próprio	3	20%
	Aplicar os conhecimentos adquiridos no empreendimento rural da família.	2	13%
O objetivo na escolha do curso técnico foi concretizado	Sim	6	40%
	Não	9	60%
Dificuldade no curso	Aulas técnicas teóricas	1	7%
	Aulas técnicas práticas	0	-
	Associar a teoria à prática	1	7%
	Disciplinas do Ensino Médio	0	-
	Sem dificuldade	13	86%
O maior empecilho durante o curso técnico	Falta de encaminhamento profissional, como estágio supervisionado.	8	53%
	Ser horário integral, o que impedia de trabalhar.	1	7%
	Distância da casa à escola.	1	7%
	Outra(s) razões	5	33%

Importância dos estudos	Profissionalização	12	80%
	Autoconhecimento	2	13%
	Diploma para prosseguir em nível superior.	1	7%
As contribuições do curso técnico em agropecuária para o Vale do Paraíba na atualidade.	Muito significativas	6	40%
	Parcialmente significativas	5	33%
	Não significativas	3	20%
	Não sei dizer	1	7%
Identificaram-se com o curso técnico em agropecuária	Totalmente	13	87%
	Parcialmente	2	13%
Relação das disciplinas com o conhecimento na área	Satisfatória	7	47%
	Muito satisfatória	5	33%
	Parcialmente satisfatória	3	20%
O que o curso acrescentou para a vida	Formação geral (valores, princípios e conteúdo técnico)	13	86%
	Conhecimento básico para prosseguir nos estudos	1	7%
	Formação profissional	1	7%

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Dos 15 respondentes, oito (54%) concluíram o ensino superior nas áreas indicadas a seguir. Três (20%) iniciaram, mas não concluíram (Arquitetura, Letras e Ciências Biológicas). Dois (13%) não iniciaram, mas pretendem. Dois (13%) não iniciaram e não pretendem. Em seguida pode-se observar no gráfico 25 a relação do curso superior concluído com o curso técnico em agropecuária.

- ✓ Administração de empresas;
- ✓ Ciências Biológicas;
- ✓ Engenharia da Computação;
- ✓ Geografia;

- ✓ Tecnologia em Mecanização em Agricultura de Precisão;
- ✓ Educação Física
- ✓ Comunicação Social
- ✓ Zootecnia

Gráfico 25 : Perfil dos Egressos – Relação do Curso Superior Concluído com o Curso Técnico em Agropecuária



Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Foram considerados os cursos de: Ciências Biológicas, Tecnologia em Mecanização em Agricultura de Precisão e Zootecnia como relacionados com a formação técnica agrícola devido às disciplinas contempladas no curso técnico como: Microbiologia, Mecanização Agrícola, zootecnia, manejo e bem estar animal entre outras disciplinas que abrangem a área.

Das perspectivas ao escolher o curso técnico em agropecuária, seis (40%) respondentes sinalizam positivamente para a sua concretização e citam os motivos: sentimento de felicidade e realização com os objetivos alcançados profissionalmente; ter trabalhado na área e ter conseguido bons resultados; ter continuado na área se formando em zootecnia; oportunidade de aperfeiçoamento; trabalhar na área logo que se formou; ingressar na FATEC. Nove (60%) respondentes não consideram terem concretizado os objetivos relacionados à escolha do curso técnico em agropecuária e justificam: a dificuldade de financiamento rural; falta de incentivo; falta de identificação com o curso; não conseguir ingressar no curso de agronomia; três relatam a falta de oportunidade de trabalho e desvalorização do profissional técnico e dois indagam terem mudado o foco de interesse profissional. Essa posição se justifica ao levantar-se como hipótese a ausência de uma possibilidade profissional satisfatória. A título de esclarecimento identifica-se a posição de Maia (2014), que entre outros pontos observa que há uma tendência presenciada nas últimas décadas quanto à probabilidade de maior grau de escolaridade dos jovens em relação aos seus genitores. Isso facilitaria na busca de empregos urbanos, onde a remuneração seria mais atrativa. Lopes, Sarti e Otero (2014) sinalizam para a importância de políticas públicas de valorização e incentivo no meio rural. Fatores estes que fomentam a inserção de jovens no mercado de trabalho.

No que diz respeito aos entraves durante o curso técnico integral, 8 (53%) respondentes relatam a falta de encaminhamento profissional, como estágio supervisionado; um (7%) descreve a dificuldade do curso ser em horário integral, o que o impedia de trabalhar, um (7%) respondente descreve a dificuldade da distância entre a casa e escola; quatro (26%) descrevem outros motivos não mencionados no questionário como: greves, falta de aulas, repasse de verbas do Estado, imaturidade e um (7%) relata não ter tido nenhum tipo de empecilho.

O curso técnico em Agropecuária de Jacareí atende significativamente as necessidades do Vale do Paraíba para seis (40%) respondentes. Cinco (33%) respondentes descrevem que o curso atende parcialmente. Três (20%) respondentes sinalizam para o não atendimento dessas necessidades e um (7%) respondente não soube dizer se o curso atende as necessidades do Vale do Paraíba na atualidade. As justificativas são enumeradas no quadro 6 a seguir. Abramovay (2000) destaca a dinâmica de aprendizagem, valorização das práticas produtivas e a cultura técnica local. Para ele, não basta melhorar as escolas rurais ou ampliar os cursos profissionalizantes. A formação profissional desvinculada a permanente busca de oportunidades locais de desenvolvimento, apenas torna a região “exportadora de mão-de-obra com formação um pouco melhor que a média”. Para que haja uma significativa demanda de mão-de-obra técnica, a região onde ocorre a formação deve ter condições de absorvê-la. A relevância do curso técnico em agropecuária não se resume na excelência da formação técnica, mas também da forma como essa está sendo incorporada pelas empresas ou pelos empreendimentos rurais locais.

Quadro 6: Relação do curso Técnico em Agropecuária com as necessidades do Vale do Paraíba (Egressos)

Atende significativamente	Atende parcialmente	Não atende
<ol style="list-style-type: none"> 1. Empregos para técnicos agrícolas. 2. Boa base técnica 3. Formação de profissionais. especializados para atuar nas mais diversas áreas agrícolas ou pecuária do Vale. 4. O fato da região ter uma área produtiva grande e ainda não se utilizar de técnicas. para corrigir produção 5. A agricultura fazer parte do dia a dia da região. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falta de atenção às atividades práticas. 2. Importância da incorporação de mais segmentos na área. 3. As oportunidades de trabalho serem maiores fora do Vale do Paraíba. 4. O fato de mesmo fora da área ter a possibilidade de aplicar o que aprendeu durante o curso. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Não haver interação entre os municípios rurais e a Escola Agrícola

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Dos 15 analisados, 13 (87%) se identificaram totalmente com o curso técnico em agropecuária e descrevem os principais motivos: 1-“ Desde a formatura não sei o que é desemprego”; 2- “Por que sempre gostei de coisas rurais, terra, plantações, animais”; 3-“Por ser uma área que nos traz grandes e variados conhecimentos e pelo prazer com a área; 4-“Quis continuar os estudos na área”; 5-“Foi o que procurei na época, tinha estabilidade profissional e financeira, larguei tudo pelo sonho do agro-business”; 6 – pela experiência profissional e pessoal que possibilitou a identificação e continuação na área agrícola; 7- pela associação da teoria a prática; 8- por fazer parte da vida na época, uma vez que os pais possuíam propriedade rural; 9- cinco respondentes sinalizam que se identificaram com o curso e com o método de ensino . Os dois (13%) egressos que descrevem que se identificaram parcialmente com o curso justificam: não ser a área de interesse e a fato de residirem na área urbana.

A questão essencial não é só a formação, mas a existência de oportunidades no mercado de trabalho, que são seletivas e não contemplam todos os egressos. Somado a isso, o fato de 100% dos respondentes residirem em áreas urbanas (conforme gráfico 21), com pouca ou nenhuma tradição agrícola familiar (conforme gráfico 22), inviabilizando a permanência nos espaços rurais, que resulta em ocupação profissional maior nas áreas urbanas (conforme gráfico 24).

Das disciplinas abordadas no curso técnico, 7 (47%) respondentes consideram que possibilitaram um conhecimento em agropecuária de maneira satisfatória, descrevendo as seguintes justificativas: 1- “Foi o que eu imaginava como ensinamento”; 2- “Sempre tem muito o que melhorar, principalmente na prática; 3- “Ingressei na faculdade com conhecimento prévio”; 4 – “Não possuía nenhum conhecimento na área, absorvi tudo que o curso me ofereceu”; 5 – “Porque pude atuar e ganhar experiência na área”; 6 – “Fui muito bem instruído, bem avaliado por professores competentes”; 7 – “Porque não me dediquei”. Cinco (33%) sinalizaram como sendo as disciplinas tratadas no curso de maneira muito satisfatória em relação ao conhecimento na área e citam os motivos: 1- “As técnicas apresentadas durante o curso me batizaram, hoje eu entendo a necessidade de estar sempre aprendendo”; 2-“Tudo que você procura depende exclusivamente de você, pois quem faz o ensino não é a instituição nem os professores, mas o aluno!”; 3 – “Me trouxe conhecimentos que eu não tinha”; 4- “Eram ótimas aulas com professores qualificados”; 5- “Tive uma compreensão melhor do que aprendi”. Três (20%) relataram as disciplinas tratadas no curso de maneira parcialmente satisfatória e justificam: 1- “Não estava aderente ao novo mercado de trabalho, uma vez que em 1994 já

existiam tecnologias que não foram aplicadas nos cursos”; 2- “Na época achava que precisava de mais tempo prático”; 3- “Me serviu de base para posterior ampliação do conhecimento”.

Para 13 (87%) respondentes o curso acrescentou uma formação geral (valores, princípios e conteúdo técnico) para sua vida. Para um (6,5%) respondente o curso acrescentou conhecimentos básicos para prosseguir nos estudos e para um (6,5%) respondente o curso foi importante como formação profissional para sua vida. Guimarães, Pacheco e Seabra (2013) defendem uma formação profissional integrada, priorizando uma formação geral e destacando o percurso da aprendizagem ao longo da vida. Assim entende-se que a noção de formação ascende a simples inclusão no mercado de trabalho, mas corrobora a emancipação do homem quanto cidadão ativo na sociedade.

A questão nº20 menciona aqueles fatores relacionados com a opção pelo curso e são descritos: 1- Desenvolvimento de uma carreira na área (28%); interesse de prosseguir os estudos na mesma área em nível superior (28%); inserção no mercado de trabalho (24%); influência da família (12%); conhecimento de profissionais que atuam na área (4%) e vocação (4%).

No que diz respeito a questão aberta nº21 que aborda a percepção atual sobre o Mercado de Trabalho na área de agropecuária em relação ao período em que se graduou no curso técnico, os respondentes descrevem os comentários que seguem:

1. *“O mercado de trabalho ainda está carente de técnicos com a mesma formação que tive, sobretudo aqui no Mato Grosso”.*
2. *“Hoje em dia está mais difícil trabalhar na área, falta de emprego e salário baixo, desvalorização do profissional”.*
3. *“Uma área muito abrangente e que sempre terá necessidade de bons profissionais”.*
4. *“Agronegócio no Brasil continua com grande mercado”.*
5. *“Não estou atualizado, hoje é difícil de comparar!”.*
6. *“A minha percepção hoje é diferente, devido à falta de maturidade na época”.*
7. *“A dificuldade hoje é muito maior”.*
8. *“Acredito que a qualificação e aprimoramento dentro da profissão tem que ser constante, não tinha essa percepção na época, até pela pouca experiência de vida que tinha quando me formei”.*
9. *“Tinha uma vivência de zona rural e acreditava que teria muitas oportunidades de trabalho, porém não conhecia a realidade da região, que é muito voltada às indústrias”.*
10. *“A perspectiva é a mesma. Continua sem valorização do profissional técnico, que adquire conhecimento em menor tempo. Esse menor tempo de conhecimento em questões práticas, na minha opinião, ajuda no início de um empreendimento agrícola. Os cursos superiores não possuem a prática necessária, principalmente em Faculdades particulares urbanas”.*
11. *“Vim de São Paulo, achei que a região era propícia para agropecuária, vindo a descobrir que é extremamente indústria”.*

12. *“Tenho a percepção que mudou completamente. O agronegócio com o extremo da mecanização agrícola e o outro extremo com a agricultura sintropica. Penso que o mercado está muito mais especializado”.*
13. *“Continua a mesma, mais empregos para os homens e as mulheres têm que trabalhar por sua conta própria”.*
14. *“Hoje o mercado precisa do técnico em agropecuária muito mais do que quando me graduei. Vejo inúmeras vagas para esse cargo no mercado”.*
15. *“Acreditava que a única possibilidade de trabalho seria gestor de fazenda e não é. Na verdade o leque de trabalho é muito vasto”.*

Do exposto concebe-se um perfil de egressos respondentes urbanos, sem um significativo vínculo com o meio rural, seja pela posse de propriedade rural ou pela obtenção de renda familiar. Embora a perspectiva ao escolher o curso tenha sido a experiência prévia para prosseguir os estudos, a maioria não deu sequência ao ensino superior na área, nem exerce função/cargo no setor agrícola. Os respondentes sinalizam a excelência na formação agrícola, embora a inserção no mercado de trabalho não tenha sido contemplada.

3.1.4 Pesquisa e Análise dos resultados – funcionários

Os questionários dos funcionários foram aplicados de dezembro de 2017 a janeiro de 2018, contemplando quatro indivíduos. O critério de escolha foi o tempo de atuação na escola e, portanto, a possibilidade de uma visão mais ampla sobre o curso técnico em agropecuária e mais especificamente sobre a estrutura e funcionamento do Etec Cônego José Bento. Estes foram os objetivos pretendidos na aplicação deste instrumento de pesquisa para esses sujeitos.

Dos quatro respondentes, dois (50%) são do gênero masculino e dois (50%) do gênero feminino. Três têm faixa etária acima de 50 anos e um tem faixa etária de 31 a 40 anos. Todos são concursados e ocupam os seguintes cargos: agente administrativo, oficial administrativo e dois auxiliares administrativos. Em relação à escolaridade, dois têm segundo grau completo; um tem primeiro grau completo e um tem ensino superior. Três trabalham na Etec Cônego José Bento a mais de 15 anos e um trabalha de 1 a 5 anos. Ambos não exercem outra atividade remunerada e residem em área urbana, sendo três na cidade de Jacareí e um em outra cidade do Vale do Paraíba.

Para melhor visualização os funcionários foram classificados em: F1, F2, F3 e F4, como demonstrado no quadro 7, a seguir:

Quadro 7: Perfil Geral dos Funcionários analisados

Funcionário	Idade	Gênero	Cargo	Regime trabalhista	Escolaridade	Tempo na Etec	Moradia
F1	31 a 40 anos	Fem.	Aux. adm	Concursada	Ensino superior	1 a 5 anos	Jacareí- área urb.
F2	Acima de 50 anos	Fem.	Aux.adm.	Concursada	2º Grau	Acima de 15 anos	Jacareí- área urb.
F3	Acima de 50 anos	Masc.	Agente adm.	Concursado	2º Grau	Acima de 15 anos	Jacareí- área urb.
F4	Acima de 50 anos	Masc.	Oficial adm.	Concursado	1º Grau	Acima de 15 anos	Outra cidade - área urb.

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

Ambos respondentes apontam identificação total com a função exercida e justificam: “Faço o que gosto” (F2); “*organizo e administro bem os afazeres*” (F3).

Quanto aos diferentes agentes de relacionamento que interagem na unidade escolar, os respondentes os classificaram de acordo com o quadro 8 que segue:

Quadro 8: Relacionamento dos docentes com os diferentes agentes da unidade escolar

	Alunos	Coordenação	Direção	Ex-alunos	Professores	Colegas
Funcionário 1						
Funcionário 2						
Funcionário 3						
Funcionário 4						

Legenda:

 Satisfatório

 Muito satisfatório

Fonte: Dados de pesquisa

Seguem alguns comentários sobre o relacionamento com os alunos: *“Durante todo esse tempo de trabalho na unidade sempre tive um bom relacionamento com todos os alunos”* (F2); *“Somos educadores com funções distintas e sou atuante na emissão dos documentos dos alunos e pouco procurado para ajudar”* (F3).

Sobre as observações em relação à coordenação citam: *“Já passei por várias coordenações e sempre com um bom e comum acordo. Cada um auxiliando no que for possível”* (F2); *“Temos sistema acadêmico funcional e com bom entrosamento entre as partes”* (F3).

Com relação ao relacionamento com a direção fazem os seguintes apontamentos: *“Além da amizade, sempre tivemos um bom relacionamento de trabalho”* (F2); *“Sempre atento para corresponder”* (F3).

No que diz respeito aos ex-alunos eles relatam: *“Fico feliz quando os vejo trabalhando e perguntando sobre a escola. Sinto que foi uma época importante para eles e também sinto falta de muitos deles”*(F2); *“Maioria sequer mantêm contato com a escola depois de formado”* (F3).

O relacionamento como os professores é citado nos comentários: *“Baseado no respeito que têm pelo trabalho da gente”* (F2); *“Sistema acadêmico funcional e entrosado”* (F3).

Os comentários sobre os demais colegas de trabalho são: *“Para mim é tudo no ambiente de trabalho, defendendo todos e tudo”* (F2); *“Todos correspondem às expectativas para o trabalho comum”* (F3).

Habermas (2013) aponta a concepção de política e gestão educacional como uma possibilidade para formação de pessoas críticas e reflexivas, através de uma política democrática deliberativa. A democratização segundo o autor asseguraria a representatividade de professores, colaboradores e estudantes na formação de conselhos e colegiados, garantindo a participação de todos nas tomadas de decisões mais relevantes, prevalecendo espaços de dialogo, integração universal e exercício da cidadania.

Indagados sobre a relação com a escola agrícola, três (75%) respondentes a classificam como exclusivamente profissional e satisfatória e para um (25%) respondente é pessoal, com valor afetivo, além do profissional e comenta: *“É simplesmente uma família para mim”* (F2).

Ambos sinalizam que o curso integrado ao ensino médio na escola agrícola de Jacareí oferece uma formação de qualidade aos alunos e tecem os seguintes comentários: *“os cursos oferecidos são de qualidade, mas alguns aproveitam mais e se destacam, isto é, o interesse e retorno são individuais”* (F2); *“Considero importante o aluno vindo do Ensino Fundamental já*

procurar encontrar seu caminho profissional, embora não vejo campo de trabalho para todos os concluintes” (F3).

Com relação às condições existentes quanto à infraestrutura (salas de aula, laboratórios, sala dos professores, biblioteca etc), dois (50%) dos respondentes sinalizam como satisfatória e um deles justifica: *“atualizações didáticas são sempre necessárias” (F3)*; dois (50%) respondentes classificam como muito satisfatória e um deles descreve a razão: *“grande empenho dos professores e funcionários que fazem o impossível para que tudo funcione dentro das condições necessárias” (F2).*

A última questão (nº14) permitiu que os funcionários relatassem considerações que julgassem necessárias e seguem os relatos apresentados:

“O que mais precisamos, fica nas mãos do governo do Estado. Os salários são defasados, planos de carreira dos servidores e convênio médico ficam a desejar” (F2).

“Acho que deveria haver uma melhor adequação no horário das aulas, principalmente ter mais atenção nas divisões de turmas” (F3).

3.2 Análise e interpretação dos dados de entrevista com Coordenador do curso técnico em agropecuária (ETIM); Orientador Vocacional; Diretora e Coordenadora Pedagógica.

Tendo em vista a questão de pesquisa que objetiva caracterizar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba e buscando-se ampliar o campo de visão sobre o escopo, formam entrevistados: Coordenador do curso técnico em agropecuária (ETIM); Orientador Vocacional; Diretora e Coordenadora Pedagógica.

Os quatro entrevistados se mostraram solícitos e as entrevistas semiestruturadas foram realizadas de novembro de 2017 a janeiro de 2018.

Ao se realizar um estudo em que os sujeitos de pesquisa estão dispostos em cargos/funções distintos e por isso apresentam olhares específicos sobre o tema abordado, fez-se necessário organizar os dados de modo que fosse possível vislumbrar cada opinião de forma fidedigna. Ao mesmo tempo a análise de conteúdo permite traçar um paralelo entre as posições dos entrevistados, evidenciando as categorias mais significativas nos respectivos relatos,

conforme preconizado por Bardin (2011). A partir dessa análise foi possível determinar um nicho de codificações e suas respectivas inferências. Para melhor visualização, os códigos foram separados em blocos decrescentes de incidência:

1. ENSINO SUPERIOR

O modelo de ensino profissionalizante antes destinado “as massas” e associado ao assistencialismo (MANFRINATO, 2006), cedeu lugar para um ensino médio técnico mais flexível e mais próximo do propedêutico e conseqüentemente do acesso aos cursos superiores. Vale lembrar que o Programa Brasil Profissionalizado prevê a modernização e a expansão das redes públicas de ensino médio integradas à educação profissional. O objetivo é integrar o conhecimento do ensino médio à prática. A iniciativa repassa recursos do governo federal para que os estados invistam em suas escolas técnicas (MEC, 2016). Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE), estabelecido em 2001 pela lei nº 10.172, com base no qual foram definidas em termos legais, diversas metas a serem atingidas no ensino médio até 2011, entre elas: Melhorar o aproveitamento dos alunos do ensino médio, de forma que atinjam níveis satisfatórios de desempenho definidos e avaliados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e pelos sistemas de avaliação que venham a ser implantados nos estados.

Na pesquisa ficou evidenciado por parte dos entrevistados, a inserção alunos do curso técnico em agropecuária no ensino superior e expressa nos comentários a seguir:

“A grande maioria tem perspectiva de ingresso na universidade, sendo a área agrícola o maior foco (agronomia, veterinária e zootecnia), um grupo opta por Biologia [...]”. (Coord. do Curso)

“Essa migração para o ensino superior não se deve nem pelo status, nem pela remuneração, mas pela própria situação escolar do país que exige uma graduação. O curso superior de hoje equivale ao técnico de 20 anos atrás e o curso de pós-graduação equivale à graduação. Não que eu seja contra ou a favor, mas é a situação hoje. Não é que o ensino técnico seja fraco, é que a maioria das pessoas precisa migrar para o ensino superior para ter o mesmo conhecimento que antes”. (Coord. Curso)

“Os egressos têm grandes destaques. Os alunos têm bons resultados no ENEM, além disso, conseguem acompanhar melhor os cursos de nível superior na área pela experiência prévia adquirida. Alguns colegas professores universitários que recebem nossos alunos, comentam que eles poderiam entrar no 3º bimestre [sorriso]”. (Coord. Curso)

“[...] esse aluno termina o ETIM, o percentual, eu diria 90%, se não for mais, 95%, saem daqui já ingressando para as universidades, para o curso de graduação e aquele que não, é por uma necessidade socioeconômica, aí ele não consegue porque precisa sustentar a casa, auxiliar nos deveres ou por que não consegue fazer uma graduação, mas isso é um percentual muito pequeno, na maioria ingressam direto para a faculdade”. (Diretora)

“[...] ele quer se preparar para os vestibulares, na maioria dos nossos alunos e eu diria até nos demais, porque é a faixa etária, né? O aluno está se preparando para dar o segmento dele nos estudos”. (Diretora)

“Quem vem ou quem vai para uma Etec é aquele que quer estudar, quer ser preparar, quer buscar carreira. É aquele que já sabe que vai terminar o ensino médio, falando do ETIM, com o ensino médio, mas já com uma profissão que vai dar continuidade nessa carreira, nessa ascensão nele dentro desse segmento”. (Diretora)

“Aí, o que eu percebo em alguns momentos que a gente fez orientação vocacional com eles, um percentual de alunos que pretende isso, né, ou seja, agronomia, veterinária, mas tem muita pretensão variada. Tem aluno aqui que pretende fazer Educação Física, ou quer fazer Direito, outro quer fazer Psicologia, enfim, são áreas diversificadas dentro do próprio métier do curso. Agora, eu vejo, dos 38, 37 que estão se formando, um percentual maior é pra área de veterinária, agronomia, zootecnia ou algo parecido, mas tem uma boa parte que não vai seguir essa área”. (Orientador Vocacional)

“A grande maioria se preocupa com o que fazer na universidade e não essa coisa de onde eu vou procurar o meu trabalho [...]”. (Orientador Vocacional)

“[...] querem sair daqui e querem fazer um curso universitário, não necessariamente ligado à área”. (Orientador Vocacional)

“Como a escola atende os alunos que pretendem ingressar nas universidades, muitos conseguem entrar em instituições próximas. Conseguem bolsa integral pelo ENEM, porque foram bem”. (Orientador Vocacional)

“[...] então, essas coisas fazem do ETIM um foco meio diferente, para a universidade mesmo”. (Orientador Vocacional).

“Eles têm facilidades de ingresso pelo ensino médio e vantagens durante o curso superior graças ao ensino técnico”. (Orientador Vocacional)

“O perfil do aluno de agropecuária integrado ao ensino médio é para o nível superior, a maioria”. (Coord. Pedagógica)

“[...] muitos vão para a faculdade e conseguem trabalhar. Consegue-se conciliar os dois ao mesmo tempo, isso é possível”. (Coord. Pedagógica)

2. ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE

É possível identificar os vários momentos em que as propostas educacionais para a escola de nível médio no Brasil se aproximassem e/ou se afastassem de uma interação entre ensino e trabalho, com o objetivo de superar a histórica dualidade entre as partes (KUENZER, 2012). O ensino de nível médio se destaca dos demais por apresentar as maiores dificuldades ao longo da história da educação brasileira, em decorrência da sua dupla função: preparar para o mercado de trabalho e ao mesmo tempo para a continuidade dos estudos (KUENZER, 1997). Esses conflitos e incertezas que sempre permearam o ensino médio profissionalizante são perceptíveis nos relatos presentes nas entrevistas e verificados nos trechos que seguem:

“Os conteúdos técnicos são muito restritos a poucas disciplinas, embora a carga horária do curso seja extensa. A quantidade de horas disponíveis para as disciplinas técnicas é muito reduzida e isso tem comprometido um pouco a formação profissional”. (Coord. Curso)

“Eu acredito que o uso da tecnologia não compromete a mão-de-obra, pelo menos não a qualificada. As máquinas substituem a mão-de-obra não qualificada. É necessário pelo menos o curso técnico hoje”. (Coord. Curso)

“[...] realmente a nossa escola ficou com a sua característica de escola profissionalizante, que é o métier do Centro Paula Souza e que é o nosso: profissionalizar os alunos”. (Diretora)

“Eu tenho parcerias com universidades que vêm para cá para poder ter aulas como os alunos e isso é muito enriquecedor também, porque os nossos alunos do agropecuária conseguem trocar experiências e vivências de aulas práticas com alunos da veterinária[...]”. (Diretora)

“Eu tenho alunos estagiando, mas é lógico, isso diminuiu no curso. E ele tem as atividades pra fazer em casa, porque tem o curso técnico e tem o ensino médio, ou seja, aquelas atividades do ensino médio, elas acontecem e os professores aqui realmente desenvolvem e cobram os alunos. Porque nós não trabalhamos somente com a parte profissionalizante, nós trabalhamos com a outra formação que é a integrada. Nós preparamos esses alunos para o mercado de trabalho, mas também para o segmento dos estudos, para os vestibulares”. (Diretora)

“Agora sair daqui profissional, aí já é complicado, porque eles vão ter essa carga toda de matéria do Ensino médio mais o técnico. Eles vão sair daqui com conhecimento técnico, mas aí desenvolver toda uma habilidade, trabalhar com isso, na questão, sabe? O saber total da coisa, isso nem é possível e a estrutura que a escola tem é de início [...]”. (Orientador Vocacional)

“O ETIM não tem mercado de trabalho por conta de carga horário, só vai ter nesse 3º módulo, no terceiro ano, aí ele está com 17 anos, só que aí tem a universidade que ele quer, tem o tiro de guerra e os compromissos que ele não está livre ainda e que para a empresa pode ser um impedimento”. (Orientador Vocacional)

“Agora ele é completo, tem tanto ensino médio como ensino técnico, contempla os dois e você consegue se formar nos dois com excelência. Não elimina matéria, então, esse sistema de ETIM, eu acho perfeito”. (Coord. Pedagógica)

“A mesma teoria que uma escola de Estado tem no ensino médio nós temos aqui junto com o ensino técnico, a mesma base”. (Coord. Pedagógica)

“[...] Ensino Médio: temos livros necessários, apostilas, professores capacitados para todos os cursos, não só no curso de agropecuária. Quando a gente especifica o curso de agropecuária, nós temos uma fazenda que tem todo um material necessário e eu falo material da parte física. Estamos falando de material necessário para trabalhar com os animais ou para o trabalho com a parte vegetal. A reprodução animal aqui é feita toda artificialmente, os próprios alunos que fazem manipulação. Inclusive quando o coordenador do curso vai fazer algum trabalho nas fazendas, ele pede autorização e alguns alunos vão junto”. (Coord. Pedagógica)

3. AGRICULTURA FAMILIAR

Historicamente, os agricultores familiares mantêm a tradição de passarem o patrimônio a seus sucessores, porém, os jovens vêm desconsiderando essas práticas e reivindicando que seus

projetos individuais sejam respeitados. O meio rural é um ambiente menos competitivo do que o meio urbano em relação à escolaridade, no entanto, as famílias e os próprios jovens estão reconhecendo a educação como importante veículo de empoderamento diante da sociedade. Além disso, o investimento em capital humano possibilita a melhoria na produtividade e renda, incorporadas através de capacidades adquiridas pelo acesso a escolaridade (KIYOTA e PERONDI, 2014).

Muitos jovens buscam a formação agrícola como forma de ampliar o conhecimento e utilizá-lo na produção familiar. Alguns por não terem outras opções, outros como escolha e perspectiva de carreira. Os entrevistados descrevem a realidade do curso técnico em agropecuária no contexto da Etec Cônego José Bento a seguir:

“[...] os municípios do Vale do Paraíba se caracterizam por terem áreas rurais muito maiores que as áreas urbanas [...] uma área agrícola grande, com um número de pequenos proprietários rurais também grandes, mas inexploradas. A questão da empregabilidade na região está muito mais relacionada ao “empreender”. Muitos ex-alunos saem daqui e vão tocar seus próprios negócios na área rural, não só na agricultura familiar, mas na empresarial também”. (Coord. Curso)

“Existem grandes latifúndios com pouca tecnologia e agricultores familiares que se apoderam de muita tecnologia. A tecnologia tem um conceito muito mais amplo do que o uso de grandes maquinários agrícolas, compreendendo também o uso inteligente e funcional de técnicas e inovações produtivas. Dessa forma o papel da formação do técnico em agropecuária junto à agricultura familiar é perpetuar e disseminar os novos valores da sociedade atual. É importante absorver os novos valores da sociedade, hoje muito mais exigente. Valoriza-se mais os produtos sem veneno (agricultura orgânica). A agricultura familiar também traz alto valor agregado e muitas possibilidades: turismo rural, exploração de paisagens, enfim, todo mundo se sente com o pé na roça, mas não quer ir pra roça”. (Coord. Curso)

“[...] ele faz, se prepara, qualifica e vai lá ajudar o pai na roça, na fazenda, no sítio. Nós temos esses casos, mas é pouco. Aí é por uma necessidade familiar, socioeconômica ou muitas vezes porque o negócio dele é por a mão na enxada mesmo, não é ficar em cima de livros, não é ficar fazendo pesquisa, ele gosta mesmo disso, de ir lá e pegar o gado, de ir lá à roça e plantar naquilo que é seu, que é do seu pai e dar continuidade nessa questão da agricultura familiar”. (Diretora)

“Tem uma parte que tem essa pequena propriedade aqui próxima, tem algum parente que tem e também tem aqueles que não têm nada a ver com isso e estão aí fazendo o Ensino Médio e o técnico porque estão juntos e vieram pela agropecuária”. (Orientador Vocacional)

“Agricultura familiar à minoria [...] Porque muitos vão para a faculdade e conseguem trabalhar. Consegue-se conciliar os dois ao mesmo tempo, isso é possível. Agora quem tá na agricultura familiar porque precisa dessa renda, aí não consegue muitas vezes conciliar essas duas partes”. (Coord. Pedagógica)

4. TRADIÇÃO DE ENSINO DA ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO

Para Perrenoud (2013) “os seres humanos, na sua maioria, não estudam por estudar e sim para empreender uma ação”, ou seja, a escola permite a possibilidade de saberes realmente utilitários, que representem para os discentes uma experiência prévia para a vida e conseqüentemente para suas futuras escolhas. Tem-se que na escola os educadores têm a possibilidade de auxiliar seus alunos na construção de seus próprios quadros valorativos a partir do contexto de suas próprias culturas (LIBÂNEO, 2010). A tradição de uma escola é alicerçada em torno dessas culturas, onde valores são cultivados e perpetuados. Os entrevistados expressam suas opiniões em relação à tradição de 80 anos da Etec Cônego José Bento nos comentários a seguir:

“A situação presente tem um peso maior que a tradição passada. As pessoas avaliam a qualidade da escola, o número de aprovações no ENEM e questões como segurança”. (Coord. Curso)

“Até hoje nós recebemos ex-agricolinos aqui, de “mil, novecentos e bolinha” e que retornam. Por quê? Porque o carinho ficou, tem um pedacinho de vocês aqui dentro. É muito afetivo, é especial. Então, é certo: “Oh, meu filho, você vai estudar lá porque lá é muito especial, fez parte da minha vida” e o aluno vem por quê? “Se fez parte da vida do meu pai eu também quero que faça parte da minha”. E é muito interessante, não porque nós estamos aqui, mas eu sou apaixonada pela escola. Quem bebe dessa água não tem jeito. Nós temos casos que o aluno veio pela influência do pai que fez agropecuária, mas veio pela escola e não pelo curso. A tradição é pela escola e não necessariamente pelo curso. Ela tem essa tradição e faz isso acontecer, essa continuidade na vida das pessoas. Outra tradição é o número bastante expressivo de aprovados em universidades. A gente preza muito pela excelência na qualidade de ensino independente da área profissional, mas no conhecimento geral”. (Diretora)

“Eu acho que eles vão ter conhecimentos básicos. Eu vejo também que o empresário que vem aqui sabe disso, até já conhece por tradição essa escola [...]”. (Orientador vocacional)

“O primo veio aqui e hoje está na universidade, foi muito bem aqui na escola e conseguiu a universidade tal e eles têm isso na família [...] Então, como são da cidade, tem também esse histórico dos 80 anos”. (Orientador Vocacional)

“Tem a história da tradição, mas a influência da família é com a Etec e não exatamente com o curso de agropecuária”. (Coord. Pedagógica)

Com vista a responder ao problema e aos objetivos que a dissertação se propôs, os dados coletados foram analisados por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Essa técnica permitiu que fossem contemplados os posicionamentos dos entrevistados frente aos enunciados. Respeitando-se as subjetividades, mas tornando possível a standardização, pode-se verificar através das codificações que o Ensino Superior é o principal foco dos alunos egressos da Etec Cônego José Bento.

CAPÍTULO 4 - CONCLUSÃO

Com o foco no objetivo geral, que foi identificar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau, no curso de agropecuária, sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba, buscou-se investigar as características e peculiaridades da Etec Cônego José Bento e dos sujeitos de pesquisa nela inseridos.

Os resultados demonstraram uma tendência dos egressos à continuidade dos estudos, principalmente na mesma área de atuação, ou seja, agrícola. A expressiva parte dos entrevistados justifica essa trajetória devido a pouca idade dos alunos, que naturalmente buscam um plano de carreira em nível superior. Destacam a excelência de ensino, que contempla os dois segmentos: técnico e regular. No entanto, a profissionalização, embora focada na efetiva prática, é considerada inicial, uma vez que o ETIM (ensino técnico integrado ao médio) tem o objetivo de formação integrada, preparando o alunado também para o ingresso em universidades. Somado a isso o fato da carga horária do curso ser extensa, tende a dificultar o aluno para a prática do estágio. Outras dificuldades de inserção no mercado de trabalho são: apresentação no serviço militar, Lei do Menor Aprendiz e obstáculos como conciliar os conteúdos de ensino médio e a preparação para os vestibulares. Esse cenário é descrito por Kuenzer (2012) que descreve a década de 90 como momento de aproximação à integração entre ensino e trabalho através da Lei 9.394/96. Proposta esta que permitiu a Educação Profissional integrar a Educação Básica, como modalidade da etapa de Ensino Médio.

O coordenador do curso técnico em agropecuária e o orientador vocacional fazem a intermediação desses ingressos, porém o perfil majoritário é de alunos muito jovens que fazem a escolha pelo ensino médio e o técnico porque está agregado, priorizando o curso por afinidade. A maioria tende a se identificar com o curso, havendo interesse em prosseguir os estudos na área.

A questão da empregabilidade se mostrou relacionada ao “empreender”, seja na agricultura familiar ou na empresarial. No que diz respeito à agricultura familiar, a pesquisa direciona para uma pequena parcela de discentes, mas que ainda assim, não param de estudar. Corroborando com essa questão Kiyota e Perondi (2014) sinalizam que os jovens estão buscando melhorias na formação para que possam se preparar para os desafios futuros, sejam na produção familiar, em outros estabelecimentos rurais ou urbanos. A escolaridade rural segue a tendência dos centros urbanos, demonstrando um aumento no número de anos de estudo nas novas gerações. Fato que vem sendo valorizado pelas famílias rurais, que entendem esses

“empreendimentos” como sinônimo de produtividade e conseqüentemente de maiores possibilidades de renda.

A pesquisa com os entrevistados também evidenciou a importância da tradição da Etec Cônego José Bento na escolha pelo técnico. Entre os fatores citados estão: influência de familiares e amigos que foram alunos, o número expressivo de aprovados em universidades, assim como o número de aprovações no ENEM, que facilita o ingresso em universidades privadas pelo sistema de bolsas. A tradição está mais relacionada à escola do que ao curso propriamente dito e nessa condição o aspecto afetivo é relevante nas escolhas.

O curso tem baixa evasão e isso é justificado primeiramente por ser uma característica do ensino técnico integrado ao médio, mas também pelo trabalho de divulgação dos cursos pela escola e também através dos alunos que fazem esse papel através das redes sociais.

A pesquisa aponta que o curso de agropecuária tem algumas particularidades em relação aos demais cursos técnicos, como: ser uma fazenda escola que exige manutenção constante; o número de aulas práticas serem superiores aos demais cursos técnicos da escola e as aulas teóricas ocorrerem muitas vezes no próprio local onde se desenvolve a prática; a dinâmica das aulas proporcionar acesso a várias áreas da escola; ser necessário considerar o tempo de deslocamento até determinados setores da fazenda; algumas atividades práticas não poderem ser interrompidas, o que estende o horário de término das aulas.

Essas peculiaridades tornam o curso focado no “fazer”, no “praticar” e isso reflete na excelência da formação técnica que juntamente com professores qualificados promovem um ensino de qualidade. Os relatos analisados foram unânimes em descrever as vantagens do curso técnico em agropecuária, sinalizando para o ingresso no nível superior pelo conhecimento das disciplinas do ensino regular, mas também pela notoriedade dos conhecimentos técnicos que destacam e impulsionam os alunos técnicos quando chegam ao ensino superior em cursos da área.

No entanto, a formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba tende a ser de pouca relevância economicamente, uma vez que sob a óptica dos respondentes a principal trajetória apresentada corresponde à continuidade dos estudos em nível superior, principalmente na área agrícola. A formação técnica, muito embora sinalize para a excelência, não aponta para o mercado de trabalho, pela pouca idade dos alunos e por escolhas pessoais, tendo como principal foco utilizar esses conhecimentos como plano de carreira na universidade.

Quanto aos objetivos específicos: 1 – Analisar a visão de egressos do ensino técnico em agropecuária quanto às influências na formação e profissionalização, a pesquisa com os alunos atuais e egressos sinaliza que a principal motivação na escolha do curso, assim como a perspectiva após a sua conclusão estão relacionados com a continuidade dos estudos em nível superior. Quando citam a profissionalização como principal foco de importância em relação aos estudos, se referem à possibilidade de prosseguirem os estudos como plano de carreira futura, onde o conhecimento técnico auxiliará durante a formação superior. Fato que se torna viável no ETIM por permitir essa preparação para os vestibulares e/ou ENEM.

2 – Caracterizar o estágio atual do curso técnico em agropecuária promovido pela escola Cônego José Bento, quanto a sua estrutura e funcionamento. A pesquisa realizada com alunos sinaliza que a relação das disciplinas com o conhecimento na área ocorre de forma satisfatória ou muito satisfatória para 87% dos respondentes. Para 60% dos docentes o ensino técnico integrado ao médio é uma associação relevante, pois além do preparo para o mercado de trabalho, o aluno tem uma educação de qualidade para prosseguir nos estudos e apontam o currículo como adequado e às vezes com necessidade de realizar adaptações de acordo com o perfil das turmas para as quais lecionam. Os funcionários descrevem o ensino técnico integrado ao médio com uma formação de qualidade e apontam a infraestrutura (sala de aula, laboratório, sala dos professores, biblioteca etc.) como satisfatória ou muito satisfatória, destacando o comprometimento de professores e funcionários como contribuição para um ensino de qualidade.

Conclui-se que o aluno do curso técnico em agropecuária da Etec Cônego José Bento tem um perfil voltado para a continuidade dos estudos em nível superior, principalmente na área agrícola. Muito embora sejam reconhecidas as potencialidades da formação técnica, a empregabilidade se torna dificultada pela pouca idade dos alunos, pela carga horária integral que inviabiliza tempo hábil para atividades voltadas ao mercado de trabalho, como estágio, por exemplo, ou por escolhas pessoais e oportunidades de inserção.

Os cursos agrícolas no Brasil se desenvolveram a partir de uma formação vinculada ao trabalho escravo e essencialmente braçal. Esse histórico do saber prático é uma característica que acompanha os técnicos agrícolas até a atualidade. Fato que pode ser observado nos relatos dos entrevistados: “*os alunos identificam-se muito como o fazer, praticar [...] (orientador vocacional)*”; “*no curso de agropecuária, os alunos ficam em sala porque eles têm a teoria, mas estão mais com a prática do que dentro de sala [...]*”(diretora). No entanto, percebe-se que o currículo do curso contempla as novas tendências contemporâneas: o conceito de multifuncionalismo, o emprego da tecnologia e questões de preservação ambiental

(sustentabilidade, agroecologia). Somado a isso, deve-se considerar a carga horária destinada aos conteúdos teóricos e não menos importantes como: empreendedorismo rural, construção de projetos, planejamento de negócios, cooperativismo, entre outros que se apresentam de forma diminuta nos relatos, tanto das entrevistas como dos questionários e, portanto, possibilitam uma lacuna para reflexão, também observada pela coordenadora pedagógica no relato: *“Fala-se muito da parte prática, mas eles têm muito dessa parte teórica também”*.

O curso técnico em agropecuária não é mais majoritariamente masculino, como era décadas atrás. Foi evidenciado um equilíbrio de gênero em todas as turmas analisadas, possibilitando perfis heterogêneos de alunos, que poderiam estar sendo mais bem aproveitados pelo mercado de trabalho, contemplando além dos saberes práticos os conhecimentos teóricos, tão importantes em uma administração rural. Concebe-se que a inserção de técnicos em agropecuária na região ocorre de forma pouco expressiva, considerando que a Etec Cônego José Bento é a única escola com esse tipo de formação, embora o Vale do Paraíba seja marcado por extensos territórios rurais.

O presente estudo possibilitou uma reflexão sobre as várias facetas do ensino técnico integrado quanto ao dualismo presente entre ensino e trabalho, ao mesmo tempo em que emergiu questões contemporâneas sobre o cenário agrícola no contexto educacional e na realidade vivenciada pela região do Vale do Paraíba.

Por tratar-se de um estudo com enfoque etnográfico e, portanto com características muito particulares, sugere-se que o tema possa ser estendido a outras realidades, onde o tema possa ter outras possibilidades de exploração.

REFERÊNCIAS

A.A.P.G. (ASSOCIAÇÃO AGROPECUÁRIA E SINDICATO RURAL DE GUARATINGUETÁ). **Produção de arroz ganha novo impulso no Município**. Disponível em: <http://blog.assopec.com.br/2016/06/producao-de-arroz-ganha-novo-impulso-no.html>. Acesso em: 01 de junho de 2016.

ABRAMOVAY, R. O Capital Social dos Territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, v. IV, n.2, p. 379-397, abr./jun.2000.

ARAÚJO, B. M. de. **O ensino agrícola e a educação: a formação do trabalhador rural**. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal/RN, 2013.

ARAÚJO NETO, D. L.; COSTA, E. F. Dimensionamento do PIB do agronegócio em Pernambuco. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 43, n. 4, p. 725-757, 2005.

ARROYO, M.M; SILVA, R.S. **Indústria e circulação no Vale do Paraíba: Situação atual do município de São José dos Campos**. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. UFRGS: Porto Alegre, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, H.H.M. et al. O ciclo do café vale-paraibano. In: LIMA, R.G.S (Org. e Coord.). **Fazenda dos Três Poços, do café a Universidade**. Volta Redonda, RJ: Editora FAO, 2008.

BARROS, J.R.M. de. O passado no presente: a visão do economista. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 16-22.

BATISTA, E. L. **Trabalho e educação profissional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil: análise do pensamento e das ações da burguesia industrial a partir do IDORT**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

BRASIL. **Constituição (1891)**. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Texto decretado e promulgado pelo congresso nacional constituinte em 24 de fevereiro de 1891. Disponível em:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

BRASIL. **Decreto nº7.566, de 23 de setembro de 1909**. Cria as Escolas de Aprendizizes e Artífices.

BRASIL. **Decreto nº 8.319, de 20 de outubro de 1910**. Cria o Ensino Agrônômico e aprova o respectivo regulamento.

BRASIL. **Decreto nº 7.073, de 06 de abril de 1935**. Cria uma Escola Profissional Agrícola-Industrial Mista em Espírito Santo do Pinhal

BRASIL. **Decreto nº7.319, de 05 de julho de 1935**. Cria uma escola profissional mista em

Jacareí. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 07 de julho de 1935, nº155, pag.11. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=122956>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

BRASIL. **Constituição (1937)**. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, decretada pelo Presidente da República em 10.11.1937. Disponível em:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pl.html>>Acesso em: 20 de setembro de 2016.

BRASIL. **Decreto nº 11.588, de 19 de novembro de 1940**. Dá a denominação de "Cônego José Bento" á Escola Profissional Agrícola Industrial Mista, de Jacareí.

BRASIL. **Decreto nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942**. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI).

BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943**. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Comercial.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946**. Lei Orgânica do Ensino Agrícola

BRASIL. **Lei nº 1.821, de 12 de março de 1953**. Dispõe sobre a equivalência de estudos.

BRASIL. **Lei nº 2.521, de 12 de janeiro de 1954**. Transforma em Escolas Agrotécnicas as atuais Escolas Profissionais Agrícolas Industriais.

BRASIL. **Lei nº 3.423, de 28 de julho de 1956**. Dispõe sobre a transferência, para a Secretaria da Agricultura, das Escolas Agrotécnicas "Cônego José Bento", de Jacareí, "Dr. Carolino da Mota e Silva", de Pinhal, e "D. Sebastiana de Barros", de São Manuel.

BRASIL. **Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959**. Dispõe sobre a organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de Ensino Industrial.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Lei nº 42.151, de 05 de julho de 1963**. Transfere a administração da Diretoria do Ensino Agrícola da Secretaria da Agricultura para a Secretaria da Educação.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências.

BRASIL. **Lei nº 7.044, de 19 de outubro de 1982**. Altera dispositivos da Lei nº 5.692/71.

BRASIL. **Lei nº 34.032, de 22 de outubro de 1991**. Dispõe sobre a transferência da Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e dá providências correlatas

BRASIL. **Decreto nº 37.735, de 27 de Outubro de 1993**. Autoriza a transferência das Escolas Técnicas Estaduais para o Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" - CEETPS e dá providências correlatas.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 96.** Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Decreto nº 2.208/97.** Dispõe sobre o Sistema de Educação Profissional e Tecnológica.

BRASIL. **Lei nº 10.172/2001.** Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE). Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. **Decreto nº 5.154/2004, de 23 de julho de 2004.** Regulamenta os artigos 36, 39 e 41 da LDB Nº 9.394/96 e revoga o Decreto nº 2.208/97.

BRASIL. **Lei nº 11.326/2006, de 24 de julho de 2006.** Estabelece as diretrizes para a formulação da política nacional da agricultura familiar e empreendimentos familiares rurais.

BRASIL. MEC -Ministério da Educação. **Brasil Profissionalizado.** Brasília, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32756> Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.741/2008.** Dá nova redação ao artigo 39 da LDB nº 9.394/96.

BRASIL. **Lei nº 11.892/2008, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

BRASIL. **Lei nº 12.058/2009, de 13 de outubro de 2009.** Dispõe sobre a prestação de apoio financeiro pela União aos entes federados que recebem recursos do Fundo de Participação dos Municípios

BREMER, M.A. de S.; KUENZER, A.Z. **Ensino Médio Integrado: uma história de contradições.** In: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul, 2012.

BUAINAIN, A.M. Alguns condicionantes do novo padrão de acumulação da agricultura brasileira. **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola.** Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 211-240.

BUAINAIN, A.M et al. O mundo rural brasileiro: Interpretá-lo (corretamente) é preciso. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola.** Brasília, DF: Embrapa, 2014a. P. 35-75.

BUAINAIN, A.M et al. Quais os riscos mais relevantes nas atividades agropecuárias? In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola.** Brasília, DF: Embrapa, 2014b. P. 175-208.

BUAINAIN, A.M et al. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola.** Brasília, DF: Embrapa, 2014c. P. 1159-1181.

CETEC. **Banco de Dados do Ensino Técnico no Centro Paula Souza.** Disponível em: <<http://www.cpsctec.com.br/bdctec>> Acesso em: 07 nov. 2016.

CONSTANTINO, P.; OLIVEIRA, A.C.O.; POLETINE, M.R.O. **Residência nas escolas**

agrícolas de ensino técnico: alternativa para a educação profissional. In: Anais do IV Congresso Brasileiro de Educação. Bauru: UNESP, 2015. p. 1719-1730.

CONTINI, E. Exportações na dinâmica do agronegócio brasileiro – Oportunidades econômicas e responsabilidade mundial. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 147-173.

CUNHA, L.A. O ensino industrial- manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p.89-107, 2000.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

DENNIS NETTO, J. B. **Pelas Ruas da Cidade.** Jacareí: Semanário,1996.

DIEL, F. J.; DIEL, E. H.; SCHULZ S. J., CHIARELLO, T. C.; SILVA, T. P. Análise da Eficiência Econômico-Financeira das Empresas Pertencentes ao Agronegócio Brasileiro. **Contextus Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza-CE, v. 12, n. 2, mai/ago, 2014.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FERREIRA, G.M.V.; OLIVEIRA, L. de; TALAMINI, E. **Posicionamento estratégico em Cooperativas agropecuárias de leite:** o caso da cooperativa de Lorena e Piquete no Vale do Paraíba. In: Anais do XLIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Fortaleza: Sober, 2006.

FRIGOTTO, G. **A relação da Educação profissional e tecnológica com a universidade da Educação Básica.** In: Educ. Soc., Campinas, v. 28, p. 1129–1152, out. 2007

GARCIA, J.R. Trabalho rural: Tendências em face das transformações em curso. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 559-589.

GRITTE, S. M. Educação Profissional: formação técnica. **Revista Educação – UFSM.** Pelotas, v. 33, n. 1, 2008

GUEDES, A.C.; TORRES, D.A.P.; CAMPOS, S.K. Sustentabilidade e Sustentação da produção de alimentos e o papel do Brasil no Contexto global. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 117-146.

GUIMARÃES, R.G.; PACHECO J.A.; SEABRA F. Políticas de educação profissional em Portugal e no Brasil. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação**, V.29, N.03, p. 557-574, set/dez. 2013.

HABERMAS, J. **Teoria e práxis:** estudos de filosofia social. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HOFFMANN, R. **A agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil?** Nota Técnica. Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, 21(1):417-421, 2014.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em:<
<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>> Acesso em: 13 de setembro de 2016.

IBGE. **População estimada 2016**. Disponível em:<
<http://ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=&codmun=352440&search=sao-paulo%7Cjacarei>>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

IBGE. **IBGE anuncia o Censo Agropecuário 2017**. Disponível em:<<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=3404&busca=1>>. Acesso em: 03 de março de 2017.

JACAREÍ (SP). **Prefeitura 2017**. Disponível em: <http://www.jacarei.sp.gov.br>. Acesso em: 16 de abril de 2017.

KANAZAWA, J.N. Trajetória escolar dos alunos da Etec Cônego José Bento: identidade e singularidades da primeira turma de alunos no cotidiano escolar do ensino técnico e profissionalizante, em Jacareí (1937-1940). In: Maria Lúcia Mendes de Carvalho (Org.). **Cultura, saberes e práticas: memórias e história da educação profissional**. 1ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, v.1, p.185-201.

KANAZAWA, J.N. A criação da Escola Profissional Agrícola Industrial Mista de Jacarehy e a Estrada de Ferro Central do Brasil. In: Maria Lúcia Mendes de Carvalho. (Org). **Patrimônio, currículo e processos formativos: memórias e história da educação profissional**. 1ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013, v.1, p.223-237.

KANAZAWA, J.N. **Centro de Memória Etec Cônego José Bento: Experiências pedagógicas e de Pesquisas com História e Memória Escolar**. In: Anais do VIII Seminário Nacional do Centro de Memória. Campinas: Unicamp, 2016.

KIYOTA, N.; PERONDI, M.A. Sucessão geracional na agricultura familiar: Uma questão de renda? In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 1011-1045.

KUAZAQUI, E.; KANAANE, R. **Marketing e desenvolvimento de competências**. São Paulo: Nobel, 2004.

KUENZER, A. **Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado Neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997. 104.p.

KUENZER, A. **Ensino Médio Integrado: Uma História de Contradições**. IX Anped Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul, 2012.

LENCIONI, B. S. **O negro na história de Jacareí – da Senzala ao preconceito**. Aparecida: B.S. Lencioni, 1989.

LENCIONI, B. S. **Retalhos da Memória**. Jacareí: Fundação Biblioteca Nacional, 1999.

LENCIONI, C. **Jacareí: viajantes e cronistas**. Aparecida: Editora Santuário, 1991.

LIBÂNEO, J.C. Sistema de Ensino, Escola, Sala de Aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens? In: LOPES, A.C; MACEDO, E (orgs). **Políticas de currículo em Múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBÂNEO, J.C. As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação. In: Libâneo, José Carlos; Santos, Akiko (orgs.). **Educação na Era do Conhecimento em Rede e Transdisciplinaridade**. 3ª ed. Campinas: Atomoealinea, 2010, p.19-62.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F. de; TOSCHI, M.S (orgs.). **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

LOPES, M.A.; SARTI, F.; OTERO, M. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p.12-14.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. 2ªed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013

MAIA, A.G. O esvaziamento demográfico rural. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 1081-1099.

MALACARNE, R.; BRUNSTEIN, J.; BRITO, M. D. Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, p. 20-41, 2014.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MANFREDI, S.M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002

MANFRINATO, M.H.V. **Proposta de Organização Curricular em Curso Técnico Profissionalizante: Meio Ambiente e Educação Ambiental – Um estudo de Caso**. 240f. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.

MAPA- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio Brasileiro 2012/13 a 2022/23**. Assessoria de Gestão Estratégica. Brasília, Jun.2013. Disponível em:<http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 28 de janeiro de 2017.

MAPA- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio Brasileiro 2015/16 a 2025/26**. Assessoria de Gestão Estratégica. Brasília, Jul.2016. Disponível em:<http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 28 de janeiro de 2017.

MARTINS, J. de S. A modernidade do “passado” no meio rural. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 23-31.

MARTINS-SALANDIM, M.E; GARNICA, A.V.M. **Profissão, escola e campo: um estudo**

sobre o ensino técnico agrícola. In: cadernos da história da educação, v.9, n.1, jan./jun., 2010.

MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MEC- Ministério da Educação. **Brasil Profissionalizado**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12325&Itemid=663> Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

MORAES, C.S.V.; ALVES, J.F. (orgs). **Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens (Álbum fotográfico)**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

MOREIRA, M. L. Aspectos históricos. In: **Dados gerais do município de Jacareí**. Jacareí, 2002.

MOURA, M.O. de et al. Atividade Orientadora de Ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v.10, n.29, p.205-229, jan./abr.2010.

OLIVEIRA, I.L.de; FREITAS, L.F.S. de; MIORIM, V.M.F. Análise do Conceito de pluriatividade e sua aplicabilidade no assentamento Zumbi dos Palmares – MT. Disponível em <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/4/125.pdf>> Acesso em: 03 de outubro de 2016.

PÁDUA, J.A. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, v.24, n.68, 2010.

PAPÉRA, C. **Patrimônio Cultural Jacarehy**. Jacareí, 20 de maio de 2010. Disponível em: www.patrimonioculturaljacarehy.com.br. Acesso em: 30 de março de 2017.

PEDROSO, M.T.M. Experiências internacionais com a agricultura familiar e o caso brasileiro: O desafio da nomeação e suas implicações práticas. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 761-792.

PERRENOUD, P. *Desenvolver Competências ou Ensinar Saberes? A escola que prepara para a vida*. Porto Alegre: Penso Editora Ltda., 2013.

PETEROSI, H. G. **Formação do professor para o ensino técnico**. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção Educar, 15).

PETEROSI, H. G.; MENINO, S. E. **A formação do professor**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017.

PIMENTEL, E.J.T; KANAZAWA, J.N; LOSSOLLI, R.A. ETE Cônego José Bento: Jacareí. In: MORAES, C.S.V; ALVES, J.F (orgs). **Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens (Álbum fotográfico)**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

RIPLEY, A., **“As crianças mais inteligentes do mundo e como elas chegaram lá”**, São Paulo: Três Estrelas, 2014.

ROMEIRO, A.A. O agronegócio será ecológico. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O**

mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 509-529

ROSIN, S.M. **Psicologia de Aprendizagem de Jovens e Adultos.** 1ª ed. Maringá: Cesumar, 2012. 83p.

SÁ, C.D. de et al. **Estratégias de comercialização no agronegócio: estrutura de mercado e coordenação contratual.** São Paulo: FGV, editora EESP, 2015

SÁ, J. M. M. de. **O público e o privado no ensino agrícola no Maranhão.** São Luís: IFMA, 2008.

SACRISTÁN, J.G. **Educar e conviver na cultura global.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2002

SAMPAIO, J. dos R. **O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação.** Revista Adm. São Paulo, v.44, n.1, p.5-16, jan./fev./mar.2009.

SAMPIERI, R. H.; CALLADO, C. F.; LUCIO, M.D.P.B.; **Metodologia de Pesquisa.** 5ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. P. et al. **História da várzea do médio rio Paraíba do Sul: estado atual do projeto de Reerguimento Econômico do Vale do Paraíba.** IV Seminário Regional Sobre Gestão de Recursos Hídricos, Campos dos Goytacazes, 2014.

SÃO PAULO. **Decreto nº 34.032 de 23 de outubro de 1991.** Transfere as Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo da Secretaria da Educação para a Secretaria de Ciência e Tecnologia.

SCHMIDT, W.; TURNES, V.A.; GUZZATTI, T. In: Rosa, A.L.B. & Schmidt F.B. (colab.). **Novos Rurais – Módulos de Formação.** Rio de Janeiro: Instituto Souza Cruz, 2013.

SEBRAESP. **Produtores do Vale do Paraíba são premiados em encontro estadual da cadeia leiteira.** Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/index.php/24-noticias/agronegocio/16761-produtores-do-vale-do-paraiba-sao-premiados-em-encontro-estadual-da-cadeia-leiteira>. Acesso em: 09 de setembro de 2016.

SEAD - SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **O que é a agricultura Familiar?** Disponível em:< <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>> Acesso em: 03 de março de 2017.

SILVA, J.G. da. **O novo rural brasileiro.** Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1999.

SILVA, M. L. da; Marques, W. A trajetória política e histórica-normativa do ensino técnico da área de agropecuária no Estado de São Paulo: a história política de transição por decretos (de 1882 a 2001). *Política e Gestão Educacional* (online), v.nº16, p.81-104, 2014.

SINDICATO RURAL DE JACAREÍ. História. Disponível em:< <http://www.fapija.com.br/quem-somos>> Acesso em: 31 de julho de 2017.

SOBRAL, F. J. M. **A formação do técnico em agropecuária no contexto da agricultura**

familiar do oeste catarinense. 215f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP: UNICAMP, 2005.

SOUZA, J. S. de. Origens do ensino agrícola no Brasil no contexto do capitalismo dependente. **Revista Campo & Cidade.** Ed. 68, out., 2010.

SOUZA, M. A.; RASIA, K. A. Custos no Agronegócio: um Perfil dos Artigos Publicados nos Anais do Congresso Brasileiro de Custos no Período de 1998 a 2008. **Contabilidade, Gestão e Governança,** v. 14, n. 1, p. 69-81, Jan./abr. 2011.

TAVARES, M.G. **Evolução da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica:** as etapas históricas da Educação Profissional no Brasil. In: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul, 2012.

VERGARA, S.C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 14ªed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2013.

VIEIRA, E.T.; SANTOS, M. J. dos. **Industrialização e desenvolvimento regional:** política do CODIVAP no Vale do Paraíba na década de 1970. *Desenvolvimento Regional em Debate,* n. 2, p. 161-181, 2012.

VIEIRA FILHO, J.E.R. Transformação histórica e padrões tecnológicos da agricultura brasileira. In: BUAINAIN, A.M, et al. (Ed. Técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.p. 395-421

WEINBERG, P. D. Educação Profissional: Rompendo Certezas, Correndo Fronteiras. **Boletim Técnico do Senac,** Rio de Janeiro,v.40, n.2, p.24, maio/ago. 2014.

WEIS, I.T; SANTOS, B.V. dos. **Nossa Senhora da Conceição de Jacarehy.** Jacareí: Editora Papel Simão S.A., 1990.

WOLCOTT, H.W. Criteria for na ethnographic approach to research in education. **Human Organization,** 34: 111-128, 1975.

ZYLBERSZTAJN, D. **Estruturas de Governança e Coordenação do Agribusiness:** Uma Aplicação da Nova Economia das Instituições. 1995. 236 f. Tese (Livre Docente em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995

APÊNDICE A

Questionário de Discentes

I. Dados Pessoais

- 1) Idade
 14 a 15anos
 16 anos
 acima de 17 anos

2) Gênero
 Sexo: masc. fem.

- 3) Série
 1º ano 2º ano 3º ano

II. Dados Sócio-econômicos

- 4) Já trabalhou alguma vez? sim não

Em que? _____

- 5) Trabalha atualmente? sim não

Onde e em que trabalho? _____

- 6) Escolaridade e Profissão do pai: _____

- 7) Escolaridade e Profissão da mãe: _____

- 8) Moradia: zona rural zona urbana
 Estado: _____ Cidade: _____

- 9) Tem propriedade rural _____ sim não

- 10) A renda familiar provém na sua maioria da:

- agricultura familiar
 emprego urbano assalariado
 emprego rural assalariado
 cargo público
 Outro. Qual _____

III. Dados Culturais

11) Sua motivação ao escolher o curso técnico foi:

- Ingressar no mercado de trabalho
 Aplicar os conhecimentos adquiridos no empreendimento rural da família.
 Obter uma experiência prévia específica, objetivando prosseguir em curso da área em nível superior.
 Almejar um empreendimento rural próprio
 Outra razão. Qual? _____

12) Quais as dificuldades enfrentadas em relação ao curso técnico?

- Aulas técnicas teóricas
 Aulas técnicas práticas
 Associar a teoria à prática
 As disciplinas de ensino médio
 Não tenho dificuldade
 Outro(s): _____

13) Qual a importância dos estudos para você?

- Autoconhecimento
 Autoestima
 Profissionalização
 Busco apenas o diploma para prosseguir em nível superior
 Outra. Qual? _____

14) Na sua opinião o curso de agropecuária atende às necessidades da região do Vale do Paraíba?

- Totalmente
 Parcialmente
 Não atende
 Por quê? _____

15) Você se identifica com o curso:

- Totalmente
 Parcialmente
 Pouco me identifico
 não me identifico
 Por quê? _____

16) O que pretende realizar ao término do curso?

- Continuar em cursos de formação na área
 Buscar inserção no mercado de trabalho com os conhecimentos obtidos no curso.
 Aplicar os conhecimentos nos negócios da família
 Ingressar no ensino superior em curso da área agrícola.
 Ingressar no ensino superior abrangendo outra área.
 Outro. Qual? _____

17) As disciplinas tratadas no curso lhes possibilitam um conhecimento em agropecuária de

maneira:

- Muito satisfatória
- Satisfatória
- Parcialmente satisfatória
- Pouco satisfatória
- Não satisfatória

Por quê? _____

18) Qual o grau de importância do estágio supervisionado para a sua formação profissional?

- muito importante
- importante
- indiferente
- pouco importante

Por quê? _____

19) Dos fatores abaixo, mencionar aquele(s) que estão relacionados com a sua opção pelo curso:

- Influência da família
- Inserção no mercado de trabalho
- Desenvolvimento de uma carreira na área
- Influência dos amigos
- Conhecimento de profissionais que atuam na área
- Interesse de prosseguir os estudos na mesma área em nível superior
- Remuneração
- Outro(s). Qual(is)? _____

20) Destaque as disciplinas presentes no curso de agropecuária que julga de relevância para a sua formação profissional. Justifique a resposta.

21) O que o atrai no curso escolhido e qual a sua percepção sobre o mercado de trabalho na área?

APÊNDICE B

Questionário de Docentes

1) Faixa etária

- Até 25 anos
 26 a 35 anos
 36 a 45 anos
 46 a 55 anos
 acima de 55 anos

2) Gênero

Sexo: Masc. Fem.

3) A última formação profissional

- Licenciatura
 Bacharelado
 Mestrado
 Doutorado
 Pós-doutorado

4) Formação na área de:

- Humanas
 Exatas
 Biológicas

Qual curso? _____

5) Disciplina lecionada:

- Área geral. Qual(is)? _____
 Área técnica. Qual(is)? _____

6) Tempo de magistério:

- Menos de 1 ano
 1 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 acima de 15 anos

7) Tempo de magistério no Colégio Cônego José Bento:

- Menos de 1 ano
 1 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 acima de 15 anos

8) Leciona em outra(s) escolas no momento?

Sim

Não

9) Exerce outra atividade remunerada que não seja na área pedagógica?

Sim. Qual? _____

Não

10) Como você iniciou sua carreira de professor(a)?

Sempre foi o meu primeiro plano de carreira

Sempre desejei ser professor, mas não como primeira opção, devido as dificuldades estruturais e financeiras da profissão

Ingressei na área como forma de complementar a minha renda

Não planejei, mas houve uma oportunidade e resolvi experimentar

Outra razão: _____

11) Dos conhecimentos/saberes apreendidos na formação profissional, qual julga mais importante na sua prática docente?

Conhecimento adquirido nas disciplinas da minha graduação

Conhecimento adquirido nos estágios e práticas durante na faculdade.

Conhecimento adquirido no mercado de trabalho atuando profissionalmente

Conhecimento adquirido no dia a dia em sala de aula ou durante as aulas práticas com os alunos

Conhecimento adquirido por meio de cursos de atualização e capacitação profissional

Outro: _____

12) Você relaciona sua disciplina com o mundo do trabalho?

Raramente, pois tenho a preocupação de passar primeiro os conhecimentos/saberes teóricos e práticos necessário para a formação profissional.

Às vezes, pois tenho a preocupação de passar primeiro os conhecimentos/saberes teóricos e práticos necessário para a formação profissional.

Quase sempre, pois tenho a preocupação de passar ao mesmo tempo sempre que possível os conhecimentos/saberes teóricos e práticos necessário para a formação profissional.

Sempre, pois tenho a preocupação de passar ao mesmo tempo os conhecimentos/saberes teóricos e práticos necessário para a formação profissional.

13) Sua opinião em relação ao ensino técnico integrado ao ensino médio é:

Uma associação interessante, pois além do preparo para o mercado de trabalho, o aluno tem uma educação de qualidade para prosseguir nos estudos.

O aluno é preparado para o mercado de trabalho, mas o conteúdo geral fica prejudicado.

O conteúdo profissional técnico é superficial e portanto, não prepara para o mundo do trabalho.

O aluno do ensino médio não está preparado o suficiente para fazer uma escolha de carreira, devido a pouca idade de ingresso.

Outra: _____

14) As relações das disciplinas gerais com as disciplinas técnicas ocorrem de forma:

- Totalmente desconectada
- Conectada, mas com pouca interação
- Muito conectada

15) Em relação ao currículo de sua disciplina no curso técnico de agropecuária, como você percebe este conteúdo?

- Percebo que o conteúdo está adequado e **raramente** vejo a necessidade de realizar adaptações de acordo com o perfil da turma para qual vou lecionar.
- Percebo que o conteúdo está adequado e vejo **às vezes** a necessidade de realizar adaptações de acordo com o perfil da turma para qual vou lecionar
- Percebo que o conteúdo está adequado e vejo com **bastante frequência** a necessidade de realizar adaptações de acordo com o perfil da turma para qual vou lecionar.
- Percebo que o conteúdo está adequado e **sempre** vejo a necessidade de realizar adaptações de acordo com o perfil da turma para qual vou lecionar, independentemente da idade e de conhecimentos prévios trazidos pelos alunos.

16) Qual a contribuição da sua disciplina na formação dos alunos do ensino técnico integrado ao médio?

- Foco no preparo o mercado de trabalho
- Conteúdo necessário para prosseguir nos estudos
- Preparo para a cidadania através de valores e atitudes
- Todas as alternativas

Justifique sua resposta: _____

17) O seu contato com a escola Cônego José Bento é:

- Exclusivamente profissional, mas satisfatório
- Profissional e insatisfatório
- Além de profissional, pessoal, pelo alto valor afetivo
- Afetivo, mas insatisfatório profissionalmente

18) Você classifica a estrutura física da Etec Cônego José Bento em relação ao curso de agropecuária:

- Muito satisfatória
- Satisfatória
- Parcialmente satisfatória
- Pouco satisfatória
- Não satisfatória

19) Quanto a estrutura pedagógica, você classifica o Colégio Cônego José Bento como:

- Muito satisfatória
- Satisfatória
- Parcialmente satisfatória
- Pouco satisfatória
- Não satisfatória

20) Como você classifica seu relacionamento com:

Os alunos:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

A coordenação:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

A direção:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

Os ex-alunos:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório
- Não tenho contato

Os funcionários:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

Os demais colegas de trabalho:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

21) Como você avalia especificamente os alunos que ingressam e se formam no curso técnico em agropecuária?

22) Como se autoavalia enquanto professor nas turmas de ensino técnico integrado ao ensino médio?

APÊNDICE C

Questionário Ex-alunos

I. Dados Pessoais

1) Idade

- () 30 a 35 anos
 () 36 a 40 anos
 () 41 a 45 anos
 () 46 a 50 anos
 () acima de 50 anos

2) Gênero

Sexo: () Masc. () Fem.

3) Ano de conclusão do curso técnico em agropecuária: _____

4) Moradia

Cidade: _____

Estado: _____

II. Dados Socioeconômicos

5) Trabalha atualmente? () Sim () Não

Em que trabalha? _____

Cargo: _____

6) Moradia () Zona rural () Zona urbana

7) Tem propriedade rural? () Sim () Não

8) A renda familiar provém na sua maioria da:

- () Agricultura familiar
 () Emprego urbano assalariado
 () Emprego rural assalariado
 () Cargo público
 () Emprego informal (autônomo)
 () Empreendedor ou empresário
 () Outro. Qual? _____

III. Dados Culturais

9) Em relação ao ensino superior:

- () Iniciei, mas não conclui
 () Não iniciei, nem pretendo
 () Não iniciei, mas pretendo
 () Conclui. Curso: _____

- 10) Fez algum curso de formação após a conclusão do curso técnico em agropecuária?
 Sim, na área agrícola
 Sim, em outra área de conhecimento
 Não
- 11) Sua perspectiva ao escolher o curso técnico em agropecuária foi:
 Ingressar no mercado de trabalho.
 Aplicar os conhecimentos adquiridos no empreendimento rural da família
 Obter uma experiência prévia específica, objetivando prosseguir o curso da área em nível superior
 Almejar um empreendimento rural próprio
 Outra razão
 Qual? _____
- 12) O objetivo descrito anteriormente foi concretizado?
 Sim Não
 Porquê? _____
- 13) Quais as dificuldades enfrentadas em relação as aulas do curso técnico?
 Aulas técnicas teóricas
 Aulas técnicas práticas
 Associação entre aulas teóricas e práticas
 As disciplinas de ensino médio
 Não tive dificuldade
 Outro(s): _____
- 14) Durante o curso técnico em agropecuária, o maior empecilho foi:
 Ser horário integral, o que impedia de trabalhar
 Falta de encaminhamento profissional, como estágio supervisionado
 Distância da minha casa ao colégio
 Conteúdo técnico superficial
 Falta de compromisso dos alunos
 Despreparo dos professores
 Outro(s): _____
- 15) Qual a importância dos estudos para você?
 Autoconhecimento
 Autoestima
 Profissionalização
 Diploma para prosseguir em nível superior
 Outra. Qual? _____
- 16) Em sua opinião, as contribuições do curso técnico em agropecuária para a realidade socioeconômico do Vale do Paraíba atualmente, são:
 Totalmente
 Parcialmente
 Não atende
 Não sei dizer
 Porquê? _____

17) Você se identificou com o curso técnico?

- Totalmente
 Parcialmente
 Pouco

Porquê? _____

18) As disciplinas tratadas no curso técnico lhe possibilitaram um conhecimento em agropecuária de maneira:

- Muito satisfatória
 Satisfatória
 Parcialmente satisfatória
 Pouco satisfatória
 Não satisfatória

Porquê? _____

19) O que o curso acrescentou para a sua vida?

- Formação profissional
 Formação geral (valores, princípios e conteúdo técnico)
 Conhecimento básico para prosseguir nos estudos
 Outra: _____

20) Dos fatores abaixo, mencionar aquele que está relacionado com a sua opção pelo curso:

- Influência da família
 Inserção no mercado de trabalho
 Desenvolvimento de uma carreira na área
 Influência dos amigos
 Conhecimento de profissionais que atuavam na área
 Interesse de prosseguir os estudos na mesma área em nível superior
 Remuneração
 Outro(s). Qual (is)? _____

21) A sua percepção sobre o mercado de trabalho na área de agropecuária é a mesma de quanto se graduou? Justifique.

APÊNDICE D

Questionário Funcionários

I. Dados Pessoais

1) Idade

- 20 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos
 acima de 50 anos

2) Gênero

Sexo: Masc. Fem.

3) Cargo Ocupado: _____

4) Regime trabalhista

- Contrato por tempo determinado
 Contrato por tempo indeterminado
 Concursado
 Terceirizado

5) Escolaridade

- 1º grau incompleto
 1º grau completo
 2º grau incompleto
 2º grau completo
 Superior incompleto
 Superior completo

6) Quanto tempo trabalha no Colégio Cônego José Bento?

- menos de 1 ano
 1 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 Acima de 15 anos

II. Dados Socioeconômicos

7) Exerce outra atividade remunerada?

- Sim, formalmente
 Sim, informalmente
 Não

8) Moradia

- Na cidade de Jacareí, zona rural
 Na cidade de Jacareí, zona urbana
 Outra cidade, zona urbana
 Outra cidade, zona rural

III. Dados Culturais

9) Você se identifica com a sua função?

- Totalmente
 Parcialmente
 Pouco me identifico
 Não me identifico

Porquê? _____

10) Considerando a sua permanência na escola, avalia o seu relacionamento com:

Os alunos:

- Muito satisfatório
 Satisfatório
 Parcialmente satisfatório
 Pouco satisfatório
 Não satisfatório

Comentários: _____

A coordenação :

- Muito satisfatório
 Satisfatório
 Parcialmente satisfatório
 Pouco satisfatório
 Não satisfatório

Comentários: _____

A direção:

- Muito satisfatório
 Satisfatório
 Parcialmente satisfatório
 Pouco satisfatório
 Não satisfatório

Comentários: _____

Os ex-alunos:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório
- Não tenho contato

Comentários: _____

Os professores:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

Comentários: _____

Os demais colegas de trabalho:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Parcialmente satisfatório
- Pouco satisfatório
- Não satisfatório

Comentários: _____

11) A sua relação com o colégio agrícola é:

- Exclusivamente profissional e satisfatória
- Pessoal. Tem um valor afetivo, além do profissional.
- Nem pessoal, nem profissional. Não gosto do que faço
- Outro: _____

12) Em sua opinião o curso técnico integrado ao ensino médio no colégio agrícola de Jacareí oferece uma formação de qualidade aos alunos?

Sim

Não

Justifique _____

13) Com relação a infraestrutura(salas de aula, laboratórios, sala dos professores, biblioteca etc), as condições existentes são:

Muito satisfatório

Satisfatório

Parcialmente satisfatório

Pouco satisfatório

Não satisfatório

Comentários: _____

14) Outras considerações que julgar necessárias

APÊNDICE E

Temáticas abordadas durante a entrevista semiestruturada

Diretora

1) Carreira

- ✓ Formação Acadêmica
- ✓ Plano de carreira
- ✓ Experiência na Etec Cônego José Bento

2) Opiniões sobre:

- ✓ ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio)-identificar a percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio.
- ✓ O curso técnico em Agropecuária quanto à incorporação de conteúdos apreendidos na construção de projetos para o futuro profissional da área.
- ✓ Empregabilidade do curso técnico em agropecuária (relação de procura e oferta no mercado de trabalho do Vale do Paraíba e mais especificamente da cidade de Jacareí).

3) Perfil de alunos que procuram o curso de agropecuária:

- ✓ Expectativas de futuro na área (significado do trabalho para o estudante do curso).
- ✓ Perspectiva de continuar os estudos em nível superior.
- ✓ Dos alunos que não optam pela carreira técnica, qual a relação dessa escolha com a remuneração ou com a ausência de status (muitas vezes atribuída ao ensino superior)?
- ✓ Qual a relação dos alunos com a agricultura familiar, de que forma e em que proporção essa relação influencia na escolha pelo curso?
- ✓ O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?
- ✓ O sonho do agribusiness e a intensa propaganda das oportunidades no agronegócio atingem e influenciam os alunos do curso de agropecuária?
- ✓ O curso de Agropecuária se diferencia dos demais cursos oferecidos pela escola?
- ✓ A história e tradição de 80 anos da escola na formação agrícola exerce alguma influência nos alunos ou na comunidade de uma forma geral?
- ✓ Espaço para considerações que julgar necessárias

APÊNDICE F

Coordenadora Pedagógica

1) Carreira

- ✓ Formação Acadêmica
- ✓ Plano de carreira
- ✓ Experiência na Etec Cônego José Bento

2) Opiniões sobre:

- ✓ ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio)-identificar a percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio.
- ✓ O curso técnico em Agropecuária quanto à incorporação de conteúdos (teóricos e práticos) apreendidos na construção de projetos para o futuro profissional da área.
- ✓ O currículo do curso de agropecuária contempla de forma significativa o ensino regular e o ensino técnico?
- ✓ Quanto à estrutura pedagógica e a estrutura física da Etec Cônego José Bento, atende as necessidades de aprendizagem?
- ✓ O horário integral é bem distribuído e justificável?
- ✓ O aluno de agropecuária tem peculiaridades em relação aos demais estudantes de outros cursos? Justifique.
- ✓ Qual o perfil do aluno de agropecuária integrado ao ensino médio?(visam à continuação dos estudos em nível superior, vem da agricultura familiar, pretendem ingressar no mercado de trabalho, enfim...)?
- ✓ Dê que forma a escola promove, através de projetos ou outras fontes pedagógicas, a incorporação de assuntos da atualidade como: sustentabilidade, agroecologia, orgânicos, agronegócio e outros temas pertinentes?
- ✓ O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?
- ✓ A história e tradição de 80 anos da escola na formação agrícola exerce alguma influência nos alunos ou na comunidade de uma forma geral?
- ✓ A escola contribui para a inserção dos alunos do curso de agropecuária no mercado de trabalho? Justifique.
- ✓ Espaço para considerações que julgar necessárias

APÊNDICE G

Coordenador do curso técnico em agropecuária
--

- 1) Carreira
 - ✓ Formação Acadêmica
 - ✓ Plano de carreira
 - ✓ Experiência na Etec Cônego José Bento

- 2) Opiniões sobre:
 - ✓ ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio)-identificar a percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio. O ensino regular e técnico são contemplados de forma significativa? O horário integral é bem distribuído e justificável?
 - ✓ Quanto à estrutura pedagógica e a estrutura física da Etec Cônego José Bento, atende as necessidades de aprendizagem?
 - ✓ Empregabilidade do curso técnico em agropecuária (relação de procura e oferta no mercado de trabalho do Vale do Paraíba e mais especificamente da cidade de Jacareí).

- 3) Perfil de alunos que procuram o curso de agropecuária:
 - ✓ Expectativas de futuro na área (significado do trabalho para o estudante do curso).
 - ✓ Perspectiva de continuar os estudos em nível superior.
 - ✓ Dos alunos que não optam pela carreira técnica, qual a relação dessa escolha com a remuneração ou com a ausência de status (muitas vezes atribuída ao ensino superior)?
 - ✓ O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?
 - ✓ O sonho do agribusiness e a intensa propaganda das oportunidades no agronegócio atingem e influenciam os alunos do curso de agropecuária?
 - ✓ A tradição de 80 anos da escola na formação agrícola exerce alguma influência nos alunos ou na comunidade de uma forma geral?
 - ✓ De que forma a escola contribui para a inserção dos alunos no mercado de trabalho? Porque o estágio supervisionado não é obrigatório no curso de agropecuária? Seria interessante, em sua opinião? Qual a proporção de alunos por vaga oferecida no mercado?
 - ✓ A tecnologia na agropecuária diferencia o aluno de hoje dos alunos de outras gerações. Quais os aspectos positivos e negativos (máquinas substituindo pessoas, por outro lado mais valorização e necessidade de mão de obra qualificada)?
 - ✓ 2/3 do crescimento agrícola se deve a incorporação da tecnologia, que nem sempre é incorporada na agricultura familiar, isso não só compromete o desempenho, mas ameaça a sobrevivência desse setor. Por outro lado pesquisas mostram que a escolaridade está diretamente relacionada à produtividade. Dessa forma, qual o papel da formação do técnico em agropecuária junto à agricultura familiar e de que forma esse conhecimento vem sendo aproveitado no sentido de garantir a perpetuação do pequeno proprietário?
 - ✓ O aluno tem consciência das questões ecológicas, assuntos como sustentabilidade e necessidade de preservação ambiental? Ele pode ser considerado um precursor dessas ideias?
 - ✓ De que forma o curso pode ser útil para os alunos que optarem pelo ingresso no nível superior na área agrícola (zootecnia, veterinária, topografia, agronomia, etc)?
 - ✓ Espaço para considerações que julgar necessárias

APÊNDICE H

Orientador Vocacional

- 1) Carreira
 - ✓ Formação Acadêmica
 - ✓ Plano de carreira
 - ✓ Experiência na Etec Cônego José Bento

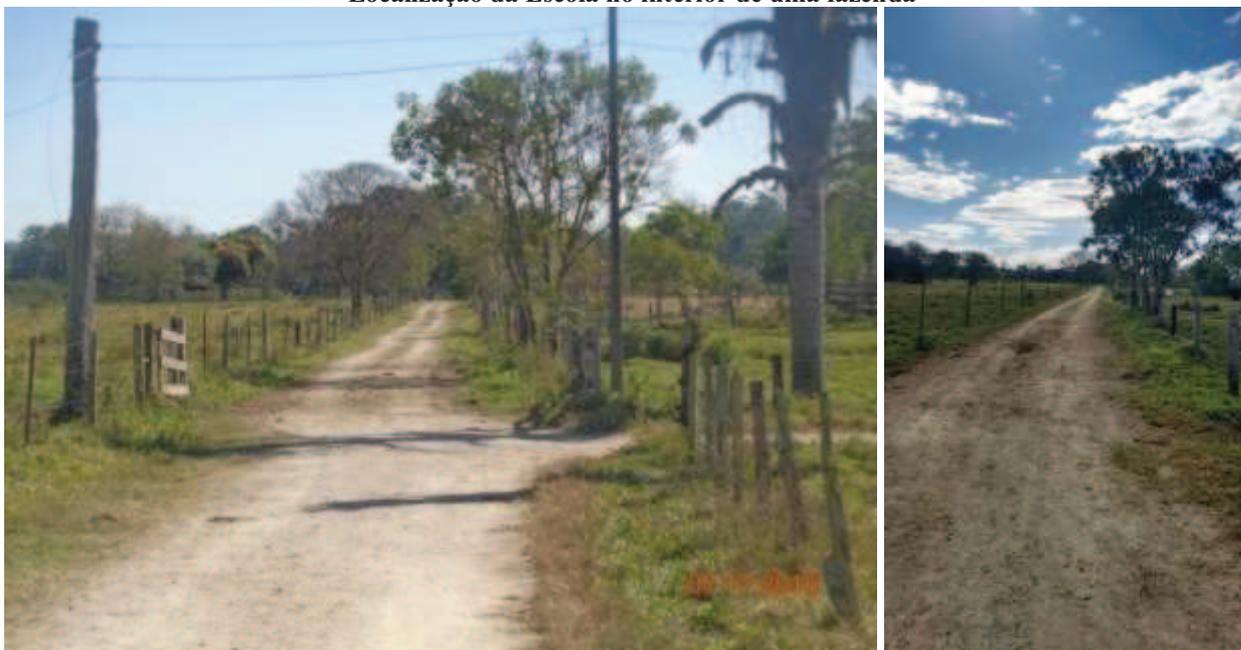
- 2) Opiniões sobre:
 - ✓ ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio)-identificar a percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio. O ensino regular e técnico são contemplados de forma significativa? O horário integral é bem distribuído e justificável?
 - ✓ O curso técnico em Agropecuária quanto à incorporação de conteúdos (teóricos e práticos) apreendidos na construção de projetos para o futuro profissional da área.
 - ✓ Quanto à estrutura pedagógica e a estrutura física da Etec Cônego José Bento, atende as necessidades de aprendizagem?
 - ✓ Empregabilidade do curso técnico em agropecuária (relação de procura e oferta no mercado de trabalho no Vale do Paraíba e mais especificamente da cidade de Jacareí).

- 3) Perfil de alunos que procuram o curso de agropecuária:
 - ✓ Expectativas de futuro na área (significado do trabalho para o estudante do curso).
 - ✓ Perspectiva de continuar os estudos em nível superior.
 - ✓ Dos alunos que não optam pela carreira técnica, qual a relação dessa escolha com a remuneração ou com a ausência de status (muitas vezes atribuída ao ensino superior)?
 - ✓ Qual a relação dos alunos com a agricultura familiar, de que forma e em que proporção essa relação influencia na escolha pelo curso?
 - ✓ O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?
 - ✓ O curso de Agropecuária se diferencia dos demais cursos oferecidos pela escola?
 - ✓ De que forma a escola contribui para a inserção dos alunos no mercado de trabalho? Porque o estágio supervisionado não é obrigatório no curso de agropecuária? Seria interessante, em sua opinião? Qual a proporção de alunos por vaga oferecida no mercado?
 - ✓ Como é feita a seleção das vagas para as instituições e como a escola faz essa intermediação?
 - ✓ O aluno tem consciência das questões ecológicas, assuntos como sustentabilidade e necessidade de preservação ambiental? Ele pode ser considerado um precursor dessas ideias?
 - ✓ De que forma o curso pode ser útil para os alunos que optarem pelo ingresso no nível superior na área agrícola (zootecnia, veterinária, topografia, agronomia, etc)?
 - ✓ Como orientador educacional e tendo os alunos do ensino técnico de nível médio pouca idade, eles apresentam maturidade para escolher uma carreira? Eles mostram essa convicção? Dê que forma a orientação vocacional pode auxiliá-los?
 - ✓ Espaço para considerações que julgar necessárias

APÊNDICE I

Características de uma Fazenda-Escola. Fotos da Etec Cônego José Bento, Jacareí, SP

Localização da Escola no interior de uma fazenda



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Pocilgas e maternidade suína, onde são realizadas as aulas práticas associadas à suinocultura



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Estábulo, onde são realizadas as aulas práticas associadas à bovinocultura



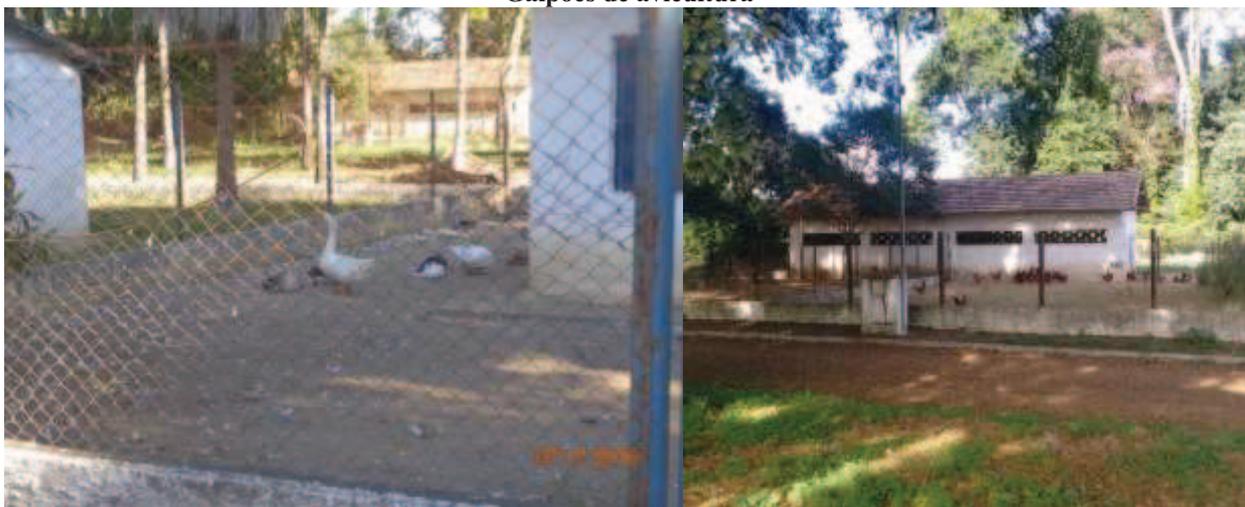
Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Espaço das salas de aulas onde ocorrem as aulas técnicas teóricas e as aulas regulares correspondentes ao ensino médio



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Galpões de avicultura



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Atividades ligadas à agricultura



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Criação de caprinos e galpões de cunicultura



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Utilização de maquinários agrícolas (tratores)



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Espaços pedagógicos (Biblioteca e Sala de Informática)



Fonte: Pesquisadora, 2016 e 2017

Comemoração dos 80 anos da Etec Cônego José Bento



Fonte: Pesquisadora, 2016

ANEXO A

Entrevista com a diretora

Pesquisadora: Fale um pouco sobre sua formação acadêmica, plano de carreira e experiência na Etec Cônego José Bento.

Entrevistada: Eu estou aqui na Etec desde 2005 mais ou menos. Início de 2005. Comecei como diretora acadêmica, que na época era assistente técnica diretiva. Já tinha uma experiência em educação em outras escolas, privadas. Aqui no Centro Paula Souza realmente foi uma realidade nova pra mim, com ensino público e fiquei no acadêmico até 2010. Em novembro de 2010 eu tive a oportunidade, em caráter de substituição, de assumir a gestão da escola e desde então estou aqui, completando meu segundo mandato na gestão da escola agrícola de Jacareí. Uma experiência muito enriquecedora, porque vou pensar assim, na minha área de formação, eu sou pedagoga, com especialização na gestão da educação profissional e avaliação pública, inclusive de uma oportunidade pelo Centro Paula Souza que eu pude fazer pela Federal de Juiz de Fora. E assim, é uma experiência riquíssima porque você se depara com uma realidade completamente diferente da qual eu vivi em escola privada. A instituição pública tem outro olhar no aspecto social, no aspecto educacional, enfim, totalmente diferente e isso me engrandece muito e eu consegui aprender muita coisa no acadêmico que foi muito importante quando eu assumi a gestão, embora falando um pouquinho da minha experiência aqui, com a diretora na época, eu pude aprender muita coisa também. Ela sempre muito atuante, tinha muito que sair e ficar mais fora por conta de reuniões, sempre com o olhar na Etec, mas fora. Então, eu não deixei de fazer esse papel de gestão da escola como um todo na ausência dela. Eu consegui adquirir essas experiências no dia a dia aqui na escola mesmo, vivendo esse mundo acadêmico que é a secretaria mais essa gestão da escola como um todo. Voltando nessa questão de quando eu assumi a gestão, eu estava muito envolvida com a escola por conta dos anos que eu já estava e pelo relacionamento e as atividades que de um modo geral eu já praticava. Isso só veio agregar conhecimentos e valores ao longo desses anos que eu estou como eu disse no meu segundo mandato.

É uma escola bastante complexa. Eu acho que ela não é muito diferente das demais, mas é que a de Jacareí precisamente, ela é um pouco especial, por ser uma escola agrícola, é uma fazenda, está localizada no centro do município, em uma área urbana e tem uma característica muito diferente de todas as demais escolas da cidade. É uma escola renomada, muito reconhecida na sociedade, eu diria na região, por que ela tem um histórico, uma tradição. Eu tenho muito orgulho de estar aqui. Não é fácil, você vem imaginando que é uma diretora de escola e o que passa pela cabeça: “Eu vou cuidar dos cursos, fazer a gestão dessa questão acadêmica, pedagógica” e na verdade quando você se depara com uma escola agrícola não é bem por aí. Você não tem só os cursos, só os professores. Você tem todo um contexto de fazenda, são os animais, você tem a manutenção, tem o gerenciamento das pessoas, porque você lida não só com os professores, não é só com os funcionários administrativos. Você lida com profissionais e funcionários braçais, de manutenção. Então, você se depara assim: “Minha agenda hoje é verificar se o plano de trabalho docente está em execução de acordo... atendendo o plano de curso ou acompanhar a aula ou fazer uma reunião com a coordenação” e de repente você olha pra sua agenda e não é nada disso, um gado ou uma porca está parindo, quebrou um encanamento na fazenda, um cano entupiu. Então, são coisas que fazem a diferença aqui dentro, mas que não fogem desse olhar de educação, de projetos que nós desenvolvemos, porque tudo faz parte. Essa vaquinha que pulou a cerca e fugiu, porque ela é um objeto de estudo. Existe uma preocupação com relação a isso. O cano que estourou faz parte por quê? Porque nossos alunos desenvolvem projetos na fazenda e eu preciso que lá, que é um laboratório pra eles, esteja tudo dentro da conformidade para as aulas práticas. Então, é todo um contexto, muito complexo, que

não fica só em sala de aula, lousa, giz, professor e hoje, com as ferramentas e os recursos que nós temos, graças a Deus, em todas as salas, com recursos de mídia. É muito interessante e ao mesmo tempo de grande valor as experiências que aqui nós adquirimos.

Esse é um breve relato de muitas coisas que se eu fosse falar pra você, teríamos que ter horas, do que já vivenciei aqui e o que eu presencio no dia a dia. Todo dia é um dia diferente aqui, mas é um dia que enriquece e que cada vez mais eu tenho orgulho.

Pesquisadora: Qual sua percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio?

Entrevistada: Para nós, eu vou ser sincera com você, no começo eu fiquei um pouco preocupada e a escola como um todo também. É interessante porque nós tínhamos um público para os cursos técnicos. Porque o ETIM, o nosso ensino integrado, ele é um curso de qualificação profissional, certo? Mas o público era outro. Então, nos percebíamos que até as aulas eram diferenciadas. Nesse sentido, por conta de serem um público diferenciado, algumas pessoas mais maduras, era bem heterogêneo, mais tinha, inclusive a dinâmica das aulas, não a qualidade. Eu não coloco aqui e não discuto a questão da qualidade, a excelência das aulas, elas se mantêm, o que eu falo é o perfil de aluno, o perfil é outro. Hoje nos estamos recebendo alunos aqui com 16 anos, com 15 anos e até 14, né? Porque ele sai do 9º ano e ingressa. Então, pensa: um aluno com 14 anos numa escola como esta, profissionalizante e que ele ainda está perdido com aquilo que ele quer! Então, tudo pra nós foi muito novo. Eu fiquei um pouco assustada nesse sentido, de como seria esse aluno com 14 anos aqui dentro da escola, em que nós tínhamos outra realidade. Nós começamos com Administração, que nós sempre falamos aqui, que é um curso meio que “carro chefe”. Administração vai pra tudo, né? Atende todas as áreas e na sua implantação eu classifiquei, não sei se vou usar a palavra correta, mas é mais fácil para você lidar, para implantação e realmente ele foi. Ele foi um curso que nos deu condições de ter uma visão de como seria se implantássemos os demais, embora ele seja um curso completamente diferente, porque cada curso tem a sua metodologia, a sua dinâmica, tem a sua característica, inclusive o perfil de alunado, que também é diferente para cada curso, mas ele nos trouxe essa condição de olhar como seria a implantação dessa modalidade aqui e no fim deu tudo muito certo e devagarinho eu fui colocando, acho que no ano seguinte ou dois anos depois, eu não me recordo, eu implantei o Meio Ambiente, depois o curso de Agropecuária, porque era necessário o curso de Agropecuária, porque nós não tínhamos mais o alunado maduro, esse novo perfil, essa nova proposta do Governo de trazer o ETIM, o integrado ao Ensino Médio. Então, vamos trazer o curso de agropecuária, nós temos uma fazenda, um laboratório vivo aqui. Vamos aproveitar esse curso e trazer esses jovens para conhecer e desenvolver as suas habilidades dentro desse aspecto do segmento da agropecuária e com isso implantamos a Administração, que foi o curso chefe, que foi o piloto e fluiu bem. Foi muito importante pra nós essa experiência, deu muito certo, nós tentamos no começo dinamizar bastante a questão do ensino médio com as aulas específicas e fluiu. Entendemos que era possível a implantação dos demais cursos até porque também era a proposta do Governo, que se tirasse o ensino médio e ficasse apenas o integrado e assim foi. Devagarinho implantando. Implantei o Meio Ambiente e em seguida o curso de Agropecuária, que também foi muito positivo. Nós achávamos, com os alunos muito jovens, como que seria? Mas eles também caminharam. Há uns anos atrás já existia a habilitação plena, na minha época já existia, mas ela tinha uma modalidade um pouquinho diferente. Ela tinha alguns segmentos, a estrutura um pouco diferente dessa, do ETIM integrado, mas fluiu muito bem. Depois, por último eu implantei o curso de Química, então o que eu fiz? Eu coloquei os cursos que nos oferecíamos no período diurno na modalidade integrada. Hoje acabou o Ensino Médio, então realmente a nossa escola ficou com a sua característica de escola profissionalizante, que é o métier do Centro Paula Souza e que é o nosso: profissionalizar os

alunos. E o curso de agropecuária, que inclusive é o seu objeto de estudo, como eu disse, está em uma escola fazenda, nos temos todo esse laboratório vivo aqui, rico, eu falo isso e com muito orgulho, porque as universidades nos procuram para poderem desenvolver as aulas dos cursos de veterinária (específico aqui), porque eles não têm. Eu tenho parcerias com universidades que vêm para cá para poder ter aulas como os alunos e isso é muito enriquecedor também, porque os nossos alunos do agropecuária conseguem trocar experiências e vivências de aulas práticas com alunos da veterinária, da universidade e isso estimula. É interessante e é até uma fala da coordenadora, acho que foi da São Judas Tadeu, uma das nossas parceiras, ela falou assim: “Nossa! Nossos alunos vão embora levando experiências dos alunos daqui, no sentido de projetos que eles desenvolvem”, porque às vezes a faculdade não tem isso. E nós sabemos que o técnico é muito mais específico, com algumas particularidades do curso de formação e isso até enriquece os conhecimentos e o currículo do aluno. Veja só, o nível de ensino dos nossos alunos! É muito bacana e é claro, vice-versa, porque eles desenvolvem e aprofundam, vamos dizer assim, muito mais o currículo deles por conta da graduação, mas agrega conhecimentos para os nossos alunos porque quando eles saem da prática e vão para a teoria, eles associam isso tudo e fora as aulas que aqui acontecem. Então, tudo isso é muito enriquecedor.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a empregabilidade do curso técnico em agropecuária (relação de procura e oferta no mercado de trabalho no Vale do Paraíba e mais especificamente na cidade de Jacareí).

Entrevistada: Eu vou falar uma coisa pra você, tem. Jacareí tem uma área bem grande rural, inclusive eu acompanho e participo de grupos da gestão atual da secretaria de desenvolvimento, da área da agricultura e isso se discute muito, porque tem emprego. O que ocorre às vezes, é que o aluno, até por uma característica da idade, enfim e de promoção da sua própria vida, dessa evolução curricular, o ETIM, aí está o problema, voltando a sua fala, de mercado, de empregabilidade e como foi isso pra gente. Antes nos tínhamos muito mais aluno estagiando ou até mesmo ainda em curso já conseguindo oportunidades de emprego, de contratação, porque eles trabalhavam meio período e estudavam meio período e tinham um período maior para trabalhar, estagiar. Com o integrado isso dificultou porque o aluno passa o dia aqui. Então, quando você fala dessa empregabilidade, embora estatisticamente os nossos alunos, eu diria pra você, que nos temos um percentual que eu considero até bem considerável, por ser um curso em que o aluno passa o dia todo. Eu tenho alunos estagiando, mas é lógico, isso diminuiu no curso. E ele tem as atividades pra fazer em casa, porque tem o curso técnico e tem o ensino médio, ou seja, aquelas atividades do ensino médio, elas acontecem e os professores aqui realmente desenvolvem e cobram os alunos. Porque nos não trabalhamos somente com a parte profissionalizante, nós trabalhamos como a outra formação que é a integrada. Nós preparamos esses alunos para o mercado de trabalho, mas também para o segmento dos estudos, para os vestibulares. Então, resumindo essa questão da dificuldade desses alunos de ingressar no mercado de trabalho é por conta desse tempo que ele se dedica para a escola, além das horas que ele precisa para os seus estudos da base comum, do Ensino Médio. Esse aluno não tem condição dessa empregabilidade, mas nós ainda temos alunos que estudam e tem a oportunidade de estágio, mas nós preparamos esse aluno para os vestibulares. Então, o que acontece? Esse aluno termina o ETIM, o percentual, eu diria, 90% , se não for mais, 95%, saem daqui já ingressando para as universidades, para o curso de graduação e aquele que não, é por uma necessidade socioeconômica, aí ele não consegue porque precisa sustentar a casa, auxiliar nos deveres ou por que não consegue fazer uma graduação, mas isso é um percentual muito pequeno, na maioria ingressam direto para a faculdade. Você fala de mercado de trabalho, tem aqui em Jacareí, mas muitas vezes não há interesse do aluno porque ele quer focar no conhecimento específico, quer se qualificar, mas ele quer se preparar para os vestibulares, na maioria dos nossos alunos e eu

diria até nos demais, porque é a faixa etária, né. O aluno está se preparando para dar o segmento dele nos estudos.

Pesquisadora: Dos alunos que não optam pela carreira técnica, qual a relação dessa escolha com a remuneração ou com a ausência de status (muitas vezes atribuída ao ensino superior)?

Entrevistada: Acho que não. O que ocorre é a busca de ascensão profissional, plano de carreira. Os alunos da Etec são diferenciados, sem desmerecer nenhum outro, mas os nossos alunos são selecionados, eles já se auto selecionam no processo de Vestibulinho. Quem vem ou quem vai para uma Etec é aquele que quer estudar, quer se preparar, quer buscar carreira. É aquele que já sabe que vai terminar o ensino médio, falando do ETIM, com o ensino médio, mas já com uma profissão que vai dar continuidade nessa carreira, nessa ascensão nele dentro desse segmento. É muito difícil o aluno que esteja perdido nesse contexto. Tem, mas é muito pouco.

Pesquisadora: Qual a relação dos alunos com a agricultura familiar, de que forma e em que proporção essa relação influencia na escolha pelo curso?

Entrevistada: Nós temos, não seriam todos, um percentual um pouco menor. Nós temos alunos do curso de agropecuária que tem essa realidade, já vem meio de berço, né, mas não param de estudar. Eles vêm exatamente pra isso. Salvo aquele percentual que eu te falei, que é baixo, eu considero, porque a maioria vai para a graduação. Nesse caso, ele faz, se prepara, qualifica e vai lá ajudar o pai na roça, na fazenda, no sítio, nós temos esses casos, mas é pouco. Aí é por uma necessidade familiar, socioeconômica ou muitas vezes porque o negócio dele é por a mão na enxada mesmo, não é ficar em cima de livros, não é ficar fazendo pesquisa, ele gosta mesmo disso, de ir lá e pegar o gado, de ir lá à roça e plantar naquilo que é seu, que é do seu pai e dar continuidade nessa questão da agricultura familiar.

Pesquisadora: O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?

Entrevistado: A evasão do ETIM é baixa, é aluno do ensino médio, né. Essa faixa etária do aluno de ensino médio é faixa etária que tem que estar dentro da escola. Então, ele busca, já que tem que estar dentro da escola, aquilo que ele tem pelo menos um pouco de afinidade, ou ele tem totalmente ou ele tem um pouco. Ele vai passar três anos, vamos falar de agropecuária, tendo que ficar lá, pegando na enxada, pegando um animal, ele tem que no mínimo ter uma afinidade com animal, com a terra, com a planta, não tem jeito. Eu diria pra você o seguinte, é um pouco por conta da afinidade com a área que ele buscou, mas também porque o ensino médio é uma característica da idade e o ensino é obrigatório. E voltando a questão da seleção, você meio que auto seleciona o seu público, o seu alunado. Ele veio porque é aqui que ele quer estudar. Então a evasão ocorre por quê? Ela só vai ocorrer se for por uma questão de mudança, de transferência ou porque ele pensou quando fez a inscrição para agropecuária que era tudo que ele queria porque ele tem um animal de estimação em casa, então ele acha que é apaixonado por animal e daí ele vem aqui e vivência a realidade, já aconteceu e acontece dele se deparar: “Peraí, eu não quero pegar numa enxada, eu não quero fazer uma inseminação, eu não quero dar uma vacina, eu gosto de cachorro, eu não sabia que tinha que fazer tudo isso. Pronto, não é isso que eu quero”. Mas isso é raro, eu falo pra você que de um ou dois anos, um caso aconteceu esporadicamente. Na maioria das vezes a saída é por uma transferência de município, familiar, enfim, é nesse contexto.

Pesquisadora: O sonho do agribusiness e a intensa propaganda das oportunidades no agronegócio atingem e influenciam os alunos do curso de agropecuária?

Entrevistada: Não, na verdade eu acho que isso agrega mais informações para eles. Eu já ofereci aqui à noite o agronegócio e a demanda foi... Infelizmente eu não tive sucesso e ela foi oferecida para os alunos que fizeram agropecuária, como extensão. Agora eu digo pra você assim, nesse contexto para o ETIM, isso agrega informações, conhecimentos, isso não se perde não. Eles, inclusive acabam aprendendo isso, porque faz parte do currículo, eles precisam entender, porque não é só fazer, agora o que eu vou fazer com aquilo que eu produzir, eu tenho o manejo e agora o que eu faço pós? Manejo, produção e resultado e o que eu vou fazer com esse resultado? Isso aí faz parte do plano curricular deles, das bases tecnológicas: “gerenciar”, superficialmente, é óbvio, porque tem curso específico que te direciona pra isso.

Pesquisadora: O curso de Agropecuária se diferencia dos demais cursos oferecidos pela escola?

Entrevistada: O próprio curso já fala, porque ele é agropecuária. Ele não é um curso que você entende como industrial. Eu digo para você que esta escola sempre foi agrícola, é a característica dela, escola fazenda e tudo. Quando foram feitas as implantações dos demais cursos de outros segmentos, eu não digo que ficou dividido, mas por conta do segmento ele acabou se dividindo. Quando eu falo dividindo, eu fico preocupada porque não é dividido, mas é assim... A agropecuária é um curso extremamente específico. Ele é assim: sala e fazenda. A diferença dos alunos é que nos cursos voltados mais para a área industrial, que são os demais cursos que nós oferecemos, os alunos estão ali nos arredores das salas de aula, nos laboratórios, nas proximidades das salas. No curso de agropecuária, os alunos ficam em sala porque eles têm a parte teórica, mas eles estão muito mais com a prática do que dentro de sala. Tem a teoria, mas às vezes a teoria acontece até no próprio local onde eles vão desenvolver a prática. Então, onde é essa prática? Na fazenda, com os projetos de animais de pequeno porte, de médio porte. O próprio aluno de agropecuária, se você fizer uma entrevista com aluno, ele vai dizer que é diferente dos demais. Ele vai dizer que há uma separação, mas na verdade não existe para nós, gestores e coordenadores da escola. Isso está na cabeça dele, porque o aluno de agropecuária muitas vezes não está como os demais alunos que estão de uniforme. Quando muito estão de jaleco. Eles estão de botinão, eles estão de chapelão, eles estão às vezes com alguma ferramenta, instrumentos para poder utilizar, como foice, um rastelo, uma enxada na mão. Eles estão dirigindo trator. Lógico, com a orientação e acompanhamento do professor. Então, isso faz ele se sentir diferenciado dos demais. Na verdade essa separação não existe, essa divisão é do próprio aluno. Porque o corpo docente é da Etec, são os mesmos. O professor dá aula no curso de agropecuária como dá no Meio Ambiente como dá no curso de Química. É lógico que nós temos os professores especialistas. Acho que isso está muito mais na cabeça dos alunos, de acharem que são diferenciados por conta dessas características, pelo perfil do curso. Os nossos alunos aqui são muito calmos, graças a Deus. Se for perguntar se a gente tem problema, em vista do que a gente ouve por aí, não temos. São muito tranquilos. O curso de agropecuária é muito diferenciado, usando a sua fala. E isso é porque eles não ficam muito em sala de aula, eles circulam muito pela escola. Esta é a diferença dos alunos. Você anda pela escola em um dia comum de aula e os alunos estão todos espalhados, porque ou eles estão no vestiário ou estão na fazenda ou na suinocultura ou na cooperativa. Em contrapartida, os alunos do curso de Química, no muito estão no laboratório, que é do lado da sala ou dentro de sala de aula. Essa é a diferença que eles sentem. Eles têm um acesso um pouco mais livre, vamos dizer assim, livre com acompanhamento, mas tem um acesso mais livre dentro da escola, diferente dos outros que estão sentadinhos, recebendo informações ou dentro de um laboratório recebendo uma prática, uma metodologia de aula de laboratório de boas práticas. Essa é a diferença que eles classificam

como sendo “diferentes”. Eles são mais livre porque não ficam naquela coisa padrão, dentro de sala de aula, com todo mundo e com o professor, por conta da dinâmica das aulas.

Pesquisadora: A tradição de 80 anos na formação agrícola exerce alguma influência nos alunos ou na comunidade de uma forma geral?

Entrevistada: Muito, mas porque tem um contexto familiar, porque tem essa questão da agricultura familiar, tem esse contexto de que: “meu pai é fazendeiro, sitiante, roceiro, então eu também sou”. Isso é uma questão cultural. Agora existe muito. Até hoje nós recebemos ex-agricolinos aqui, de “mil, novecentos e bolinha” e que retornam. Por quê? Porque o carinho ficou, tem um pedacinho de vocês aqui dentro. É muito afetivo, é especial. Então, é certo: “Oh, meu filho, você vai estudar lá porque lá é muito especial, fez parte da minha vida” e o aluno vem por quê? “Se fez parte da vida do meu pai eu também quero que faça parte da minha”. E é muito interessante, não porque nós estamos aqui, mas eu sou apaixonada pela escola. Quem bebe dessa água não tem jeito. Nós temos casos que o aluno veio pela influência do pai que fez agropecuária, mas veio pela escola e não pelo curso. A tradição é pela escola e não necessariamente pelo curso. Ela tem essa tradição e faz isso acontecer, essa continuidade na vida das pessoas. Outra tradição é o número bastante expressivo de aprovados em universidades. A gente preza muito pela excelência na qualidade de ensino independente da área profissional, mas no conhecimento geral.

ANEXO B

Entrevista com a coordenadora pedagógica

Pesquisadora: Fale um pouco sobre sua formação acadêmica, plano de carreira e experiência na Etec Cônego José Bento.

Entrevistada: Eu sou formada em administração, com habilitação em comércio exterior. Tenho especialização em Marketing e também acabei de terminar a pós em gestão escolar. Sempre trabalhei em indústria, mais de 10 anos em grandes multinacionais, com logística nacional e internacional, esse era o meu foco. Quando foi em 2008, abriu um curso de logística à noite e a atual diretora na época me conheceu no armazém alfandegário de Jacareí, onde eu fui fazer uma visita técnica e ela (diretora), me pediu um currículo e me convidou para dar aula aqui. Eu vim e fiquei seis meses como contratada para o curso de logística. Prestei o concurso e ingressei na escola. Quando eu ingressei em 2009, eu ainda estava na indústria, no planejamento de produção e logística, quando ela (diretora), me desafiou a assumir a coordenação do ensino médio e eu deixei a indústria e vim pra cá. Na verdade, em 2010, eu fiz a licenciatura pela FATEC de Guaratinguetá, uma oportunidade do Centro Paula Souza. Desde então, eu já passei pela coordenação pedagógica, coordenação do curso de Ensino Médio, administração e logística. Eu ajudei a direção na implantação do ETIM Administração, que foi o primeiro aqui. Quando ela me chamou pra conversar eu era coordenadora do curso e era um desafio novo, nós implantamos, deu muito certo e eu voltei pra coordenação pedagógica o ano passado.

Pesquisadora: Qual sua percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio?

Entrevistada: Eu vou falar pela experiência de agora e pela experiência que eu passei. Eu acho que agora sim o ETIM funciona. Porque na época que eu fiz o técnico, eu sou formada em dois técnicos: secretariado e processamento de dados, eu estudei em duas escolas ao mesmo tempo e na minha época, em 97 mais ou menos, nós tínhamos o primeiro ano com matérias de ensino médio e o segundo e terceiro com matérias de técnico, então nós não saíamos com base de nada de ensino médio. Quem queria médio ia procurar um cursinho, mas eu já tinha o médio, então se eu quisesse ingressar numa faculdade eu ia procurar um cursinho, foi o que eu fiz. Agora ele é completo, tem tanto ensino médio como ensino técnico, contempla os dois e você consegue se formar nos dois com excelência. Não elimina matéria, então, esse sistema de ETIM, eu acho perfeito.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre o curso técnico em agropecuária quanto à incorporação de conteúdos (teóricos e práticos) apreendidos na construção de projetos para o futuro profissional da área.

Entrevistada: O que eu gosto do curso de agropecuária e eu vou falar uma parte bem específica, porque eu acompanho e porque tem a parte de empreendedorismo que é a minha área, ele ensina, falam muito da parte prática, mas a parte teórica numa administração de fazenda tem todo o conhecimento pra essa parte teórica. Tem a parte de empreendedorismo, de construção de projetos, análise de área, planejamento de negócios, cooperativismo. Tem tudo isso. Fala-se muito da parte prática, mas eles têm muito essa parte teórica também.

Pesquisadora: O currículo do curso de agropecuária contempla de forma significativa o ensino regular e o ensino médio?

Entrevistada: 100%. A mesma teoria que uma escola de Estado tem no ensino médio nós temos aqui junto com o ensino técnico, a mesma base.

Pesquisadora: Quanto à estrutura pedagógica e a estrutura física da Etec Cônego José Bento, atende as necessidades de aprendizagem?

Entrevistada: Muito. Vamos começar pela parte do Ensino Médio: temos livros necessários, apostilas, professores capacitados para todos os cursos, não só no curso de agropecuária. Quando a gente especifica o curso de agropecuária, nós temos uma fazenda que tem todo um material necessário e eu falo material da parte física, estamos falando de material necessário para trabalhar com os animais ou para o trabalho com a parte vegetal. A reprodução animal aqui é feita toda artificialmente, os próprios alunos que fazem manipulação. Inclusive quando o coordenador do curso vai fazer algum trabalho nas fazendas, ele pede autorização e alguns alunos vão junto.

Pesquisadora: O horário integral é bem distribuído e justificável?

Entrevistada: Super. O curso de agropecuária não é que seja diferenciado dos outros cursos, mas, por exemplo, nós costumamos colocar as aulas bem intercaladas, para o aluno não se dedicar mais para o ensino médio e nem mais para o ensino técnico, porém na parte do curso de agropecuária, procuramos colocar as aulas práticas ou no final da manhã ou no período da tarde. Por quê? Por causa do deslocamento. O aluno leva 15 minutos para chegar à fazenda. É 15 minutos de aula e como os professores daqui são bem dedicados mesmo, os de agropecuária especificamente só dão aula nessa escola, então, eles descem para a fazenda, a aula acaba 16:20hs lá e às vezes fica até mais um pouco, porque é um processo que tem que dar continuidade. Não dá para parar uma inseminação artificial no meio do caminho e os alunos são tão dedicados que ficam às vezes. Eles sobem 17:00hs para tomar um banho, trocar de roupa e ir embora.

Pesquisadora: O aluno de agropecuária tem peculiaridades em relação aos demais estudantes de outros cursos? Justifique

Entrevistada: A parte de ensino médio, nenhuma. A parte profissionalizante sim, porque é o que eu acabei de comentar: na área de administração ou contabilidade a aula acaba 16:20hs e o professor encerra porque pode-se dar continuidade depois, já na agropecuária, numa inseminação, na plantação não dá para esperar. Então, existe essas particularidades, sim.

Pesquisadora: Qual o perfil do aluno de agropecuária integrado ao ensino médio?(visam à continuação dos estudos em nível superior, vem da agricultura familiar, pretendem ingressar no mercado de trabalho, enfim...)?

Entrevistada: Nível superior, a maioria. Agricultura familiar à minoria e mais minoria ainda o mercado de trabalho. Porque muitos vão para a faculdade e conseguem trabalhar. Conseguem conciliar os dois ao mesmo tempo, isso é possível. Agora quem tá na agricultura familiar porque precisa dessa renda, aí não consegue muitas vezes conciliar essas duas partes.

Pesquisadora: Dê que forma a escola promove, através de projetos ou outras fontes pedagógicas, a incorporação de assuntos da atualidade como: sustentabilidade, agroecologia, orgânicos, agronegócio e outros temas pertinentes?

Entrevistada: Na verdade isso faz parte da grade curricular deles. Há um complemento que são: visitas técnicas, palestras. Tem a Agrishow, que é uma feira muito famosa, os alunos daqui vão, apesar de ser longe. O professor coordenador do curso leva. Essa parte de feira quase não existe no Vale, então eles vão até lá. Tem as palestras, mas esse conteúdo específico faz parte da grade.

Pesquisadora: O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?

Entrevistada: Tem um cursinho pré-vestibular aqui em Jacareí chamado Polivest, nós tínhamos dois. Muitos alunos que estudam em escolas do Estado, como aqui é muito concorrido, vão fazer cursinho pré-vestibular e nós temos um projeto onde abrimos a escola num sábado para recebê-los e explicar sobre cada curso. Então, por experiência: o aluno vem pra prestar para administração, mas quando ele conhece os cursos, ele muda para o Meio Ambiente, por exemplo, ou vice-versa. Então, eles têm essa identidade e o contato dos jovens pelas redes sociais é muito grande. Eles conversam muito entre si, eles têm noção do que faz cada curso aqui dentro, porque um faz administração, outro amigo faz agropecuária. Então, como vão prestar o vestibulinho, eles já sabem o que eles querem. Isso contribui muito para não ter evasão. Eu trabalho o marketing, o seguinte: os meus alunos do ETIM vão até as escolas onde eles estudavam para fazer a divulgação dos vestibulinhos. Eles divulgam os cursos e tiram dúvidas antes deles prestarem o Vestibulinho e isso diminui a evasão.

Pesquisadora: A história e tradição de 80 anos da escola na formação agrícola exerce alguma influência nos alunos ou na comunidade de uma forma geral?

Entrevistada: Tem a história da tradição, mas a influência da família é com a Etec e não exatamente com o curso de agropecuária.

Pesquisadora: A escola contribui para a inserção dos alunos do curso de agropecuária no mercado de trabalho? Justifique.

Entrevistada: Sim, através do orientador vocacional, mas muito do coordenador do curso de agropecuária, por trabalhar muito fora com consultoria e aí ele vai indicando os próprios alunos daqui que estão se formando ou através de outros alunos, mas começa pelo próprio professor e muitos também ligam para cá para solicitar, por ser uma escola de referência. O orientador vocacional vai à busca, mas as empresas vêm muito até nós.

ANEXO C

Entrevista com o coordenador do curso técnico em Agropecuária do ETIM (Ensino Técnico integrado ao ensino Médio).

Pesquisadora: Fale um pouco sobre sua formação acadêmica, plano de carreira e experiência na Etec Cônego José Bento.

Entrevistado: Sou formado em ciências agrícolas pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Tenho curso de especialização em bovinos de leite pela ESALQ (Escola Superior de Agricultura “Luís de Queiroz”) em Piracicaba e pós-graduação em produção de ruminantes pela UFLA (Universidade Federal de Lavras). Leciono na Etec Cônego José Bento desde 1988, ou seja, há 29 anos.

Pesquisadora: Qual sua percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio. O ensino regular e técnico são contemplados de forma significativa? O horário integral é bem distribuído e justificável?

Entrevistado: Os conteúdos técnicos são muito restritos a poucas disciplinas, embora a carga horária do curso seja extensa. A quantidade de horas disponíveis para as disciplinas técnicas é muito reduzida e isso tem comprometido um pouco a formação profissional.

Pesquisadora: Quanto à estrutura pedagógica e a estrutura física da Etec Cônego José Bento, atende as necessidades de aprendizagem?

Entrevistado: Eu considero a estrutura física da escola boa e a estrutura pedagógica também, com restrições quanto à orientação vocacional, que eu acho inadequada.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a empregabilidade do curso técnico em agropecuária (relação de procura e oferta no mercado de trabalho no Vale do Paraíba e mais especificamente na cidade de Jacareí).

Entrevistado: A cidade de Jacareí perdeu um pouco a tradição agrícola, assim como São José dos Campos e as cidades ao entorno, no entanto os municípios do Vale do Paraíba se caracterizam por terem áreas rurais muito maiores que as áreas urbanas. Em Jacareí aproximadamente 78% do território é rural, ou seja, uma área agrícola grande, com um número de pequenos proprietários rurais também grandes, mas inexploradas. A questão da empregabilidade na região está muito mais relacionada ao “empreender”. Muitos ex-alunos saem daqui e vão tocar seus próprios negócios na área rural, não só na agricultura familiar, mas na empresarial também. A agricultura empresarial nem sempre está associada a grandes hectares de terra, mas a culturas variadas como: frutas, cogumelos, hortaliças, flores, enfim culturas presentes no Vale do Paraíba. Se você planta 3 a 4 mil metros quadrados de flores, você é um grande produtor e não pequeno.

A região do Médio Vale do Paraíba (Pindamonhangaba/Guaratinguetá) é uma região com estrutura agrícola/fundiária muito grande, embora o perfil da região venha se modificando. Os alunos têm obtido oportunidades de trabalho tanto no Vale do Paraíba, como em outras regiões. O grande problema da inserção no mercado de trabalho é que os alunos que concluem o curso são menores de idade, associado a isso a questão da obrigatoriedade na apresentação para o serviço militar, no caso dos meninos.

Pesquisadora: Em relação ao perfil de alunos que procuram o curso de agropecuária, qual a expectativa de futuro na área (significado do trabalho para o estudante do curso)?

Entrevistado: A grande maioria tem perspectiva de ingresso na universidade, sendo a área agrícola o maior foco (agronomia, veterinária e zootecnia), um grupo opta por Biologia e um número bem mais reduzido almeja a inserção imediata no mercado de trabalho.

Pesquisadora: Dos alunos que não optam pela carreira técnica, qual a relação dessa escolha com a remuneração ou com a ausência de status (muitas vezes atribuída ao ensino superior)?

Entrevistado: Essa migração para o ensino superior não se deve nem pelo status, nem pela remuneração, mas pela própria situação escolar do país que exige uma graduação. O curso superior de hoje equivale ao técnico de 20 anos atrás e o curso de pós-graduação equivale à graduação. Não que eu seja contra ou a favor, mas é a situação hoje. Não é que o ensino técnico seja fraco, é que a maioria das pessoas precisa migrar para o ensino superior para ter o mesmo conhecimento que antes.

Pesquisadora: O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?

Entrevistado: A baixa evasão no curso é um fator comum do ensino médio técnico. Não é uma exclusividade do curso de agropecuária.

Pesquisadora: O sonho do agribusiness e a intensa propaganda das oportunidades no agronegócio atingem e influenciam os alunos do curso de agropecuária?

Entrevistado: Não são fatores que induzem a escolha pelo curso, mas a agropecuária é a profissão do futuro. Nas cidades não cabe mais tanta gente. A agricultura é uma necessidade, assim como o apelo por uma vida mais saudável.

Pesquisadora: A tradição de 80 anos na formação agrícola exerce alguma influência nos alunos ou na comunidade de uma forma geral?

Entrevistado: Existe uma influência, mas não é somente esse fator. A situação presente tem um peso maior que a tradição passada. As pessoas avaliam a qualidade da escola, o número de aprovações no ENEM e questões como segurança.

Pesquisadora: De que forma a escola contribui para a inserção dos alunos no mercado de trabalho? Porque o estágio supervisionado não é obrigatório no curso de agropecuária? Seria interessante, em sua opinião? Qual a proporção de alunos por vaga oferecida no mercado?

Entrevistado: O estágio supervisionado não é obrigatório no curso de agropecuária, mas embora seja interessante, reconheço que não seria viável devido ao horário integral que não possibilita tempo hábil para o mercado de trabalho. Além disso, a pouca idade traz restrições quanto a Lei do Menor Aprendiz.

Pesquisadora: A tecnologia na agropecuária diferencia o aluno de hoje dos alunos de outras gerações? Quais os aspectos positivos e negativos (máquinas substituindo pessoas, por outro lado mais valorização e necessidade de mão de obra qualificada)?

Entrevistado: Eu acredito que o uso da tecnologia não compromete a mão-de-obra, pelo menos não a qualificada. As máquinas substituem a mão-de-obra não qualificada. É necessário pelo menos o curso técnico hoje.

Pesquisadora: 2/3 do crescimento agrícola se deve a incorporação da tecnologia, que nem sempre é incorporada na agricultura familiar, isso não só compromete o desempenho, mas ameaça a sobrevivência desse setor. Por outro lado pesquisas mostram que a escolaridade está diretamente relacionada à produtividade. Dessa forma, qual o papel da formação do técnico em agropecuária junto à agricultura familiar e de que forma esse conhecimento vem sendo aproveitado no sentido de garantir a perpetuação do pequeno proprietário?

Entrevistado: Existem grandes latifúndios com pouca tecnologia e agricultores familiares que se apoderam de muita tecnologia. A tecnologia tem um conceito muito mais amplo do que o uso de grandes maquinários agrícolas, compreendendo também o uso inteligente e funcional de técnicas e inovações produtivas. Dessa forma o papel da formação do técnico em agropecuária junto à agricultura familiar é perpetuar e disseminar os novos valores da sociedade atual. É importante absorver os novos valores da sociedade, hoje muito mais exigente. Valoriza-se mais os produtos sem veneno (agricultura orgânica). A agricultura familiar também traz alto valor agregado e muitas possibilidades: turismo rural, exploração de paisagens, enfim, todo mundo se sente com o pé na roça, mas não quer ir pra roça.

Pesquisadora: O aluno tem consciência das questões ecológicas, assuntos como sustentabilidade e necessidade de preservação ambiental? Ele pode ser considerado um precursor dessas ideias?

Entrevistado: Sim, disciplinas como: bem estar animal e agricultura orgânica trazem conteúdos adequados para o desenvolvimento dessas questões.

Pesquisadora: De que forma o curso pode ser útil para os alunos que optarem pelo ingresso no nível superior na área agrícola (zootecnia, veterinária, topografia, agronomia, etc)?

Entrevistado: Os egressos têm grandes destaques. Os alunos têm bons resultados no ENEM, além disso, conseguem acompanhar melhor os cursos de nível superior na área pela experiência prévia adquirida. Alguns colegas professores universitários que recebem nossos alunos, comentam que eles poderiam entrar no 3º bimestre (sorriso).

ANEXO D

Entrevista com o orientador vocacional do ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio).

Pesquisadora: Fale um pouco sobre sua formação acadêmica, plano de carreira e experiência na Etec Cônego José Bento.

Entrevistado: Sou sociólogo e pedagogo, sou oriundo de empresa, tenho 35 anos de atuação na área corporativa, embora tenha tido uma experiência de 3 anos em escola de formação profissional, na cidade de São Paulo, como diretor. Ingressei na Etec Cônego José Bento em 2012 através de concurso público, após minha aposentadoria.

Pesquisadora: Qual sua percepção sobre o tipo de ensino e estrutura curricular das escolas técnicas de nível médio. O ensino regular e técnico são contemplados de forma significativa? O horário integral é bem distribuído e justificável?

Entrevistado: Eu acho que são muitas matérias, em geral 16, 18 matérias. Isso tem um impacto no desenvolvimento do aluno sim. Tem uns que tem dificuldades em algumas matérias, mais facilidades em outras, mas é normal por conta até da coisa pessoal, do aluno.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre o curso técnico em agropecuária quanto à incorporação de conteúdos (teóricos e práticos) apreendidos na construção de projetos para o futuro profissional da área.

Entrevistado: Em geral a nossa pesquisa aqui na escola com alguns alunos, a programação neurolinguística que a gente aplicou aqui, né (pausa), é sempre assim: 60% dos alunos identificam muito com o fazer, praticar, habilidades do fazer e tal e um pouco menos com as atividades mais teóricas assim. Então, eu tenho passado isso para os professores também, mas em geral é muita matéria e isso tem um impacto. Agora, eles sobrevivem bem. Eu vejo né, o fato de tirar o jovem da rua, por exemplo, e mantê-lo aqui o dia inteiro é benéfico, mas ao mesmo tempo é (pausa), o que eu vejo deles é muito cansaço também, num certo momento. São jovens e também têm essa dificuldade de manter assim... Atenção durante o tempo, o foco. Os professores muitas vezes também teorizam bastante. A gente tem pedido pra eles fazerem essa diversificação de estratégia de ensino, mas também têm as dificuldades pessoais de cada professor. Então, em geral, acho que o processo que eu não conhecia, eu vim pra cá e comecei aqui com essa modificação do ETIM e acho positivo. Agora sair daqui profissional, aí já é complicado, porque eles vão ter essa carga toda de matéria do Ensino médio mais o técnico. Eles vão sair daqui com conhecimento técnico, mas aí desenvolver toda uma habilidade, trabalhar com isso, na questão, sabe? O saber total da coisa, isso nem é possível e a estrutura que a escola tem é de início, inicial, de dar noções e o cara não vai sair com formação altamente técnica mesmo. É um conhecimento inicial e os empresários que têm me procurado aqui, eles têm noção disso e sabem que é um conhecimento básico mesmo que o cara vai ter e os que me procuram aqui já sabem disso.

Pesquisadora: Quanto à estrutura pedagógica e a estrutura física da Etec Cônego José Bento, atende as necessidades de aprendizagem?

Entrevistado: Então, é mais ou menos isso que a gente viu: noções iniciais eles vão ter,

porque como tem a fazenda aqui, como tem os animais aqui, como tem os professores dessa parte técnica que se preocupam com esse conteúdo inicial, a carga horária, eu vejo que eles conseguirão ter uma base de conhecimento inicial para o negócio. Eu acho que a estrutura dá essa condição, cooperativa dá esse início e tal. O aluno, claro que vai também do desenvolvimento de cada um, das 18,16 matérias, por aí, eles vão se enquadrando e saindo melhor em umas e outras e aí vai.

Eu acho que eles vão ter conhecimentos básicos. Eu vejo também que o empresário que vem aqui sabe disso, até já conhece por tradição essa escola e mesmo por saber que qualquer entidade que você fale de jovens profissionalmente sabe que vai ter esse início, ele não vai chegar lá com tecnologia de ponta, sabendo disso. E comportamento, né. O que a gente tem trabalhado aqui e isso a gente tem procurado fazer é a questão de prepará-los comportamentalmente para essa coisa do mercado de trabalho. As vagas que recebo aqui, os empresários que nos procuram, a gente tem feito essa ponte: o que o empresário quer e o que o aluno pode oferecer, então, a gente sempre trabalha com essa possível identificação. Nenhum empresário me pede, nem eu vou lá fazer teste técnico com aluno. Eles farão isso lá na entrevista, no processo deles. O que me pedem aqui, não é aluno pronto para a tecnologia, o que pedem aqui, é o aluno que tenha foco, que queira alguma coisa, que esteja a fim de um objetivo e que mostre isso durante o período em que ele está cursando, mediante frequência. Então, como eu faço essa ponte, aí é o meu momento de orientar o aluno, porque esse é o meu foco aqui, um dos principais: prepará-los para esse momento do mercado de trabalho e o ETIM fica um pouco defasado nesse aspecto. Por que? Porque não tem horário pra fazer estágio, não tem tempo.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a empregabilidade do curso técnico em agropecuária (relação de procura e oferta no mercado de trabalho no Vale do Paraíba e mais especificamente na cidade de Jacareí).

Entrevistado: Agora, por exemplo, tá acontecendo aqui de ter três empresários interessados nos nossos alunos que estão se formando, dos terceiros de agropecuária. Então, eu estou fazendo está ponte dos melhores alunos do curso com os empresários. Esses empresários são próximos, da microrregião aqui. Então é, Jacareí, é Santa Branca e até Mogi, por exemplo, dá pra atender. Eles nos procuram. Das agrícolas que existem, essa é a única aqui na região. Eles procuram e a gente também tem nosso nome. Muitos foram alunos aqui também, fazem a divulgação do trabalho da escola e muitos nos procuram e indicam para outros e assim por diante. E agora nos temos alguns procurando e a gente está indicando alguns alunos, os melhores dessa turma que está se formando aqui. O primeiro ETIM que está se formando desse terceiro técnico, que começou lá, há três anos. Têm uma primeira turma se formando agora e dessa turma de agropecuária tem aí, 38 alunos e aí a gente está pegando pelo menos três, com melhor conduta, com melhor desempenho de presença, frequência e desempenho de nota e tal, consultando também os professores e mesmo o meu trabalho de acompanhamento com eles em termos de comportamento. Eles dão muito trabalho. O agropecuária tem essa característica, os alunos dão bastante trabalho e aí a gente consegue nesse período ter um histórico dos alunos. Então, eu vou pegando esses de comportamento melhor, de foco melhor, de nota melhor, de frequência melhor e a gente conversa e eu oriento e o empresário tem essa possibilidade de conversar com eles, identificar ali o que se adapta melhor.

Pesquisadora: Em relação ao perfil de alunos que procuram o curso de agropecuária, qual a expectativa de futuro na área (significado do trabalho para o estudante do curso)?

Entrevistado: Aí, o que eu percebo em alguns momentos que a gente fez orientação vocacional com eles, um percentual de alunos que pretende isso, né, ou seja, agronomia,

veterinária, mas tem muita pretensão variada. Tem aluno aqui que pretende fazer Educação Física, ou quer fazer Direito, outro quer fazer Psicologia, enfim, são áreas diversificadas dentro do próprio métier do curso. Agora, eu vejo, dos 38, 37 que estão se formando, um percentual maior é pra área de veterinária, agronomia, zootecnia ou algo parecido, mas tem uma boa parte que não vai seguir essa área.

Pesquisadora: Qual a perspectiva dos alunos do curso de continuar os estudos em nível superior?

Entrevistado: A grande maioria se preocupa com o que fazer na universidade e não essa coisa de onde eu vou procurar o meu trabalho. “O senhor que tem aqui essa relação com o mercado de trabalho, o que eu posso pretender, o que o senhor pode me ajudar?” Isso são poucos interessados.

Pesquisadora: Dos alunos que não optam pela carreira técnica, qual a relação dessa escolha com a remuneração ou com a ausência de status (muitas vezes atribuída ao ensino superior)?

Entrevistado: Não saberia te dizer precisamente, mas pode ser por questão de status, por questão de família. O primo veio aqui e hoje está na universidade, foi muito bem aqui na escola e conseguiu a universidade tal e eles têm isso na família. A escola tem 80 anos e pelo fato do grosso dos nossos alunos, a grande maioria dos nossos alunos serem de Jacareí, os alojamentos têm poucos alunos. Então, como são da cidade, tem também esse histórico dos 80 anos. Eles têm isso, como parentes, primo que já estudou, com o tio e outras pessoas mais.

Pesquisadora: Qual a relação dos alunos com a agricultura familiar, de que forma e em que proporção essa relação influencia na escolha pelo curso?

Entrevistado: A grande maioria mora na cidade, aqui em Jacareí. Está estudando porque gostou da área por algum motivo, não necessariamente porque o parente tem fazenda ou sítio e quer seguir essa área. Tem uma parte que tem essa pequena propriedade aqui próxima, tem algum parente que tem e também tem aqueles que não têm nada a ver com isso e estão aí fazendo o Ensino Médio e o técnico porque estão juntos e vieram pela agropecuária, mas querem sair daqui e querem fazer um curso universitário, não necessariamente ligado à área.

Pesquisadora: O que justifica a constante procura e a baixa evasão no curso?

Entrevistado: A nossa evasão aqui, ela não é no ensino médio, no ensino integrado. A nossa evasão aqui é no curso modular. Como a escola atende os alunos que pretendem ingressar nas universidades, muitos conseguem entrar em instituições próximas. Conseguem bolsa integral pelo ENEM, porque foram bem. Acham que é uma área que gostariam de fazer. Alguns vêm porque muitos falam que o curso de agropecuária é menos concorrido aqui.

Pesquisadora: O curso de Agropecuária se diferencia dos demais cursos oferecidos pela escola?

Entrevistado: O aluno de agropecuária é entre aspas mais rebelde. Não sei dizer o porquê. É o perfil, tem sido assim.

Pesquisadora: De que forma a escola contribui para a inserção dos alunos no mercado de trabalho? Porque o estágio supervisionado não é obrigatório no curso de agropecuária? Seria interessante, em sua opinião? Qual a proporção de alunos por vaga oferecida no mercado?

Entrevistado: As empresas procuram e a gente faz a intermediação. Eu não acho interessante o estágio supervisionado. Eu acho que ele daria um grande problema porque o aluno não vai ter isso para comprovar, já se mostrou isso no passado. Eu não estava aqui, mas eu tenho histórico dos alunos que até hoje vem aqui porque ficaram devendo carga horária de estágio, então isso não contribui em nada. É difícil ter dados de retorno do aluno. Eles não vêm, são poucos que retornam para dar um feedback. A gente tem um número que varia hoje como expectativa e como realidade de um momento atrás, então, a gente trabalha com 10%. Como a gente sabe que o ETIM não tem mercado de trabalho por conta de carga horária, só vai ter nesse 3º módulo, no terceiro ano, aí ele está com 17 anos, só que aí tem a universidade que ele quer, tem o tiro de guerra e os compromissos que ele não está livre ainda e que para a empresa pode ser um impedimento. O empresário vai ter que correr esse risco dele ter que frequentar o tiro de guerra, o exército e aí fica um problema para ele e para a carga horária na empresa. Então, essas coisas fazem do ETIM um foco meio diferente, para a universidade mesmo. Diferente do modular.

Pesquisadora: Como é feita a seleção das vagas para as instituições e como a escola faz essa intermediação?

Entrevistado: Em princípio o professor é consultado, mas às vezes não dá tempo não. Eu vou pelo meu cadastro, pelo desempenho do aluno e converso com ele aqui. Faço teste, eu entrevisto aqui, faço um processo, o faço fazer uma carta. Isso antes do processo da empresa. Falo de vestimenta, entrevista, sobre perfil. Inclusive quando ele chega aqui pra falar comigo, eu já aviso que ele vem como candidato e não como aluno. Eu avalio tudo isso. E alguns alunos se tornam estagiários da própria escola, auxiliando na manutenção, cuidando dos animais, enfim.

Pesquisadora: O aluno tem consciência das questões ecológicas, assuntos como sustentabilidade e necessidade de preservação ambiental? Ele pode ser considerado um precursor dessas ideias?

Entrevistado: No curso de meio ambiente é mais, mas dentro das preocupações com relação ao ambiental, isso inclui impactos, como o próprio manuseio de agrotóxicos, eles têm isso dentro das matérias, das disciplinas específicas do curso de agropecuária.

Pesquisadora: De que forma o curso pode ser útil para os alunos que optarem pelo ingresso no nível superior na área agrícola (zootecnia, veterinária, topografia, agronomia, etc)?

Entrevistado: Isso comprovadamente. Até no passado, os alunos conseguiram ESALQ e outras universidades mais concorridas e concorreram bem por conta de ter alguma noção da área. Eles têm facilidades de ingresso pelo ensino médio e vantagens ao ingressarem e durante o curso superior graças ao ensino técnico.

Pesquisadora: Como orientador educacional e tendo os alunos do ensino técnico de nível médio pouca idade, eles apresentam maturidade para escolher uma carreira? Eles mostram essa convicção? Dê que forma a orientação vocacional pode auxiliá-los?

Entrevistado: Orientar vocacionalmente não significa que o aluno sai daqui pronto para ser um psicólogo, um advogado, não tem isso. Porque a gente vai facilitar, dentro do seu perfil os

caminhos que ele poderia se sair melhor, mas normalmente as dúvidas continuam. Agora, aqueles que já vêm com certa tendência para tal área, a gente coloca isso, as tendências dos cursos novos. Algumas universidades mandam pra gente uns prospectos, eles olham. Eu sugiro a eles que pesquisem bastante via internet, isso tem bastante no mercado. A gente ajuda e colabora para estreitar um pouco aquilo que eles têm como leque muito aberto. Às vezes, eles vêm aqui gostando de exatas, humanas, de artes cênicas. Eles então fazem um teste de perfil, se colocam um pouco. Eles verificam quais as suas tendências pessoais e saem pra refletir.



ANEXO E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO MENORES DE 18 ANOS

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: Educação Profissional e o Ensino Técnico em Agropecuária: um estudo etnográfico da escola Cônego José Bento – Jacareí – SP e sua seleção foi por conveniência.

Acreditamos que sua participação seja importante porque contribuirá para uma pesquisa sobre o curso de agropecuária ministrado pela Etec Cônego José Bento, assim como a relevância do curso para a região.

A sua participação no referido estudo será **de responder ao questionário de pesquisa**.

Esclarecemos, contudo, que sua participação não é obrigatória. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição proponente.

Os objetivos deste estudo são: identificar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba; analisar a visão de egressos do ensino técnico agrícola quanto às influências na formação e profissionalização; caracterizar o estágio atual do curso técnico em agropecuária promovido pela escola Cônego José Bento, quanto a sua estrutura e funcionamento.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade.

A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado.

Profº Drº Roberto Kanaane
Orientador
e-mail: kanaanhe@gmail.com

Ivone Barbosa Targa
Aluna pesquisadora
e-mail: ivonebarbosatarga@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Idade:	Sexo: M () F ()
Dados do responsável pelo participante da pesquisa	
Nome:	
Telefone:	

Assinatura do responsável legal
do participante da pesquisa

Sujeito da Pesquisa
Assinatura



ANEXO F

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: Perspectivas do curso técnico em agropecuária: um estudo etnográfico da escola Cônego José Bento – Jacareí – SP e sua seleção foi por conveniência.

Acreditamos que sua participação seja importante porque contribuirá para uma pesquisa sobre o curso de agropecuária ministrado pela Etec Cônego José Bento, assim como a relevância do curso para a região.

A sua participação no referido estudo será de **responder ao questionário de pesquisa**.

Esclarecemos, contudo, que sua participação não é obrigatória. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição proponente.

Os objetivos deste estudo são: identificar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba; verificar a visão de egressos do ensino técnico agrícola quanto às influências na formação e profissionalização; caracterizar o estágio atual do curso técnico em agropecuária promovido pela escola Cônego José Bento, quanto a sua estrutura e funcionamento.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade.

A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado.

ProfºDrºRoberto Kanaane

Orientador

e-mail: kanaanhe@gmail.com

Ivone Barbosa Targa

Aluna pesquisadora

e-mail: ivonebarbosatarga@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Idade:	Sexo: F () M ()

 Sujeito da Pesquisa
 Assinatura

www.cps.sp.gov.br



ANEXO G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: Perspectivas do curso técnico em agropecuária: um estudo etnográfico da escola Cônego José Bento – Jacareí – SP e sua seleção foi por conveniência.

Acreditamos que sua participação seja importante porque contribuirá para uma pesquisa sobre o curso de agropecuária ministrado pela Etec Cônego José Bento, assim como a relevância do curso para a região.

A sua participação no referido estudo será de **opinar através de uma entrevista semiestruturada sobre o tema proposto.**

Esclarecemos, contudo, que sua participação não é obrigatória. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição proponente.

Os objetivos deste estudo são: identificar a relevância da formação em nível técnico de 2º grau no curso de agropecuária sob a perspectiva sócio-econômica-cultural para a região do Vale do Paraíba; verificar a visão de egressos do ensino técnico agrícola quanto às influências na formação e profissionalização; caracterizar o estágio atual do curso técnico em agropecuária promovido pela escola Cônego José Bento, quanto a sua estrutura e funcionamento.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade.

A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado.

Profº Drº Roberto Kanaane
Orientador
e-mail: kanaanhe@gmail.com

Ivone Barbosa Targa
Aluna pesquisadora
e-mail: ivonebarbosatarga@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Idade:	Sexo: F () M ()

Sujeito da Pesquisa
Assinatura

www.cps.sp.gov.br

